



Práticas de Linguagem

gêneros discursivos
e interação

Niura Maria Fontana
Neires Maria Soldatelli Paviani
Isabel Maria Paese Pressanto



Práticas de linguagem:

gêneros discursivos e interação

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

João Paulo Reginatto

Vice-Presidente:

Roque Maria Bocchese Grazziotin

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Prof. Isidoro Zorzi

Vice-Reitor:

Prof. José Carlos Avino

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa:

Prof. José Clemente Pozenato

Coordenador da Educs:

Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Flávio Gianetti Loureiro Chaves

Gilberto Henrique Chissini

Jayme Paviani

José Clemente Pozenato (presidente)

José Luiz Piazza

José Mauro Madi

Luiz Carlos Bombassaro

Paulo Fernando Pinto Barcellos

Niura Maria Fontana
Neires Maria Soldatelli Paviani
Isabel Maria Paese Pressanto

Práticas de linguagem:

gêneros discursivos e interação



EDUCS

© das autoras

Capa: Carla Luzzatto

Revisão: Izabete Polidoro Lima

Editoração: Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

F679p Fontana, Niura Maria

Práticas de linguagem : gêneros discursivos e interação / Niura Maria Fontana, Neires Maria Soldatelli Paviani, Isabel Maria Paese Pressanto. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2009.

243 p.: il.; 28 cm. (Coleção Genera)

Apresenta bibliografia

ISBN 978-85-7061-533-6

1. Linguagem. 2. Leitura. 3. Produção de textos. I. Paviani, Neires Maria Soldatelli. II. Pressanto, Isabel Maria Paese. III. Título.

CDU: 81'23

Índice para o catálogo sistemático:

1. Linguagem	81'23
2. Leitura	028
3. Produção de textos	81'36:651.75

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Kátia Stefani – CRB 10/1683

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95001-970 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br





**Natureza: nosso abrigo.
Olhos janelas
Abrem horizontes infinitos.**

Neires M. S. Paviani

Colaboradoras*:

Graziella Turella
Jaqueline Ana Faria Lenzi
Luana Tiburi Dani Gauer
Marinilde Ferreira de Castilhos
Samira Dall Agnol
Silvia Rachel de Castilhos Duso

*As colaboradoras participaram da produção e organização da obra como bolsistas de iniciação científica.

AGRADECIMENTOS

A realização deste livro só foi possível devido à decisiva contribuição de pessoas e entidades, às quais expressamos nosso melhor reconhecimento. Agradecemos à Universidade de Caxias do Sul, por acolher o projeto de pesquisa do qual o livro se originou, assim como sua publicação; às empresas Timo e Seccare, representadas por seus diretores Marco Antonio Fontana e Pablo Fontana, por copatrocinar esta edição, às professoras Marta Gobatto e Bernardete Soldatelli Oliboni e seus alunos, por terem contribuído com os dados para a pesquisa; à Fapergs, UCS e às empresas Valtec e Timo, pela concessão de bolsas de iniciação científica às bolsistas; ao professor Adalberto Dornelles, pela assessoria estatística, à Vanessa de Almeida França e à Luísa Verza, pela ajuda técnica, e a todos que, direta ou indiretamente, facilitaram a realização do trabalho. Ainda, expressamos nossa gratidão a nossos familiares, pelo constante estímulo e pela interlocução. Em especial, agradecemos a autorização de uso gratuito de textos e imagens às seguintes entidades: UCS, CST, MP Publicidade, Samae, Editora Abril, Editora Cultrix, Editions CLM, Editora Moderna, WWF Brasil, Zero Hora, Pioneiro e Banco Real; aos autores Manoel Jesus, René Capriles, Vicente Sartor, Cláudia Teixeira Panarotto, Suzana De Conto, Jayme Paviani, Maria do Carmo Sartori; ao fotógrafo Álvaro Pressanto e aos cartunistas Ronaldo e Iotti.

SUMÁRIO

Mapa dos tópicos de aprendizagem / **12-13**

Apresentação / **15**

Introdução / **19**

Sequência 1 / **23**

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio e levantamento de hipóteses*) / **24**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de texto publicitário*) / **24**

Explorando mecanismos de linguagem (*crase, pontuação, paráfrase*) / **28**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **29**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de texto publicitário*) / **29**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **32**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **33**

Sequência 2 / **35**

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio*) / **36**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de folheto*) / **37**

Explorando mecanismos de linguagem (*modos de organização discursiva, níveis de linguagem, estratégias de redução textual*) / **38**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **42**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de cartilha*) / **42**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **47**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **48**

Sequência 3 / **49**

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio*) / **50**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de carta argumentativa*) / **52**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de ofício*) / **55**

Explorando mecanismos de linguagem (*metáfora, uso de gerúndio, coesão textual, argumentação*) / **59**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **61**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **61**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **62**

Sequência 4 / **63**

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio, relato*) / **64**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de conto*) / **64**

Explorando mecanismos de linguagem (*modos de organização discursiva, tempos verbais do mundo narrado, linguagem figurada*) / **69**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **71**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de pergunta/resposta e de tira*) / **71**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **74**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **75**

Sequência 5 / 77

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio e de informação*) / **78**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de editorial*) / **78**

Explorando mecanismos de linguagem (*níveis de linguagem, denotação e conotação, mecanismos argumentativos*) / **80**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **82**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de editorial*) / **83**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **85**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **85**

Sequência 6 / 87

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio e levantamento de hipóteses*) / **88**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de artigo de opinião*) / **89**

Explorando mecanismos de linguagem (*mecanismos argumentativos, pontuação, definição, aspecto verbal*) / **92**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de artigo de opinião*) / **94**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **96**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **98**

Sequência 7 / 99

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio e levantamento de hipóteses*) / **100**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de resenha*) / **102**

Explorando mecanismos de linguagem (*referenciadores e articuladores, sinônima, verbos de citação, resumo, paráfrase*) / **103**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **105**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de resenha*) / **105**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **111**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **111**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **112**

Sequência 8 / 113

Preparando a leitura (*ativação de conhecimento prévio*) / **114**

Construindo os sentidos do texto (*leitura de ensaio*) / **122**

Explorando mecanismos de linguagem (*mecanismos argumentativos, referência e sequenciação, sinônima*) / **123**

Relacionando texto e realidade (*reflexão crítica e ação*) / **125**

Ampliando a rede de leitura (*leitura de ensaio*) / **127**

Produzindo textos em cadeia (*projetos de trabalho*) / **129**

Analisando o próprio processo de leitura (*metacognição aplicada à leitura*) / **130**

Continuidade de percurso / 131

Meu percurso de leitura / **132**

Apontamentos teóricos / 133

1 Estratégias de leitura / **134**

2 Gêneros textuais/discursivos / **136**

Charge / **137**

Anúncio publicitário / **138**

Folheto de divulgação /	139
Verbetes /	140
Carta argumentativa /	141
Ofício /	142
Conto /	143
Tira /	144
Pergunta/resposta /	145
Editorial /	146
Artigo de opinião /	147
Resenha /	148
Ensaio /	149
3 Modos de organização discursiva (tipos de discurso) /	150
Modo do relato /	150
Modo narrativo /	150
Modo descritivo /	151
Modo expositivo /	152
Modo diretivo (injuntivo) /	153
Modo argumentativo /	153
Argumentação /	154
Operadores argumentativos /	156
4 Funções da linguagem /	159
5 Níveis de linguagem /	161
6 Estratégias de redução textual /	166
Esquema /	166
Resumo /	168
7 Mecanismos de coesão textual: referenciação e sequenciação /	172
Referenciação /	172
Sequenciação /	174
Paráfrase /	176
Paralelismo /	177
Metáfora /	178
Verbos de citação e expressões de conformidade /	178
8 Mecanismos gramaticais /	180
Uso da crase /	180
Uso da vírgula /	182
Emprego dos tempos e modos verbais /	184
Emprego do gerúndio /	188
Fontes de consulta /	189
Material utilizado como recurso pedagógico /	192
Para saber mais /	193
Epílogo /	197
Ampliando horizontes /	198
Quadro de referência das respostas /	209
Apresentação /	210

Mapa de tópicos e estratégias de aprendizagem

Sequência	Rede temática	Gêneros dos textos lidos	Domínios sociais da comunicação	Aspectos linguístico-textual-discursivos
1	Responsabilidade ecológica	<ul style="list-style-type: none">Anúncio publicitário	<ul style="list-style-type: none">Manutenção e transmissão de valores culturais e sociais	<ul style="list-style-type: none">CraseMecanismos de coesão textual (paralelismo)Funções da linguagem (manipulativa e imaginativa)Aspectos da argumentaçãoParáfrasePontuação: uso da vírgula
2	Economia de água	<ul style="list-style-type: none">Folheto de divulgaçãoCartilha	<ul style="list-style-type: none">Descrição e prescrição de condutasManutenção e transmissão de valores culturais e sociais	<ul style="list-style-type: none">Modos de organização discursivaFunções da linguagem (manipulativa e imaginativa)Estratégias de redução textualNíveis de linguagem
3	Relação do ser humano com o meio ambiente	<ul style="list-style-type: none">Carta argumentativaOfício	<ul style="list-style-type: none">Discussão de problemas sociais controversos	<ul style="list-style-type: none">Funções da linguagem (manipulativa e imaginativa)Modos de organização discursivaArgumentaçãoCoesão textualMetáfora/gerúndio
4	Degradação ambiental	<ul style="list-style-type: none">ContoTiraPergunta/Resposta	<ul style="list-style-type: none">Cultura literária ficcional	<ul style="list-style-type: none">Níveis de linguagemFunções da linguagem (imaginativa)Tempos verbais (mundo narrado)
5	Poluição urbana	<ul style="list-style-type: none">Editorial	<ul style="list-style-type: none">Discussão de problemas sociais controversos	<ul style="list-style-type: none">Funções da linguagem (ideacional)Mecanismos argumentativosGêneros textuaisNíveis de linguagemDenotação e conotação
6	Poluição e uso racional da água	<ul style="list-style-type: none">Artigo de opinião	<ul style="list-style-type: none">Discussão de problemas sociais controversos	<ul style="list-style-type: none">Mecanismos argumentativos (teses e argumentos)PontuaçãoReferenciaçãoSinonímiaAspecto verbalDefinição
7	Problemas ecológicos e soluções	<ul style="list-style-type: none">Resenha	<ul style="list-style-type: none">Manutenção e transmissão de saberes	<ul style="list-style-type: none">Referenciadores e articuladoresVerbos de citaçãoConectoresSinonímiaPontuação (aspas)ResumoParáfrase
8	Visão sistêmica do universo	<ul style="list-style-type: none">Ensaio	<ul style="list-style-type: none">Discussão de problemas sociais controversos	<ul style="list-style-type: none">ReferenciaçãoSequenciadores/articuladoresArgumentação (operadores argumentativos e índices de avaliação)

Habilidades cognitivas	Estratégias de leitura	Gêneros escritos produzidos	Gêneros orais produzidos
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Compreensão • Análise • Síntese • Comparação • Relacionamento • Avaliação • Compreensão de jogos de linguagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Antecipação • Formulação de hipóteses • Compreensão de elementos paratextuais • Integração das partes no todo • Identificação do enunciador • Formulação de inferências 	<ul style="list-style-type: none"> • Respostas às questões propostas • Anotações a partir de textos lidos • Reescrita dos textos lidos • Carta • <i>E-mail</i> • Anúncio publicitário 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo argumentativo
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Compreensão • Análise • Avaliação • Comparação • Síntese 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Compreensão de elementos paratextuais • Identificação da presença de humor • Identificação do enunciador • Levantamento de hipóteses • Identificação do receptor 	<ul style="list-style-type: none"> • Anúncio publicitário • Folheto de divulgação de campanha • <i>E-mail</i> • Charge • Lista de instruções 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo argumentativo
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Análise • Compreensão • Avaliação • Síntese • Aplicação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Identificação de contextualizadores • Identificação de teses e argumentos • Posicionamento crítico 	<ul style="list-style-type: none"> • Carta argumentativa • Comentário crítico • Resenha • Charge • Poema 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo argumentativo
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Análise • Síntese • Aplicação • Avaliação • Compreensão 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Apreensão de aspectos estéticos contidos no mundo ficcional • Discernimento do mundo real e do mundo ficcional • Inferência da sensibilidade e imaginação 	<ul style="list-style-type: none"> • Relato • Conto • Carta • <i>E-mail</i> • Reportagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo argumentativo
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Análise • Síntese • Aplicação • Avaliação • Compreensão 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Inferência • Levantamento de informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial • Esquema • Carta ao jornal • Verbete 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação oral de história • Diálogo argumentativo
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Compreensão • Aplicação • Análise • Síntese • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Inferência • Identificação das ideias centrais e secundárias • Condensação 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo de opinião • Carta do leitor • <i>E-mail</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo argumentativo
<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão • Análise • Síntese • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Inferência • Identificação das ideias centrais e secundárias • Interligação/associação de conceitos • Efeitos reflexivo-interativos da leitura na realidade do leitor 	<ul style="list-style-type: none"> • Resenha • Entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> • Depoimento/ relato oral • Entrevista
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Compreensão • Aplicação • Análise • Síntese • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ativação do conhecimento prévio • Inferência • Identificação das ideias centrais e secundárias • Interligação/associação de conceitos • Efeitos reflexivo-interativos da leitura na realidade do leitor 	<ul style="list-style-type: none"> • Miniensaio 	<ul style="list-style-type: none"> • Seminário sobre sustentabilidade

APRESENTAÇÃO

*Caros professor e aluno!*¹

Esta obra surgiu como decorrência de pesquisa realizada na Universidade de Caxias do Sul, em 2004 e 2005. Nesse período, fizemos um levantamento das habilidades de leitura de alunos universitários, constatamos algumas dificuldades e testamos formas de superá-las. E aqui estão algumas das estratégias possíveis de serem adotadas para promover o desenvolvimento de leitores mais competentes, capazes de interagir com os autores e com seus textos, estabelecendo também associações com a realidade. Esperamos que todos tirem o máximo proveito do que está sendo proposto.

O material que chega às suas mãos apresenta, basicamente, a seguinte estrutura:

- O núcleo temático eleito foi o da *responsabilidade ecológica*, por ser um assunto atual, de extrema relevância, que merece destaque por dizer respeito a todos os cidadãos e que deve obrigatoriamente fazer parte de nosso repertório de leitura, devido à gravidade dos problemas que se verificam em nosso planeta e à urgência de se incitar nos cidadãos a consciência de cooperarem com o equilíbrio de nosso *habitat* natural.
- As práticas de linguagem propostas são baseadas em gêneros textuais/discursivos distintos: a charge, a tira, o anúncio publicitário, o folheto, a carta, o ofício, o conto, a tira, a pergunta/resposta, o editorial, o artigo de opinião, a resenha e o ensaio.
- O material é apresentado na forma de sequência didática, composta por uma reflexão inicial a partir de charge,

¹ Por uma questão de praticidade, estamos usando a forma do gênero masculino, mas, com isso, incluímos também o gênero feminino.

seguida de *atividades de pré-leitura ou contextualização (Preparando a leitura)*, de *leitura-descoberta (Construindo os sentidos do texto)*, seguidas de atividades de *pós-leitura (Ampliando a rede de leitura e Relacionando texto e realidade)* e tarefas de *interação (Produzindo textos em cadeia)*. Além disso, há uma seção que focaliza os mecanismos de linguagem e, ao final da sequência, uma atividade de metacognição (*Analisando o próprio processo de leitura*). A *pré-leitura* propicia ao aprendiz buscar em seu conhecimento prévio dados que lhe permitam construir os sentidos dos textos com os quais irá interagir posteriormente. Nas atividades de *leitura* propriamente dita, são propostos desafios que envolvem compreensão e interpretação de textos de gêneros variados, conforme o exposto no primeiro item. O propósito da seção de *pós-leitura (Ampliando a rede de leitura)* é instigar o leitor a estabelecer inter-relações temáticas e discursivas, por meio do estudo de um novo texto pertencente ao gênero em foco, bem como entre texto e realidade, estimulando o aluno a desenvolver seu senso crítico. Na seção subsequente (*Produzindo textos em cadeia*), o aprendiz é convidado a elaborar um texto pertencente ao gênero em foco na sequência, entre outros sugeridos, num contexto de comunicação real ou quase real, integrando um projeto de trabalho, com um produto final socializável. A partir daí, pode ser produzida uma constelação de gêneros, com o objetivo de promover, em sentido amplo, a competência discursiva dos alunos. Cabe alertar que, nesta obra, o foco incide sobre atividades de leitura; assim, as atividades de produção de textos orais e escritos surgem como decorrência natural da interação que a leitura deve suscitar, não havendo para as últimas um tratamento didático específico. Esse conjunto de atividades busca oportunizar o desenvolvimento da autonomia dos aprendizes enquanto autores/atores sociais que realizam ações de linguagem (e não apenas de alunos que exercitam habilidades linguísticas).

- Após as práticas com o texto, apresentamos uma seção denominada **Apontamentos teóricos**, que contém informações sobre tópicos teóricos necessários para a boa resolução dos desafios propostos. Essas informações, que servem de suporte para as práticas orais e escritas, encontram-se separadas para que o leitor as consulte sempre que precisar, ou a critério do professor.
- Baseadas na convicção de que o aprendiz constrói seu próprio trajeto como leitor, fornecemos o que denominamos *meu percurso de leitura*, ou seja, uma planilha na qual o aprendiz irá registrar tudo o que lhe chamou a atenção sobre o tema *ecologia*. Incluímos também algumas sugestões de fontes de leitura em sentido amplo, que podem ser acessadas pelo aprendiz. São elas: filmes, livros, programas de TV, interessantes e importantes para a formação de opinião crítica.

Pensamos em várias formas de utilização deste livro, dependendo do público-alvo e dos objetivos. O material poderá servir a muitos propósitos: ser usado, no todo ou em parte, como livro-texto para o desenvolvimento de atividades interativas de leitura e de produção oral e escrita, no sentido de oportunizar o desenvolvimento de práticas de letramento aos alunos ingressantes no Ensino Superior; servir, em parte (as primeiras sequências), como suporte para o final do Ensino Médio; exercer o papel de referencial para os professores, com sugestões de textos e de tarefas ou projetos ou, ainda, de subsídios teóricos (que poderão ser aprofundados e rediscutidos); oportunizar análise e debate em

programas permanentes de educação pedagógica e, em algum grau, contribuir para a discussão de temáticas ambientais, conscientizando alunos e professores, incentivando-os a se engajarem em ações autossustentáveis.

Um lembrete aos professores que forem usar este material se faz necessário: os textos didatizados no livro foram produzidos antes da reforma ortográfica. Assim, embora as exposições didáticas e as práticas propostas estejam em conformidade com as novas regras, os textos usados para leitura, exemplos e prática, não. O contraste entre a norma vigente e a anterior poderá ser explorado pedagogicamente.

Para finalizar, partimos do pressuposto de que as práticas de leitura e de produção oral e escrita, vistas como práticas de letramento, são indispensáveis nas mais variadas situações sociais, permitindo interações vitais com os interlocutores. A leitura e a escrita são formas de agir na vida social, de modo crítico e autônomo, com base em princípios éticos de cooperação e justiça, buscando, por um lado, assegurar os direitos de cada um e, por outro, ratificar que os deveres também sejam cumpridos com responsabilidade.

Somos parceiros nesta aventura (de ler o mundo para entender os textos, ou de ler os textos para reler a realidade e agir no mundo).

Boa sorte nesta jornada!

As autoras

INTRODUÇÃO

1 Leitura, escrita e produção oral como práticas sociais

Ler e escrever são formas de agir em sociedade, a partir da visão da linguagem como um conjunto de práticas sociais, condicionadas pelo contexto cultural, usadas pelos falantes para realizar seus propósitos de comunicação. Como explica Duranti (2000), baseado em Vals (2000), o significado que as formas linguísticas tomam em contextos específicos de uso revela as visões de mundo e os modos de interação entre os interactantes. O que se está tentando dizer é que ler e escrever não são mera questão linguística: a concretude do texto nos permite construir sentidos e compreensões que têm raízes na cultura e no processamento cognitivo-afetivo desse texto.

Ler e escrever são competências do letramento (SOARES, 2004), já que pressupõem a habilidade de usar a leitura e a escrita para suprir as necessidades da vida diária em sociedade. Em outras palavras, nesse caso, leitura e escrita são vistas como práticas sociais, inseridas na vida dos falantes. Por isso mesmo, não podem restringir-se ao âmbito das atividades didáticas em sala de aula, embora essas também constituam práticas sociais legítimas nesse ambiente discursivo.

Ler corresponde a uma construção social de sentidos (MUSSALIM, 2004), já que põe em situação de diálogo pelo menos autor e leitor, além de provavelmente veicular outras vozes. Escrever também é uma ação dialógica, pois a comunicação verbal escrita visa a atingir objetivos concretos na vida prática, endereçando-se a um interlocutor.

2 Língua: dois pontos de vista

Concepções de língua e texto constituem importantes balizadores para abordagens do ensino da leitura e da produção oral e escrita, que podem beneficiar-se com compreensões teóricas mais alargadas e abrangentes para fundamentar a ação pedagógica. Do mesmo modo, a experiência pedagógica pode retroalimentar a construção teórica.

As concepções de língua passaram, ao longo da história, por vários estágios, desde a visão de língua como código até a visão de língua como atividade sociocognitiva historicamente situada. Essas duas grandes tendências podem ser assim resumidas: (a) língua como sistema, isto é, “conjunto abstrato de signos e de regras”, desconsiderando o contexto de situação das trocas verbais e (b) língua como “sistema-em-função”, ou seja, como ação ou atividade interativa, inserida num contexto determinado de comunicação (ANTUNES, 2003, p. 41). Dizer isso significa que estudar a língua equivale a desenvolver a habilidade de interagir discursivamente por meio dela, buscando os suportes linguísticos e textuais necessários.

Na verdade, esse “duplo estatuto da língua”, para usar a terminologia de Bronckart (2003), precisa ser compreendido como as duas faces da mesma moeda, pois as produções verbais são concretizadas por mecanismos linguísticos à disposição dos falantes no sistema da língua.

3 Gêneros e modos de organização discursiva

Hoje a ideia de que toda comunicação verbal ocorre por meio de textos (numa visão bakhtiniana) não é mais contestada. A essa ideia soma-se a constatação de que os textos agrupam-se, assumindo características comuns que permitem o seu reconhecimento pelos falantes de determinada comunidade, assim como a sua produção. Pode-se, assim, entender o gênero como um princípio organizador das nossas ações de linguagem, uma espécie de “modelo abstrato” (de acordo com Bronckart, 2003), mas não um modelo rígido, pois os gêneros se modificam e são criados pelas necessidades comunicativas dos falantes, assumindo as marcas dos ambientes e da cultura em que circulam. Além disso, pelo uso recorrente, eles se tornam aceitos e passam a ser praticados nas diversas esferas de atividades sociais. De certo modo, o gênero regula as produções verbais assim como a gramática organiza as formas linguísticas (BAKHTIN, apud MUSSALIM, 2004). Ou seja, dependendo do contexto de interação, dos propósitos comunicativos, dos interlocutores e das relações que existem entre eles, nossa fala e nossa escrita tomam um formato determinado.

Por sua vez, os modos de organização discursiva são formas de compor o texto com sequências de linguagem, a fim de concretizar atitudes enunciativas peculiares a determinados âmbitos discursivos. São bastante conhecidos os modos de organização do narrar, do relatar, do expor, do argumentar, do descrever, do dirigir ações, além de outros modos também usuais, entre os quais o do dialogar, o do prever e o do expressar conteúdos estético-semióticos.

4 Práticas de linguagem no sistema educacional

O ensino tradicional tem privilegiado a língua como sistema. Daí as ênfases em exercícios gramaticais e em atividades, quase sempre descontextualizadas, de leitura e escrita tomadas como fins em si mesmas. Já a visão contemporânea de ensino da Língua Materna, defendida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, propõe que a língua seja sempre ensinada a partir de contextos de comunicação com propósitos relevantes para os interactantes, levando em conta seu conhecimento prévio e sua competência estratégica (língua em funcionamento na vida social), sendo a análise sistêmica apenas uma das etapas para a apropriação de conhecimentos sobre a língua. Assim sendo, a mediação feita pelo professor implica apresentar (ou ajudar a identificar) as condições de produção do texto (quem se dirige a quem, para dizer o quê, por que e como o faz),

além do ambiente de circulação, relacionando esses aspectos enunciativos aos fatores textuais e linguísticos, que permitem a constituição de sentidos e a interação social por meio da linguagem. Do ponto de vista da produção oral e escrita, o aprendiz necessita identificar um propósito comunicativo relevante, um interlocutor e um tema, a partir dos quais fará as escolhas adequadas no repertório da língua.

Fontes de consulta:

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, [1979] 2003.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Ana Rachel Machado e Pericles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.
- DURANTI, A. *Antropología lingüística*. Trad. Pedro Tena. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MUSSALIM, F. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. Livro de professores, v. 1. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.
- SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004.

Sequência 1



FORMAS DE VER A REALIDADE...

O que a charge sugere?

Que crítica está sendo feita?

Que significado adquire a manchete no contexto desta ilustração?

PREPARANDO A LEITURA

1. Como você completaria o seguinte enunciado?

Um dos maiores problemas sociais de hoje em dia se divide em três partes:

2. Em que ambiente poderia circular um texto que inicia com o enunciado acima?

3. Sugerimos, agora, que você pense em atividades do dia a dia para as quais a água é indispensável, listando-as em seu caderno.

4. Na hipótese de você viver numa região onde não haja água, nem recursos financeiros e tecnológicos, como faria para realizar essas atividades diárias que você acaba de mencionar?

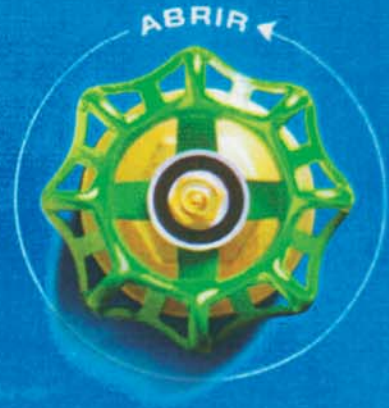
5. Na sua opinião, quem é responsável pela conservação e pelo bom uso da água em nossa sociedade?

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Depois dessa problematização, você é convidado(a) a ler um texto e verificar que relação existe entre as questões acima e o conteúdo nele proposto, para depois compará-lo com outro texto da mesma categoria.

Vejamos o texto:

Um dos maiores problemas sociais de
hoje em dia se divide em três partes:
duas de hidrogênio e uma de oxigênio.



Exatamente, água. O acesso à água é um direito fundamental do ser humano, que tem sido negado pela forma como estamos tratando esse bem. É preciso garantir o acesso das populações mais carentes à água tratada e principalmente ao saneamento básico. Para isso, devemos pensar a água de forma sustentável. Conservar fontes e nascentes, preservar os cursos dos rios, usar racionalmente, reaproveitar, recircular. Dia Mundial da Água. Essa data merece uma reflexão.



VENCEDORA NACIONAL, EM 2004, DO PRÊMIO ÁGUA E CIDADE - CATEGORIA INDÚSTRIA, PELA GESTÃO DO USO RACIONAL DE ÁGUAS
www.cst.com.br

(Terra da Gente, n. 12, ano 1, abril de 2005)

1. Quando se lê que o problema mencionado divide-se em “duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio”, percebemos a alusão a um recurso natural. Que recurso é esse?

2. Os contextualizadores (título, autor, data, local de publicação, diagramação, tamanho da fonte, uso de cores e imagens) fornecem elementos que ajudam a construir os sentidos do texto. Sugerimos que faça uma leitura exploratória geral para responder às questões:

a) Qual o propósito do texto?

b) O texto foi publicado na revista “Terra da Gente” (nº 12, Ano 1, abril de 2005). Diante do perfil da revista, a que público o texto se destina?

3. A partir desses dados, é possível identificar o gênero do texto, isto é, seu formato-padrão reconhecido e aceito pelos leitores. A que gênero pertence esse texto? Se você não conseguiu identificar o **gênero do texto** lido, ou se gostaria de aprofundar o seu conhecimento, há informações disponíveis na seção [Apontamentos teóricos](#). Vale a pena conferir.

4. Em geral, esse gênero textual apresenta um produto na tentativa de persuadir o leitor a adquiri-lo. Neste caso:

a) O que está sendo anunciado?

b) Quem é o anunciante?

c) Você sabe que empresa é essa? Se não sabe, que elementos do texto podem ser utilizados para a obtenção desse dado?

d) O que esse anunciante deixa transparecer de sua filosofia?

e) Que informação é dada na nota de rodapé?

f) Que repercussão a informação ao pé da página teve na leitura que você fez?

5. “Exatamente, água.” é um modo pouco convencional de começar um texto. Parece estar confirmando uma resposta supostamente dada pelo leitor. Que resposta é essa?

6. O texto menciona que o direito à água está sendo prejudicado pelo modo como tratamos esse bem. Que modo é esse?

7. Que posição é defendida no texto com relação à questão da água?

8. Que informações/dados apoiam essa posição?

9. Como os elementos visuais e textuais contribuem para a constituição dos sentidos desse gênero discursivo?

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. Neste texto, você pode verificar que ocorre o fenômeno da crase em duas situações (nas linhas 1 e 3). Em ambas, a razão da ocorrência de crase é a mesma: existe uma palavra anterior cuja regência exige preposição “a” e uma posterior que, sendo feminina, pede o artigo “a”. No enunciado abaixo, coloque crase onde for adequado:

A natureza nos oferece abundantes recursos a explorar; devemos recorrer a consciência ecológica e não as leis para preservá-los.

2. O significado da quarta frase está ligado ao da quinta, mas elas encontram-se separadas por um ponto final. Que outro tipo de pontuação você sugeriria para marcar melhor essa ligação?

3. Suponhamos que a quinta frase do texto tivesse que ser dita de outra forma, ou seja, parafraseada, e seu início fosse assim:

“Conservação de fontes e nascentes,...”

Como ficaria o restante dessa frase?

4. Que trocas você precisou fazer na passagem da frase original para a modificada? Em [Apontamentos teóricos](#) você encontrará mais subsídios sobre **crase**, **pontuação** e **parafrase**.

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

Após a leitura do texto, você é convidado(a) a comparar a sua posição quanto à responsabilidade em relação à conservação da água, na seção “preparando a leitura” e agora. Sugerimos que preencha este quadro.

Preparando a leitura	Neste momento

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

Vamos ler mais um texto? Mas antes de iniciar a leitura, propomos que você reflita sobre os sentidos que a palavra “limpeza” pode suscitar.

1. A seguir, propomos que você leia este texto, buscando identificar, num primeiro momento,

a) o tema de que trata:

b) o gênero discursivo no qual se insere:

c) o propósito principal do texto:

Arquivo: AFM-WWF-Consciencia21x28-7909-015.indd

Pasta: 20191



AFM-WWF-Consciencia21x28-7909-011 1

03.05.07 16:01:00

(Disponível em: http://www.wwf.org.br/participe/acao/ajude_divulgar/campanhas_antigas/
Acesso em: 2 mar. 2009)

2. O sentido global desse gênero do discurso é constituído por um conjunto de elementos. Vamos identificá-los.

a) Que instituição é responsável pelo texto?

b) Que papel social é desempenhado por essa instituição? Se você não tem essa informação, investigue.

c) O que, nesse material, tem função argumentativa?

d) Que sentido assume o conceito de “limpeza” nesse contexto, referindo-se à consciência ?

e) Se você observar detalhadamente a figura contida no material, verá árvores, água e pedras. Mas, numa perspectiva mais geral, você perceberá que esses elementos não verbais combinados sugerem uma imagem. Que imagem é essa? Que sentido acrescenta à leitura do texto?

f) Pela informação que você tem, qual é a filosofia do anunciante?

g) Que efeito possível esse material provoca nos leitores?

h) Comparando os dois textos lidos nesta sequência, vamos apontar duas semelhanças e duas diferenças entre eles, escrevendo-as num quadro, como o sugerido abaixo:

Semelhanças	Diferenças

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

Em geral, jornais e revistas não conseguem publicar todas as cartas e *e-mails* enviados pelos leitores. Por isso, há necessidade de uma triagem da correspondência recebida. O projeto de trabalho sugerido a seguir também pressupõe seleção de textos.

A proposta é que, num primeiro momento, você escreva uma carta ou um *e-mail* para um anunciante de textos publicitários semelhantes aos apresentados nesta sequência, expressando sua opinião sobre o texto lido e sua adesão ou rejeição às ideias defendidas.

A seguir, em grupos de três, os alunos avaliarão os trabalhos de três colegas, de modo que todos produzam textos, avaliem materiais produzidos pelos colegas e tenham suas produções também avaliadas. É indispensável que, antes, sejam propostos, discutidos e estabelecidos critérios de avaliação dos textos, tendo presentes os aspectos que caracterizam os gêneros sugeridos. Sugerimos que cada grupo elabore uma planilha, contendo esses critérios, e que se discutam as próprias avaliações no grande grupo.

Finalmente, os trabalhos considerados mais interessantes e representativos da posição da turma poderão ser enviados aos anunciantes ou veículos nos quais os anúncios foram publicados. Deve-se ter em mente que os textos selecionados e encaminhados passarão por nova seleção para publicação.

PROJETO DE TRABALHO 2

Para exercitar a criatividade na exploração de elementos verbais e visuais, você poderá criar um anúncio publicitário, apresentando um produto ou serviço compatível com a filosofia que apoia os dois textos lidos nesta sequência.

Os trabalhos poderão compor uma exposição de cunho publicitário amador sobre responsabilidade ecológica, organizada pela própria turma. Para que as coisas aconteçam a contento, é importante que sejam feitas negociações em relação a autorizações, reservas de espaço, recursos materiais... Propomos então que você e seus colegas viabilizem esse projeto por meio de tratativas com a sua instituição de ensino.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia de alcance social, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

1. Refletir sobre os processos que empregamos ao usar a linguagem pode ser uma estratégia para melhor interagirmos. Avalie a sua compreensão dos textos desta sequência, assinalando a alternativa que melhor se aplica a você:

- () Compreendi muito bem os textos, sem dificuldades.
- () Compreendi bem os textos, com poucas dificuldades.
- () Compreendi razoavelmente os textos, com algumas dificuldades.
- () Quase não compreendi os textos. Tive muitas dificuldades.

2. No caso de haver necessidade, o que você pretende fazer para ampliar as suas habilidades de leitura?

Sequência 2



FORMAS DE VER A REALIDADE...

O tema abordado na figura ganha originalidade pela presença da intertextualidade. Que evento ou obra, bastante conhecidos, são retomados?

O autor emprega o recurso da metáfora visual neste trabalho. Que metáforas você identifica?

Que elementos não verbais orientam a recepção/compreensão desta figura?

PREPARANDO A LEITURA

Como você deve estar acompanhando através da mídia, há uma preocupação geral com a preservação dos recursos naturais do nosso planeta, que são, em sua grande maioria, esgotáveis. Todos temos responsabilidades nesse mutirão global, e o compromisso com a conservação de nosso *habitat* natural nasce a partir da conscientização. Vamos, então, analisar até que ponto você está engajado nesse processo. Começemos por pensar em como a água é utilizada por você ou pelas pessoas que estão mais próximas a você.

1. Procure lembrar-se de três situações que exigem consumo de água em sua residência e registre-as em seu caderno dentro de um quadro, semelhante ao que consta abaixo.

Situação de consumo	Grau de conscientização
1	
2	
3	

2. Em seguida, propomos que você faça uma análise desse consumo doméstico de água, escrevendo no mesmo quadro, ao lado da situação, na coluna da direita, o seu grau de conscientização em relação ao uso da água. Se quiser, use as seguintes alternativas como sugestão:

- com a intenção de usar o estritamente necessário;
- sabendo que a água não deve ser desperdiçada, mas não controlando seu uso;
- de forma despreocupada quanto à quantidade usada.

Como você avalia a postura em relação ao uso da água, que acabou de identificar?

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Agora, você vai ler um *folheto de divulgação* que trata justamente do assunto que acabamos de introduzir.



1. Esse folheto foi distribuído à população de uma cidade, anexo à conta da água, com algum objetivo em mente. Passe os olhos pelo texto. Na sua percepção, com que objetivo o material foi confeccionado e distribuído?

Aconselhamos que você analise esse material com atenção para depois resolver as atividades que, com base nele, são propostas.

2. Inicialmente, sua tarefa será identificar, a partir do folheto, os elementos listados abaixo:

a) o tema abordado no texto;

b) as marcas linguísticas do texto que incitam o leitor a agir (escolha de palavras, estrutura de frases).

3. O texto não apresenta o nome do seu autor, mas, mesmo assim, podemos identificar quem se responsabiliza por ele. Escreva no caderno quem você considera que seja o responsável pelo texto.

4. A partir da observação e compreensão do texto, é possível identificar o tipo de leitor a quem ele se destina. A quem, especificamente, você acha que esse folheto é direcionado?

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. O humor é um recurso bastante usado na linguagem oral e escrita. Às vezes, ele aparece na linguagem verbal e outras vezes em elementos não verbais, como um olhar, algum gesto, uma ilustração. Como você pode perceber, o folheto aqui analisado tem justamente essa característica da presença do humor. A tarefa proposta é destacar duas evidências (uma verbal e outra não verbal) que mostrem a presença dessa característica no folheto.

Evidência 1 (verbal): _____

Comentário: _____

Evidência 2 (não verbal): _____

Comentário: _____

2. Há vários modos de organização textual/discursiva que correspondem a formas de articular a linguagem para atingir aquilo que se pretende a partir de um texto.

a) Agora, você vai precisar das informações contidas na seção **Apontamentos teóricos** sobre o **folheto** que leu anteriormente. Ao ler um texto, percebemos que as características descritas aparecem mescladas, havendo, geralmente, a predominância de um modo de organização sobre os demais. Sendo assim, assinale a alternativa abaixo que melhor corresponde à organização predominante no folheto lido.

- () argumentativa/expositiva
- () narrativa/descritiva
- () diretiva/estético-semiótica
- () dialogal/de previsão

b) Dependendo dessa organização, o leitor terá diferentes reações diante da mensagem. Assinale a alternativa que melhor corresponde a sua reação.

Diante da leitura do enunciado “Você precisa abrir a boca para escovar os dentes. Mas não precisa deixar a torneira aberta”, como você reagiu?

- () Achou graça, mas não considerou o significado.
 () Sentiu-se convocado(a) a realizar a ação descrita, apesar do tom leve do enunciado.
 () Ficou interessado(a) no assunto, pelo tom humorístico.
 () Outra reação. Qual? _____

3. Compare os enunciados abaixo:

Você precisa abrir a boca
para escovar os dentes.
Mas não precisa deixar
a torneira aberta.

Enquanto você escova
os dentes, mantenha
a torneira fechada.

Do ponto de vista da intenção de quem fala e da organização do enunciado, qual deles está sugerindo uma ação e qual está ordenando que ela seja executada?

Que elementos linguísticos foram usados para dar a sugestão?

E a ordem?

4. Embora humorístico, esse material tem por objetivo específico fornecer aos leitores informações sobre como todos devem economizar água em seu dia a dia. Em outras palavras, pretende-se que o leitor adote algumas atitudes consideradas adequadas para não haver abuso de consumo. Propomos a você, agora, as seguintes tarefas:

(a) Identificar no texto duas expressões linguísticas que auxiliam a estabelecer esse objetivo (observe o exemplo que fornecemos abaixo, busque outras expressões no folheto e depois registre sua resposta). Consulte [Apontamentos teóricos](#) sobre **funções da linguagem** e **modos de organização discursiva**.

Exemplo: “Aposente a mangueira”.

Sua resposta:

(1) _____

(2) _____

b) A frase “As plantas do jardim precisam de água, mas não exagere” contém uma ordem implícita (indireta), que pode ser expressa de outra forma. Como?

5. Dependendo da situação de interação e da relação entre autor e leitor, ou dos efeitos que o autor pretende provocar no leitor, escolhe-se o nível de linguagem mais adequado.

No texto lido, que **nível de linguagem** você identifica?

a) **Assinale** com um X a alternativa mais adequada.

() informal () semiformal () formal

b) Que características desse nível aparecem no texto? Escreva uma dessas características no quadro abaixo. A seguir, extraia um exemplo do texto que ilustre essa característica. Você encontrará subsídios em [Apontamentos teóricos](#).

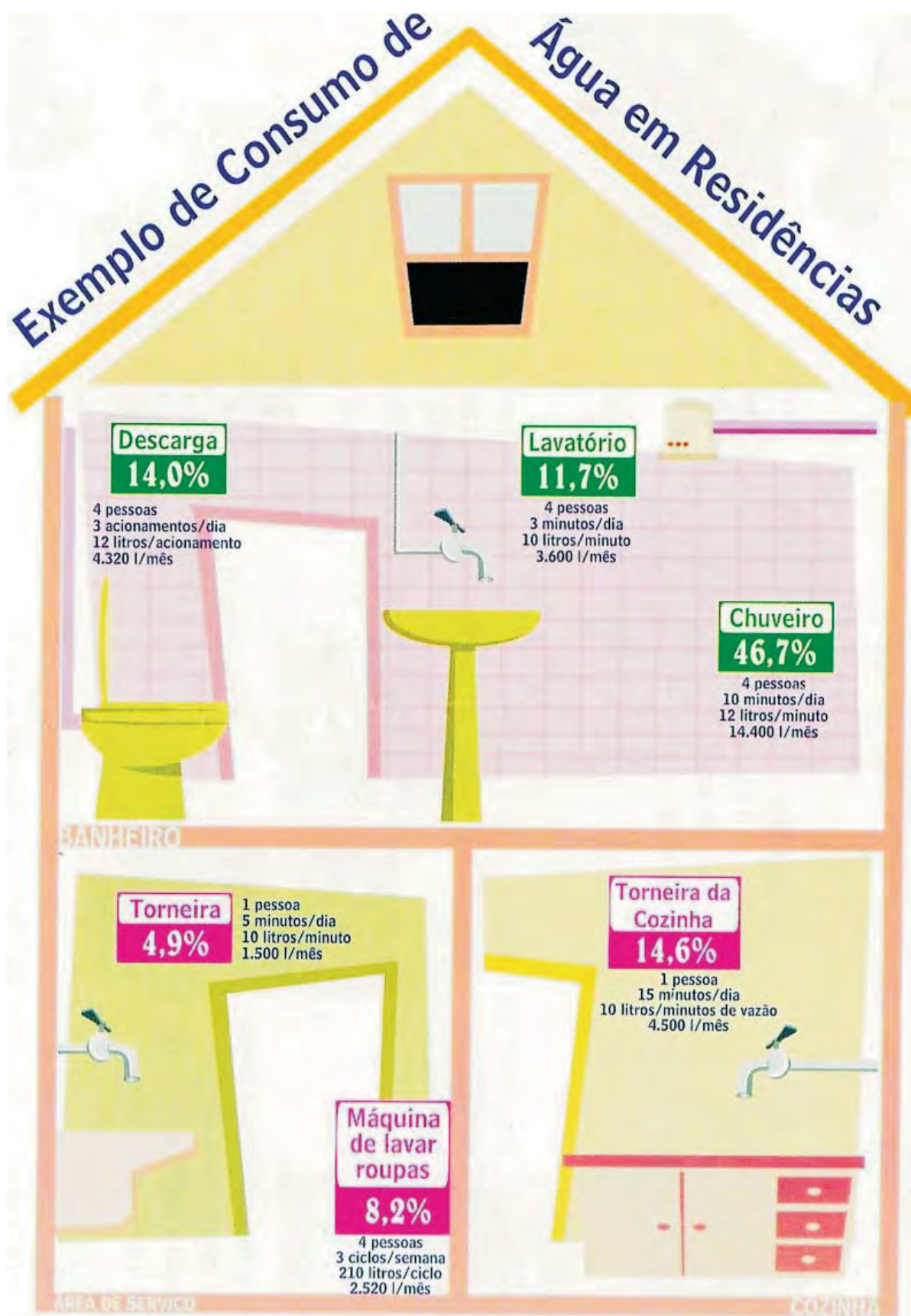
Característica do nível de linguagem	Exemplo extraído do texto

6. Após ter feito essa análise da parte da frente do folheto, examine o verso e observe o seguinte: no verso do folheto você vai encontrar dados numéricos sobre o consumo de água em três partes de uma residência (o banheiro, a área de serviço e a cozinha). Em cada uma dessas partes aparecem em destaque as fontes de consumo de água, acompanhadas de dados numéricos. Observando rapidamente esses dados, pode-se concluir quais são os três maiores consumidores de água numa residência.

No entanto, comparando melhor todas as informações referentes a cada uma dessas fontes de consumo (e não apenas o índice numérico em destaque), pode-se verificar que não é possível dizer com certeza em que parte da casa ocorre o maior consumo.

a) Por quê?

b) Que modificações nos dados seriam necessárias para poder efetivamente comparar o consumo de cada parte da casa?



RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

Como você pensa que as pessoas reagirão ao ler o folheto que analisamos até o momento? Você acha que o folheto é uma boa forma de conscientizar e orientar as pessoas? Explique. Se a sua resposta for negativa, acrescente sugestões.

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

Agora, vamos ler outro texto, retirado de uma cartilha. Como você deve saber, a definição de “cartilha” é, segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001, p. 638):

1 livro que ensina os primeiros rudimentos de leitura; carta do abc 2 *p. ext.* qualquer compilação elementar 2.1 *p. ext.* REL. livrete que contém rudimentos da doutrina cristã 3 *fig.* padrão de comportamento ou maneira de ser (*ele pensa pela c. do positivismo*) * ler ou rezar pela mesma *c. fig.* pensar ou agir sistematicamente de maneira idêntica à de outra pessoa (*esses dois vigaristas rezam pela mesma c.*).

A seguir, um trecho da cartilha da ecoeficiência:

ECOEFIÊNCIA
Vamos Reduzir,
Reutilizar e Reciclar

O que são os 3 Rs?
Os 3 Rs referem-se às palavras Reduzir, Reutilizar e Reciclar. Esse conceito é amplamente aceito por diversos segmentos da sociedade, pois sintetiza as atitudes práticas que podemos ter no nosso dia-a-dia para preservar a vida no planeta.



Junho/2003

Preservar o
meio ambiente
é cuidar do
nosso futuro

Reduzir: repensar a vida, ver realmente o que é essencial para “minha vida” e diminuir o consumo. Por exemplo: use a vassoura para limpar a calçada na frente de sua casa, em vez de utilizar jatos de água.

Reutilizar: ser criativo, inovador, usar um produto de várias maneiras. Por exemplo: reutilize potes de vidro para armazenar alimentos ou outros objetos.

Reciclar: transformar, ter capacidade de imaginar, criar e renovar. Um exemplo muito comum é o de transformar o material do lixo em outros produtos: você pode separar os papéis que já foram utilizados e encaminhar para a reciclagem. Você também pode comprar papéis reciclados.

CUIDADO!

Note que há uma sequência lógica na apresentação dos 3Rs: primeiro você Reduz para depois pensar em Reutilizar e Reciclar. Cuidado para não aumentar o consumo só para ter mais material para reutilizar e reciclar. Utilizar os 3 Rs depende também do consumo consciente.


O que é consumo consciente?

O consumo consciente é o consumo de produtos de uma forma em que a pessoa está ciente dos impactos que ela pode causar no meio ambiente e na sociedade em função do seu estilo de vida. Significa estar consciente sobre a origem dos produtos, sua matéria-prima, o processo de produção, a maneira como são comercializados e o que acontece com eles depois de utilizados.

Por exemplo, você pode privilegiar o consumo de cosméticos feitos com produtos naturais da Amazônia. Você pode evitar a compra de produtos feitos com mão-de-obra infantil. Você pode prestar atenção ao monte de coisas que compra sem realmente precisar. Seu bolso vai agradecer e o planeta também.

Caixa na real:

O Brasil é líder mundial na reciclagem de latas de alumínio (85%). Evocê sabia que a reciclagem de uma lata de alumínio economiza 95% da energia envolvida na fabricação de uma mesma lata cuja matéria-prima seria a bauxita? Qual é o seu consumo de latinhas? Onde você as deposita?



Fonte: CEMPRES (Compromisso Empresarial para Reciclagem), Fichas Técnicas, 2001

O que é coleta seletiva?

É um sistema de recolhimento de materiais recicláveis, tais como papéis, plásticos, vidros, metais e materiais orgânicos previamente separados nas casas, estabelecimentos comerciais e escritórios. Os materiais recicláveis podem ser vendidos ou repassados a programas de coleta seletiva da prefeitura, a cooperativas de catadores, associações de bairro ou entidades assistenciais.

No Brasil, existe uma padronização de cores para cada tipo de material reciclável:

- Papel: azul
- Plástico: vermelho
- Vidro: verde
- Metais: amarelo

A coleta seletiva é uma prática que incentiva o movimento dos 3 Rs e do consumo consciente. **É um sistema que começa com a sua atitude de separar no seu lixo tudo o que for reciclável.**

Caia na real

PAPEL

RECICLÁVEL	NÃO RECICLÁVEL
jornais e revistas	etiqueta adesiva
folhas de caderno	papel carbono
formulários de computador	fita crepe
caixas em geral	papéis sanitários
aparas de papel	papéis metalizados*
fotocópias	papéis plastificados*
envelopes	papéis sujos
rascunhos	guardanapos
cartazes velhos	tocos de cigarro
papel timbrado	fotografias
copos descartáveis	
papel de fax	
embalagem longa-vida*	

(*) Embalagens cartonadas, para produtos como leite longa vida e sucos, são recicláveis.

METAL

RECICLÁVEL	NÃO RECICLÁVEL
lata de aço (folha de flandres), clips**	grampos (quando misturados com papel)
latas de óleo, salsicha, leite em pó	esponjas de aço
lata de alumínio (refrigerante) outras sucatas de reformas	

(**) Somente em grandes quantidades.

Fonte: CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem), Coleta Seletiva nas Escolas - 3ª edição, 2001

VIDROS

RECICLÁVEL	NÃO RECICLÁVEL
garrafas de bebidas em geral	vidraças
frascos em geral	copos de cristal
lâmpadas**	vidros de automóveis
remédios, perfumes e produtos de limpeza	tubos de TV
copos	ampolas de remédios, fôrmas, travessas e utensílios de mesa de vidro temperado
"cacos" de vidros	
	espelho

(**) Somente em grandes quantidades.

PLÁSTICOS

RECICLÁVEL	NÃO RECICLÁVEL
embalagem de refrigerante, alimentos, produtos de limpeza e cosméticos	cabo de panela
embalagem de material de limpeza	tomadas
copos de café	misturas de papel, plásticos e metais*
embalagem de margarina	
canos e tubos	
sacos plásticos em geral	

(*) Embalagens cartonadas, para produtos como leite longa vida e sucos, são recicláveis.

Fonte: CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem), Coleta Seletiva nas Escolas - 3ª edição, 2001

Bandeje

ABN-AMRO
Aymoré Financiamentos

REAL SEGUROS
REAL AMRO

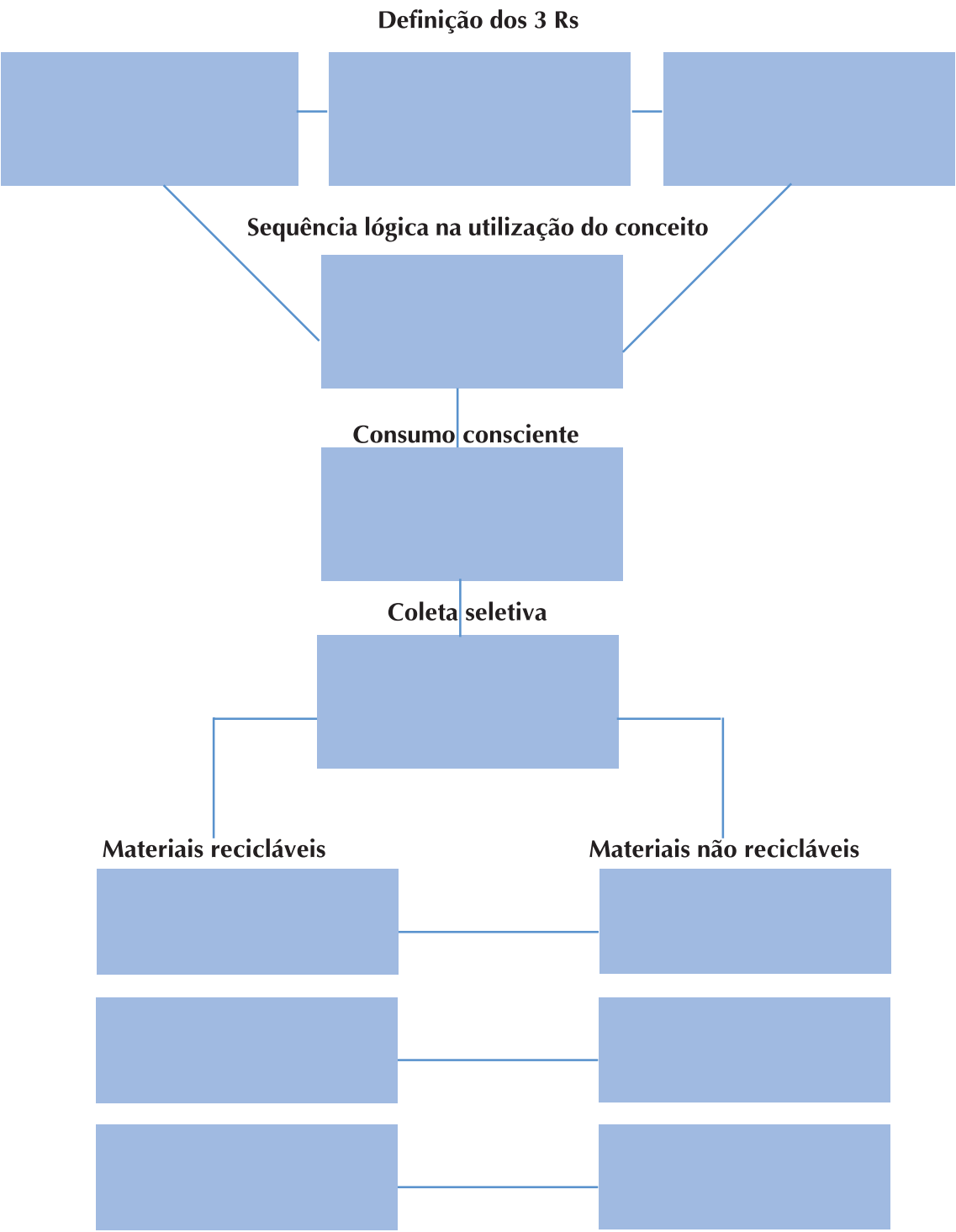
BANCO REAL
REAL AMRO

ABN-AMRO

(Disponível em: http://www.bancoreal.com.br/index_internas.htm?stUrl=/sustentabilidade-denobancoreal/praticasdegestao/Paginas/Ecoeficiencia.aspx. Acesso em: 1º dez. 2008)

1. Após a leitura do verbete, apresentado antes do texto, identifique o sentido de cartilha que se aplica ao texto “cartilha da ecoeficiência”, cujo fragmento você acabou de ler.

2. Um texto bem-elaborado é organizado através de um conjunto de segmentos de informação ligados entre si por uma temática comum. Este material pode ser dividido em seis segmentos de informação, distribuídos em parágrafos distintos. Analise o material e depois preencha o diagrama abaixo, indicando as ideias centrais dos segmentos que estão representados pelos retângulos não preenchidos.



3. Agora, propomos que você exercite sua criatividade transpondo as principais ideias/informações retiradas do fragmento da cartilha lida para um folheto. Use elementos verbais e não verbais para produzi-lo, tendo em mente um público específico (colegas universitários ou de trabalho, moradores do seu prédio, rua ou bairro). Folheto de divulgação é um gênero textual bastante comum, que apresenta características peculiares e fáceis de identificar. Vamos ver quais são elas, no *link* [Apontamentos teóricos](#). Para saber mais sobre o que é **gênero textual**, recorra ao mesmo *link*.

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

Folhetos de divulgação são gêneros tipicamente usados em campanhas, tanto para conscientizar quanto para orientar um público determinado.

Cabe a você e a seus colegas desenvolverem uma campanha sobre uso racional da água, ampliando as informações e as orientações encontradas nos folhetos do Samae.

O trabalho será elaborado por pequenas equipes, que poderão escolher um público específico: condomínios residenciais populares, bairros residenciais classe A, casas de saúde, clubes e associações recreativas, comunidades rurais, indústrias e entidades educacionais.

Os tópicos abordados e a escolha da linguagem precisam adequar-se ao público-alvo.

Sugere-se que o trabalho produzido seja avaliado pelos pares e, depois de revisado, reproduzido e distribuído às comunidades visadas. Lembre-se de negociar previamente os critérios de avaliação das produções com todo o grupo, sem perder de vista as características fundamentais de um folheto.

Em função desse projeto, você poderá ainda:

a) escrever cartas às entidades/instituições visadas, solicitando permissão para distribuir os folhetos;

b) entrevistar os responsáveis pelas instituições em questão para colher dados ou avaliar a repercussão dos folhetos distribuídos.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia de alcance social, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

1. O que, nos textos desta sequência, exigiu mais atenção da sua parte?

2. O que não exigiu muita atenção?

3. Do que foi lido, o que você reteve na memória?

Sequência 3



FORMAS DE VER A REALIDADE...

Qual o assunto/tema enfocado?

Que avaliação crítica é sugerida pelo autor?

Que elementos não verbais orientam a recepção/compreensão desta figura?

PREPARANDO A LEITURA

1. Você sabe que, devido à influência dos índios em nossa cultura, há em nosso país vários nomes de lugares, rios e pessoas cuja origem é indígena. São exemplos desses nomes: Itajaí, Jacuí, Iracema. Que outros exemplos de nomes indígenas você conhece? Sugerimos que você elenque, pelo menos, dois nomes para cada categoria, no quadro abaixo:

Cidades	Rios	Pessoas

2. Você também já deve ter informações sobre o estilo de vida dos indígenas brasileiros e a relação deles com a natureza. O trecho a seguir representa um fragmento da carta dos índios do Pantanal, manifestando seu ponto de vista em relação a um projeto de hidrovía a ser aberta na região. Procure ler com atenção, buscando descobrir qual é esse ponto de vista, anotando-o em seu caderno ou arquivo.

“Nós, os Guató, Terena, Kaiowá, Bororo, Umotima, Pereci e Kanikinao somos povos tradicionais, que o grande Criador escolheu para habitar e proteger esta região do mundo. Ao longo dos tempos, nossos ancestrais nos ensinaram a viver em harmonia com as águas, os pássaros e as plantas, como um modo de agradecer a Ele e de lhe render culto por esse dom de uma vida feliz. Com a vinda do homem branco, vieram também as estradas, a ferrovia, as doenças e novas maneiras de viver que nós não conhecíamos. Era uma nova civilização. [...] nesse contexto de decadência do homem branco, nós, os povos indígenas, não fomos jamais considerados no projeto da hidrovía (projeto de tornar navegáveis os rios Paraguai e Paraná), nós jamais fomos consultados e nós exigimos que esse tipo de ambição seja freado pelo bem da humanidade. Esse dinheiro não pode ofender nem destruir a morada de nosso povo e aquela do grande Criador.”

(CAÏS, Marie-France; DEL REY, Marie-José; RIBEAU, Jean-Pierre. *L’eau et la vie*: enjeux, perspectives et visions interculturelles. Paris: Éditions Charles Léopold Mayer, 1999. p. 109-110)
(Tradução de Neires Maria Soldatelli Paviani e Niura Maria Fontana)

a) Pelo que você leu no trecho, é possível inferir como é o relacionamento dos índios do Pantanal com a natureza? Explique.

b) Você acredita que essa concepção de natureza é própria apenas da população indígena do Pantanal ou corresponde à maneira de pensar da população indígena de um modo geral? Comente.

3. Atividade extraclasse: Não é só o indígena que mantém uma relação estreita com a natureza. Os homens em geral também dependem dela para a sua sobrevivência no planeta. No entanto, diariamente são divulgadas notícias sobre catástrofes ambientais. Para comprovar isso e dar seguimento à sua leitura, procure notícias, reportagens, artigos de opinião sobre problemas ambientais que tenham relação com sua realidade imediata (bairro, cidade, estado, país). Depois de você ter lido esses textos, faça anotações dos aspectos mais relevantes em seu caderno. Lembre-se de informar as fontes de onde extraiu essas informações (autor, título, veículo, página, data).

4. Se você quisesse repassar, por escrito, os dados mais significativos do seu levantamento, comentando-os, a uma pessoa amiga residente no exterior, que espécie de texto escreveria?

5. Por que, em algumas situações de comunicação, há a necessidade de usar a correspondência (formal e informal)?

Agora você está sendo convidado a ler dois textos que darão continuidade à temática *meio ambiente*, enfocando o relacionamento do homem com a natureza.

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Como você pôde constatar pelos textos que coletou, há várias situações do cotidiano em que se comprova o desrespeito ao meio ambiente. Como cidadãos conscientes do problema e do papel a desempenhar para resolvê-lo, podemos tomar várias atitudes. Uma delas é denunciar às autoridades o que não está adequado. Para conhecer uma das formas de denúncia, convidamos você a ler dois textos: a correspondência de um cacique (texto 1) e a de um reitor (texto 2). Vejamos o primeiro texto:

A Carta do Cacique Seattle

“O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Nós vamos pensar na sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra. O grande chefe de Washington pode acreditar no que o chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na mudança das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas, elas não empalidecem.

Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exauri-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seu pai sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos. Suas cidades são um tormento para os olhos do homem vermelho, mas talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas dos insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para os meus ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho, porque todos os seres vivos respiram o mesmo



ar, animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão, que nós, peles vermelhas matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram os pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas ou até mesmo alguns invernos e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nestas terras ou que tem vagueado em pequenos bandos pelos bosques, sobrarão para chorar, sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador. O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças. Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; o fim da vida e o começo pela luta pela sobrevivência.

Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubéssemos quais esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum.”

(Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>. Acesso em: 1º out. 2008)

Você deve ter percebido que a carta que acabou de ler não apresenta a composição típica de uma carta. Pode-se pensar que esse é o modo de os indígenas se expressarem. O que lhe parece? Que hipóteses você levanta sobre como esse texto chegou até nós, impresso?

Leia, se quiser

Informações obtidas no site <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm> dão conta de que a carta enviada ao presidente Francis Pierce dos Estados Unidos, em 1855, pelo cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, é, provavelmente, a reprodução escrita de uma fala do chefe indígena ao seu povo, após ter recebido do governo americano a proposta de compra das terras habitadas por sua tribo.

A mesma fonte, baseada no site

<http://www.geocities.com/RainForest/Andes/8032/page16.html>, informa que um certo Dr. Henry Smith teria assistido ao pronunciamento do cacique e depois publicado um artigo reproduzindo seu conteúdo, no jornal *Seattle Sunday Star*, em 1887. A origem da carta é controversa; no entanto, essa explicação parece ser bastante plausível.

(Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>. Acesso em: 8 dez. 2008)

1. Qual o significado de “terra” na concepção do chefe indígena, diante da proposta de compra do território da sua tribo?

2. Sabemos que culturalmente o homem branco se coloca numa posição de superioridade em relação aos indígenas. E na carta do cacique, qual a posição cultural e social que o chefe Seattle assume diante do homem branco?

() De inferioridade

() De igualdade

() De superioridade

3. Retire do texto um exemplo que ilustre essa atitude.

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

Vamos à segunda leitura:

TIMBRE

UNIVERSIDADE DE PARAÍSO*

GABINETE DO REITOR

Paraíso, 25 de setembro de 2001.

Senhor Prefeito:

A Universidade de Paraíso está construindo em seu imóvel uma estação de tratamento de efluentes que permitirá tratar de forma plena todos os resíduos danosos ao meio ambiente que possam ser produzidos nesta instituição de ensino.

Agindo desta forma, a Universidade de Paraíso está cumprindo o dever de preservar o meio-ambiente de forma a contribuir para que o ser humano possa ter melhor qualidade de vida.

Todavia, a Universidade de Paraíso verificou que há nítida falta de saneamento em uma área de encosta localizada no Bairro Esperança, em terreno de efluentes, uma vez que residências daquele Bairro estão promovendo a migração de esgoto e resíduos sólidos para dentro do imóvel desta instituição.

Cabe salientar que a disposição inadequada de resíduos sólidos e de esgoto no solo contribui para a contaminação dos recursos naturais existentes na Universidade de Paraíso, como por exemplo uma nascente localizada na área.

Desta forma, a Universidade de Paraíso requer a Vossa Excelência sejam determinadas as providências necessárias de forma imediata para que a situação relatada seja prontamente regularizada.

Confiando na prudente atenção e atuação da Prefeitura Municipal em relação ao assunto tratado, transmito a Vossa Excelência votos de consideração e respeito.

Antônio De Angeli
Reitor

Ao Senhor João Coutinho
Prefeito Municipal de Paraíso
Paraíso

*Os nomes de pessoas e lugares são fictícios.

1. Agora, para contextualizar sua leitura, propomos que você releia rapidamente essa correspondência e complete o quadro a seguir:

Texto	Local em que foi escrito (país)	Ano em que foi escrito	Fato que desencadeou sua escrita	Autor/responsável	Destinatário(s)/receptor(es)	Objetivo/propósito comunicativo

2. Como você percebeu, as condições de produção dessas formas de correspondência são bem diferentes. Qual delas transcende o objetivo, abordando em detalhes questões ambientais?

3. O propósito comunicativo dos dois textos é convencer o destinatário a concordar/cooperar com as ideias propostas pelo remetente. Apesar de terem esse propósito, elas não estão organizadas da mesma forma. Identifique uma diferença, relacionando os elementos da coluna da direita com os elementos da coluna da esquerda.

- (1) Texto do cacique

() apela ao raciocínio lógico do destinatário, através do uso de linguagem referencial/objetiva.
- (2) Texto do reitor

() apela à sensibilidade do destinatário, através do uso de linguagem humorística.
- () apela à sensibilidade do destinatário, através do uso de linguagem figurada.

Antes de realizar a atividade seguinte, é interessante que você tenha algumas informações sobre **argumentação**, na seção [Apontamentos teóricos](#).

4. Sempre que lemos, é importante reter as ideias centrais (o conteúdo global do texto). Suponha que alguém lhe pergunte sobre o conteúdo dos textos lidos aqui. Para apresentá-lo de forma sucinta, propomos que você escreva no quadro abaixo a ideia principal defendida em cada um dos textos, acompanhada de um argumento que a sustente.

Texto	Principal ideia defendida	Argumento
Texto 1		
Texto 2		

5. Vamos fazer outra comparação entre os textos 1 e 2, agora na perspectiva do **gênero textual** a que pertencem. Como pode ser notado, essas duas modalidades de correspondência têm características diferenciadas. Por isso, embora partilhem alguns aspectos, constituem gêneros diferentes. Se quiser mais detalhes, por favor vá para a seção **Apontamentos teóricos**.

a) Considerando os propósitos, os autores, os destinatários, a estrutura e os mecanismos de linguagem de cada texto, vamos identificar os gêneros em que se inscrevem.

Texto 1 _____

Texto 2 _____

b) Levando-se em consideração o contexto (conforme o que já foi analisado na tarefa 1), a que você atribui as diferenças detectadas entre as cartas?

c) Tendo em mente a estrutura da correspondência, assinale com um X, no quadro, a presença, em cada um dos textos, dos seguintes elementos.

Texto	Partes convencionais da carta				
	Local e data	Vocativo	Corpo	Despedida	Assinatura
Texto 1					
Texto 2					

d) Que efeito provoca no leitor a ausência de algumas partes características de uma carta?

Partes ausentes	Efeitos
Local e data	
Vocativo	
Despedida	
Assinatura	

e) Se você nunca recebeu uma carta anônima, pode conhecer alguém que já tenha recebido. Que elementos estruturais a pessoa que a envia omite? Qual a sua intenção ao omiti-los?

6. Agora se coloque no lugar do destinatário das duas formas de correspondência enfocadas nesta sequência. Os argumentos apresentados em cada uma teriam sido suficientes para convencê-lo(a)? Por favor, comente sua posição.

Texto 1:

☐ Sim

☐ Não

Comentário

Texto 2:

☐ Sim

☐ Não

Comentário

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. Em alguns trechos de sua carta (parágrafos 4 e 6), o cacique Seattle tenta estabelecer condições ao homem branco, que deseja comprar suas terras. À semelhança do exemplo abaixo, encontrado no parágrafo 6, identifique no texto três condições e fatos que derivam delas.

Condição**Fato que deriva da condição**

Se te vendermos a terra,

ama-a como nós a amávamos.

2. A conjunção “se” auxilia no estabelecimento da relação de condição. Pense em duas outras conjunções que, equivalentes a ela, também cooperem para a construção dessa ideia.

3. A carta do cacique é escrita numa linguagem totalmente diferente do ofício do reitor. Por exemplo, o indígena emprega muitas metáforas:

“As flores perfumadas são nossas irmãs.”

“O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.”

Se tentarmos parafrasear essas frases, estaremos não apenas destruindo sua poesia, mas alterando um discurso que decorre de uma identidade cultural, com uma visão de mundo. Encontre no texto mais duas **metáforas**. Se precisar, consulte [Apontamentos teóricos](#).

4. Vamos analisar agora a correspondência do reitor:

(a) Que estilo é adotado pelo autor?

(b) Como pode ser descrita a linguagem empregada?

5. No ofício do reitor, são utilizados alguns verbos no gerúndio, mas com duas significações: continuidade da ação e causa. Preencha o quadro abaixo, observando que significação traz cada uso dos verbos em destaque. Para obter mais informações, consulte [Apontamentos teóricos](#).

Está construindo

Está cumprindo

Está instalando

Estão promovendo

confiando

Continuidade da ação	Causa

6. Esta carta ao leitor, escrita por Vinícius Romanini, editor de *Superinteressante Especial Ecologia*, teve seus fragmentos embaralhados. Você agora tem a tarefa de recompor a ordem original do editorial, numerando os fragmentos. Para isso, você terá que usar seus conhecimentos de **coesão textual** (ver [Apontamentos teóricos](#)).

O PAÍS DOS SEUS FILHOS

() O resultado são 70 páginas cheias de grandes alternativas, planos simples, opções factíveis que conciliam desenvolvimento econômico com conservação desse tremendo ativo que é a nossa biodiversidade.

() Ao contrário, a missão era mostrar as saídas possíveis, os caminhos que se apresentam para sairmos do atoleiro.

() Boa leitura!

() Estamos sentados sobre um grande tesouro estimado em 2 trilhões de dólares – a nossa natureza. E, a cada dia que passa, a dilapidamos um pouco mais. Mas você já sabe disso tudo.

() Por fim, você também vai encontrar em *Como Salvar o Brasil* experiências que já estão acontecendo, resultados que estão sendo obtidos, tudo o que está sendo feito para consertar os erros do passado e garantir que, no futuro, você possa entregar a seus filhos um país melhor do que o que você recebeu de seus pais.

() É precisamente isso que estamos trazendo a você neste especial: as melhores idéias para começarmos a reverter – já – a devastação ambiental que nos impingimos ao longo de cinco séculos.

() Para cumprir esse desafio, repórteres pesquisaram a fundo, em busca das melhores respostas para os principais problemas que afligem nossa natureza. [...]

- () Quando fui convidado a editar *Como Salvar o Brasil*, o diretor de redação da SUPER Adriano Silva fez uma importante recomendação: que as matérias não caíssem no denunciismo vazio, na mera contabilização do caos, tão comum na cobertura de ecologia que se lê por aí na imprensa.
- () A Amazônia em chamas, a Mata Atlântica devastada, o Pantanal invadido. Mais: praias poluídas, espécies animais desaparecendo para sempre e ar de péssima qualidade nas grandes cidades. Não é novidade que o Brasil lida muito mal com seus recursos naturais.
- () O que talvez você ainda não saiba é que há soluções simples e inteligentes para resolver cada um desses problemas.

(ROMANINI, Vinícius. O país dos seus filhos. *Superinteressante Especial Ecologia*, p. 5, dezembro 2001)

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

1. Quais são as semelhanças e diferenças entre a maneira como você se relaciona com a natureza e a maneira como o índio se relaciona? Que tal elencá-las no quadro abaixo?

<i>Semelhanças e diferenças entre o relacionamento do indígena e o seu relacionamento pessoal com a natureza</i>	
<i>Diferenças</i>	
<i>Semelhanças</i>	

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

É muito importante saber posicionar-se diante de questões ambientais concretas (o que você já vem fazendo desde as primeiras sequências).

Propomos, então, que você escreva um ofício a uma entidade pública governamental (Prefeitura, Secretaria do Meio Ambiente, Governo Estadual ou Federal) ou não governamental (ONG), denunciando situações de desrespeito ao meio ambiente que tenha presenciado em seu bairro, cidade, estado ou país. Para fortalecer os argumentos de sua denúncia, você pode anexar à correspondência outros elementos não textuais como gráficos e fotos, por exemplo. Lembramos que os textos que se inserem neste tipo de situação comunicativa seguem determinadas convenções em nossa cultura (como você já verificou na seção [Apontamentos teóricos](#)).

Solicite a um(a) colega que leia o ofício que você elaborou e verifique se o texto está coeso e coerente, isto é:

- se apresenta os elementos estruturais desse gênero de correspondência oficial;
- se tem argumentos consistentes e bem-formulados;
- se anexa provas, como fotos, por exemplo.

Espaço para comentários e sugestões do(a) colega:

Se a turma achar conveniente, os trabalhos podem ser avaliados pelos pares e pelo(a) professor(a), culminando com a escolha da correspondência que contempla os problemas mais urgentes e que atende aos padrões formais desse gênero de texto. Seria interessante que houvesse uma revisão do texto pelo grande grupo e que fosse remetida a versão final do trabalho às instituições pertinentes.

PROJETO DE TRABALHO 2

Os textos (dos mais diversos gêneros) que usamos formam uma espécie de cadeia ou circuito comunicativo, uns surgindo em resposta aos outros. De que outras formas, além da leitura compreensiva e crítica, você poderia entrar em diálogo com o texto do cacique? Escolha uma entre estas sugestões (ou acrescente uma outra que lhe pareça plausível):

- uma charge (para expor na sala de aula);
- um poema (para participar de um concurso, que sua turma pode realizar);
- uma carta imaginária ao próprio cacique (para socializar com os colegas).

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia socialmente relevante, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

Após a realização dessas atividades, sugerimos que você destaque:

- a) aspectos do contexto de produção e circulação dos textos lidos que promoveram/ ampliaram o seu desenvolvimento como leitor(a);
- b) marcas textuais (elementos de coesão) que o(a) ajudaram a compreender/ler melhor esses textos.

Sequência 4



FORMAS DE VER A REALIDADE...

Qual o assunto/tema enfocado?

Que avaliação crítica é sugerida pelo autor?

Que elementos não verbais orientam a recepção/compreensão desta figura?

Que intenção comunicativa tem a pergunta formulada pelo personagem?

PREPARANDO A LEITURA

1- Todos nós temos histórias e experiências interessantes para contar. Num encontro de família ou de amigos que só se reúnem em ocasiões especiais (aniversários, festas de família, por exemplo) é bastante comum a troca de relatos. Imagine que você está participando de um desses encontros e alguém entra no assunto *natureza*. Então você conta uma vivência ou experiência significativa que teve em relação à natureza (pode ser relato de trilha, acampamento, visita a fazenda, sítio, praia, parque ecológico). Relate oralmente essa sequência de fatos ao seu grupo de colegas.

2- Em aula, é interessante que você escreva seu relato e o mostre a um(a) colega. Após, propomos que, em duplas, vocês discutam os textos e vejam qual deles prende mais a atenção e por que, registrando suas conclusões.

3- A seguir, você vai ler um texto cujo título é: “Os rios morrem de sede”. Como você explica o paradoxo que se estabelece pelo fato de os rios morrerem de sede?

4- Esse título parece mais apropriado a um texto jornalístico ou ficcional? Explique.

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Você já se perguntou o que é um texto literário? E, ainda: como se lê um texto literário? Vamos por partes. Começaremos por fazer uma exploração inicial do texto ficcional apresentado a seguir.

Se desejar mais informações, consulte [Apontamentos teóricos](#).

Vamos agora ler um resumo dos capítulos que antecedem o capítulo final da obra “Os rios morrem de sede”, de Wander Piroli, permitindo-nos entrar no mundo nele descrito. As imagens que surgem a partir da leitura serão construídas, como se fosse um filme, com base em seu conhecimento prévio como leitor. Sugerimos que, ao ler, você tenha presente a seguinte pergunta: o que significa para o personagem pai a morte do rio?

A ficha catalográfica, apresentada a seguir, oferece várias informações sobre o texto que você vai ler:

Pirolí, Wander, 1930
Os rios morrem de sede / Wander Pirolí;
Ilustrações de Rogério Borges.
São Paulo: Moderna, 2002. – (Coleção Girassol)

Suplementado por ficha de orientação de leitura.

1. Ecologia – Literatura infanto-juvenil 2. Literatura infanto-juvenil
1. Borges, Rogério, 1951 – II. Título. III. Série

Apresentamos, agora, o resumo da história, omitindo o capítulo final. Nas páginas seguintes, você poderá ler o desfecho da história na íntegra.

Um homem teve a ideia de passear com o filho, Bumba, até o Rio das Velhas, onde, quando criança, ia pescar com o pai. O menino ficou entusiasmado com a ideia de acompanhar seu pai na pescaria. A mulher, no entanto, prevendo possíveis frustrações, alertou o marido para não criar expectativas demais no filho, pois talvez o rio nem mais existisse. Eles fizeram de conta que não ouviram e, ainda de madrugada, puseram-se a caminho. Fizeram um trecho de carro, um trecho a pé e depois tomaram o trem. À medida que o veículo avançava, o brilho nos olhos do menino se intensificava. O pai lembrava, nas reações do filho, suas emoções de menino com seu pai na mesma aventura. As imagens, na sua lembrança, passavam celeremente como as cenas pela janela do trem... O apito do trem acordou-o das lembranças do passado e, entre elas, surgiram as primeiras imagens do rio envolto por neblina. O pai, aos poucos, foi mudando as expressões do rosto ao ver que a paisagem estava alterada, que o cenário não era o mesmo. O filho percebeu que havia algo de errado, pois o rosto do pai, antes farto de alegria, encolheu-se como o rio, agora um fio d'água, sem vida, sem ânimo. Ambos perceberam que a água do rio estava marrom e que até a vegetação das margens estava escassa. O pai esforçava-se, sem muita esperança, e, mesmo depois de várias tentativas, a pesca, que sonhava reviver com o filho, não se concretizou. As iscas que eles puseram nos anzóis continuavam intactas.

1. A partir das informações obtidas até o momento, propomos que você transcreva no quadro abaixo os elementos nele solicitados.

Título	
Autor	
Suporte	
Local	
Data	
Gênero textual	
Tipologia dominante	
Tema central (assunto)	

2. Depois de identificar os aspectos acima, você pode reconhecer o propósito do autor ao escrever um texto utilizando-se desse gênero. Anote sua resposta.

Neste ponto, retomamos a leitura, agora do capítulo final da narrativa.

FIM DE TUDO QUE UM DIA FOI BOM E PURO

O sol estava alto na manhã limpa, e o homem e o menino já haviam descido um bom pedaço margeando o rio, e agora voltavam suados e com as mesmas iscas esbranquiçadas.

– Não vou pescar mais não – disse o menino largando sua vara no chão, ao lado de onde o homem acabara de deixar o embornal.

– Está muito ruim, não é, filho?

– Se fosse em Pompéu, heim, pai?

– É – concordou o homem, olhando para o rio magro e vagaroso com seus bancos de areia suja. – Mas lá também vai acabar do mesmo jeito.

– Não vai ter mais nem um peixe?

– É só uma questão de tempo. Quando você tiver a minha idade, lá não vai ter mais peixe, nem árvore, nem passarinho e o São Francisco vai ficar também um rio de merda.

– No duro, pai?

– Você vai ver. Nós estamos destruindo tudo que um dia foi bom e puro.

O homem lançou novamente o seu anzol dentro d’água e deixou a vara de espera. Fez o mesmo com a outra vara.

– Não adianta, pai – observou o menino.

– Vamos fazer de conta, Bumba.

O homem foi até o embornal e deu uma bicada na pinga, acendeu um cigarro e ficou quieto, observando os campos pelados.

Sua camisa estava ensopada de suor.

– Pai – o menino chamou. – Vãobora.

– Nós vamos daqui a pouco.

– Você não acha que tá enchendo o saco não, pai?

– Olha lá, Bumba.

O menino olhou para onde o homem apontava. Uma canoa vinha margeando rio acima. O canoeiro estava em pé e usava o varejão ritmadamente na água rasa.

– É pescador, pai?

– Não deve ser não.

Os dois ficaram em silêncio, olhando a canoa que se aproximava.

– Ele vem pra cá – disse o menino.

A canoa veio vindo e embicou na margem. Estava cheia de areia.

– Como é? – saudou o pai do menino.

– Bom dia – respondeu o homem da canoa, um mulato grisalho e de aparência muito sofrida. Estava descalço, com a calça arregaçada e os pés quase mergulhados na areia escura. Ele olhou para as varas e sorriu com sua careta amarrotada:

– Não tem peixe mais não.

– Eu sei – disse o pai do menino. – e pelo jeito o rio também está acabando.

– É, agora só tem essa areia suja.

– Dá bom dinheiro?

– A gente vive.

– O senhor aceita um gole?

O homem saltou para a margem. O pai do menino tirou a garrafa do embornal e serviu meio copo.

– Saúde! – disse o homem da canoa.

– Saúde.

O pai do menino pegou o copo de volta e serviu-se também.

– Aqui já deu muito peixe. – disse o homem da canoa.

– Puxa vida, se deu.

– Ah, então o senhor pegou aquela época boa.

– Eu vinha com o meu pai.

– O senhor lembra da quantidade de gente que o trem despejava aqui? Ninguém saía sem peixe.

– E o rio era largo, profundo e limpo.

– Agora tá essa tristeza.

– Virou esgoto.

– O senhor acha que tá direito uma coisa dessa?

– Tem muita coisa errada.

– É, deveras.

– Vãobora, pai – interrompeu o menino.

– Bem – disse o homem da canoa.

– Toma outro gole – propôs o pai do menino.

– Eu vou chegando.

O homem da canoa subiu na canoa e afastou-se da margem com o varejão:

– Muito obrigado, companheiro.

A canoa foi se afastando rio acima.

– Vãobora, pai – tornou o menino. Ele já estava começando a ficar com o rosto vermelho.

O homem abaixou-se para arrumar o embornal e o menino encaminhou-se rápido para as varas.

– Nós vamos deixar as varas – disse o homem.

– Por quê, pai?

– Eu queria que elas ficassem aí. E é melhor, porque nós vamos voltar de ônibus.

– De ônibus não, pai.

– O trem vai demorar muito.

O homem pôs a alça do embornal no ombro. Olhou ainda uma vez para o rio, para as margens despidas e os campos arruinados:

– Filhos de uma puta.

O menino perscrutou a cara suada do homem:

– O que é, pai?

– Nada – disse o homem.

O menino ficou esperando que o homem dissesse mais alguma coisa, sentia que havia mais alguma coisa.

– Pai – disse o menino.

O homem começou a caminhar. Antes de segui-lo, o menino voltou-se para o rio:

– Fedaputa.

E cuspiu na água encardida do velho rio.

(PIROLI, Wander. Fim de tudo que um dia foi bom e puro. In: _____. *Os rios morrem de sede*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 42 - 47)

3. É claro que agora você já tem condições de identificar na narrativa momentos marcantes que permitem dividi-la em partes. Solicitamos, então, que numere os enunciados abaixo, em ordem crescente de 1 a 5, de acordo com a sequência em que aparecem no texto. No retângulo abaixo de cada item da sequência, escreva os principais fatos que compõem a narrativa. Fizemos o número 1 (Estado de harmonia/equilíbrio) para você.

() **Ponto culminante da história** (acontecimento mais importante referente ao objetivo dos personagens)

() **Fato novo** (algo diferente, uma possibilidade inesperada)

() **Desfecho** (conclusão da narrativa)

() **Ações decorrentes do fato novo** (providências, procedimentos dos personagens)

(1) **Estado de harmonia/equilíbrio** (contexto inicial da história)

O menino Bumba vive na cidade com seu pai e sua mãe. Eles parecem representar uma família bem-estruturada, na qual predominam o afeto e o diálogo.

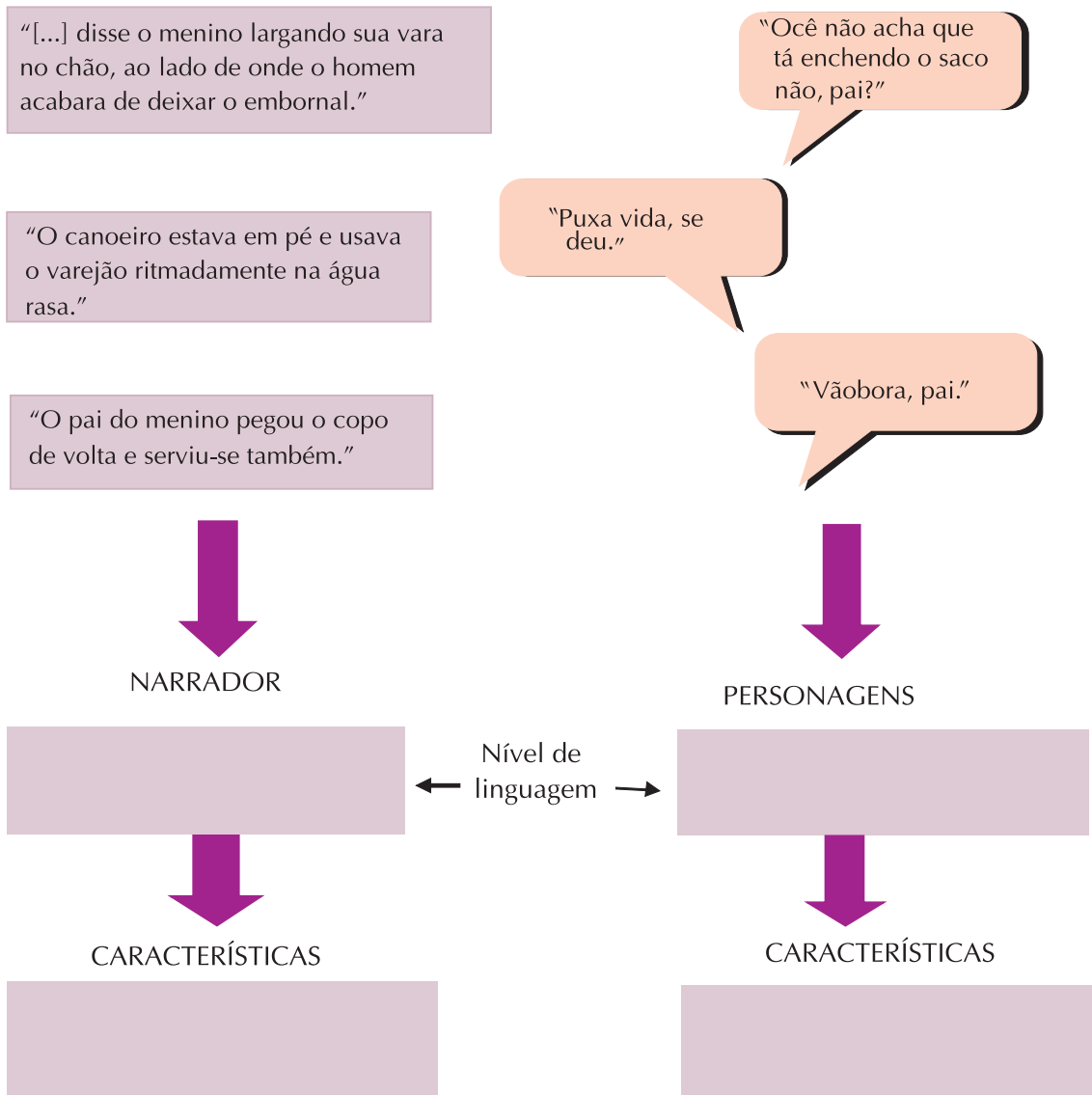
4. No final da narrativa, a reação do personagem pai é compatível com o contexto? Explique.

5. O rio e a água carregam uma simbologia que pode ser associada à ideia de vida, fluxo, movimento, dinamicidade, entre outras. Nesta narrativa, qual parece ser o simbolismo do rio?

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. Você já estudou e percebeu, nos textos lidos anteriormente, os diferentes níveis de linguagem. No texto “Os rios morrem de sede”, também se observa a sua presença. Por exemplo, nas páginas 42 e 43, há marcas que distinguem a linguagem empregada pelo narrador da linguagem usada pelos personagens. Analise os exemplos extraídos dessa parte do texto e identifique o nível de linguagem em cada conjunto de exemplos. A seguir, informe uma característica que distingue um tipo de linguagem do outro. Escreva sua resposta nos espaços apropriados.

Em [Apontamentos teóricos](#) há mais informações sobre **níveis de linguagem**.



(PIROLI, Wander. Fim de tudo o que um dia foi bom e puro. In: _____. *Os rios morrem de sede*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 39, 42, 43)

2. Um dos aspectos linguísticos a se considerar num texto é a utilização adequada dos tempos verbais. Numa narrativa, é comum ocorrer o uso dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo. Cada um desses tempos desempenha um papel específico na construção das ideias. Vejamos um exemplo:

O sol estava alto na manhã limpa, e o homem e o menino já haviam descido um bom pedaço margeando o rio, e agora voltavam suados e com as mesmas iscas esbranquiçadas.

– Não vou pescar mais não – disse o menino largando sua vara no chão ao lado de onde o homem acabara de deixar o embornal (PIROLI, 2002, p. 42).

O uso dos tempos do pretérito no texto revela que os eventos são anteriores ao momento da produção do texto. O uso do pretérito perfeito dá ênfase às ações centrais, enquanto os outros pretéritos referem-se às ações que ficam em segundo plano. Para aprofundar essa questão, consulte [Apontamentos teóricos](#).

No caso do fragmento acima, identifique as ações que constituem o pano de fundo da cena.

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

A partir de sua experiência de vida, que outro título você daria ao texto lido?

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

1. Agora, você está sendo convidado(a) a comparar “*Os rios morrem de sede*” com “*Como se despolui um rio?*”, em relação aos aspectos solicitados no quadro apresentado após o segundo texto.

Lembramos que o propósito comunicativo de um texto corresponde à intenção principal do autor ao produzi-lo: divertir, sensibilizar, informar, convencer, opinar, reclamar, elogiar, etc.

FAXINA EM CURSO

COMO SE DESPOLUI UM RIO?

Existem diversas maneiras, mas, infelizmente, todas são caras e só funcionam a longo prazo. A despoluição do Tâmisa, na Inglaterra, por exemplo, levou 150 anos. A limpeza do Reno, que nasce na Suíça e deságua no mar do Norte, custou 20 anos de trabalho. “E, mesmo assim, comparar a despoluição desses rios com o Tietê, em São Paulo, não é o mais correto”, explica Hebert Andrade, analista ambiental. Tanto o Tâmisa quanto o Reno

deságuam no mar. Uma vez interrompido o lançamento de dejetos, a natureza cuida do resto. O Sena, na França, também facilitou o trabalho da equipe de limpeza. O rio tem mais água e profundidade que o Tietê, o que também ajuda no processo. Ao rio paulistano sobra a solução mais complexa: uso de máquinas pesadas (dragagem), coleta eficiente de esgoto e conscientização da população para evitar que a sujeira seja jogada na rua e acabe indo parar no rio.

Os primeiros passos para a limpeza do Tietê estão sendo dados pelo governo do estado de São Paulo desde 1992. A idéia era que o rio estivesse completamente limpo e navegável em 2010, mas, mesmo com a parafernália funcionando a todo vapor, os ambientalistas acham a previsão exageradamente otimista. Para eles, o mais provável é que o rio só esteja totalmente recuperado lá por 2015.

BRUNO VIEIRA FEIJÓ

(Superinteressante, p. 31, mar. 2005)

Textos	Tema central	Propósito comunicativo	Uma ou mais diferenças na organização composicional do gênero	Uma ou mais diferenças quanto ao uso da linguagem
Os rios morrem de sede				
Como se despolui um rio?				

2. Podem-se contar histórias de várias maneiras: oralmente, por escrito, por meio de dramatização ou da combinação de linguagem verbal e não verbal, por exemplo. Com base em seu conhecimento de mundo, associado aos conhecimentos que vem construindo, leia o texto abaixo e preencha o quadro com as informações solicitadas.



Fonte: Biratan

Autor do texto	
Contexto em que se dá o diálogo	
Sentimento que move o personagem central	
Paradoxo estabelecido pelo pedido do peixinho	
Gênero deste texto	
Relação entre este texto e o conto	
Sua reação como leitor(a)	

3- Em que sentido o texto “Os rios morrem de sede” se assemelha ao texto acima? Considere não apenas o tema, mas o **modo de organização discursiva**.

Mais sobre o assunto você encontra em [Apontamentos teóricos](#).

4- Que analogia você estabelece entre o texto “Os rios morrem de sede” e a charge que aparece no início desta sequência?

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

As águas de um rio, em fluxo contínuo, lembram o curso da vida. Nessa trajetória, pela interferência do homem, grandes desastres ecológicos ocorrem, mas podem ser revertidos. É possível, por exemplo, segundo “Como se despolui um rio?”, recuperar as águas maculadas pela poluição, desde que se tomem algumas medidas.

Tendo presente essa perspectiva de renascimento de um rio, propomos que você crie uma continuação para a história “Os rios morrem de sede”, vinte anos após os personagens terem se decepcionado diante do estado desolador do Rio das Velhas. Imagine que o filho de Bumba deseja conhecer o Rio das Velhas e convida o pai, Bumba, e o avô para que o acompanhem nessa aventura. Agora você, na condição de escritor, ao produzir esse texto, precisa seguir algumas instruções:

- a) preveja uma extensão do texto que garanta o desenvolvimento suficiente das etapas constitutivas de um enredo envolvente/atraente (ver as etapas sugeridas na questão 3 da seção “Construindo os sentidos do texto”);
- b) explore a linguagem, em seu texto, de forma criativa, a exemplo do que mostra o conto lido;
- c) escolha um título que seja adequado ao tema desenvolvido e ao gênero **conto**.

Após produzir o seu texto e receber orientações e sugestões de seu professor, compartilhe o que produziu com um grupo de colegas, numa roda de leitura.

Seria interessante que

- (a) você lesse seu texto em voz alta, da maneira mais expressiva que pudesse, respondendo também a possíveis questões ou comentários dos colegas;
- (b) procurasse também ouvir a leitura dos textos dos colegas de grupo e apresentasse questões, comentários e sugestões de aprimoramento dos originais dos colegas.

Outra possibilidade de socialização é a publicação das diversas versões do conto

- em uma coletânea (material impresso e encadernado para circulação entre colegas);
- no jornal dos cursos ou dos diretórios de estudantes;
- no mural dos diferentes cursos.

PROJETO DE TRABALHO 2

Complementando a produção do conto, você poderá ainda

- escrever um *e-mail* para sua lista de amigos, convidando-os a se unirem contra a poluição dos rios;
- transformar o conto em reportagem e encontrar uma forma de divulgá-la;
- produzir uma tira ou história em quadrinhos a partir da narrativa lida.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia de alcance social, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

Fazendo uma retrospectiva da leitura do conto e levando em conta a natureza do texto literário, que procedimentos ou estratégias você usou ao lê-lo? Assinale as alternativas que se aplicam a você:

- () sentiu-se envolvido(a) pelo enredo;
- () identificou-se com os personagens;
- () percebeu o que significa para o pai convidar o filho para pescar;
- () construiu imagens mentais da narrativa em partes ou no todo;
- () teve ideias, emoções, compreensões a partir da experiência de ler o texto;
- () outra possibilidade. Qual? _____

Sequência 5



FORMAS DE VER A REALIDADE...

Qual é o tema abordado na figura acima? Que aspecto está sendo criticado?

Que intenção argumentativa se pode perceber na charge?

Que elementos não verbais orientam a recepção/compreensão desta figura?

PREPARANDO A LEITURA

1. Você deve estar acompanhando notícias sobre catástrofes ambientais que estão acontecendo em nosso planeta (furacões, inundações, maremotos, secas, etc.). Que hipóteses você tem sobre as causas desses desastres?

2. Como tarefa extraclasse, você pode investigar na internet ou em livros, revistas e jornais para encontrar informações sobre

a) o que é desenvolvimento sustentável.

b) que associações ou entidades de proteção ao meio ambiente lutam por essa causa.

Temos agora uma proposta para você: a leitura de um texto intitulado “Responsabilidade ecológica”. E, para começar, perguntamos: o que é responsabilidade ecológica?

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Na sequência das atividades desenvolvidas até o momento, foram analisados vários gêneros de textos (folheto de divulgação, carta argumentativa, ofício, conto). Você já tem familiaridade com diferentes gêneros textuais. Hoje, você terá a oportunidade de ler um texto de um outro gênero.

OPINIÃO DA RBS

22 QUARTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 2002 • PIONEIRO • OPINIÃO DA RBS

Responsabilidade ecológica

Trinta anos depois da Eco-72, realizada em Estocolmo, 10 anos depois da Rio-92 e dois meses antes da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, que ocorrerá em agosto em Johannesburgo, as ameaças ao ambiente natural voltam a dominar as preocupações da comunidade humana. O balanço dos avanços registrados nestas três décadas é contraditório. Se a conscientização planetária permitiu, nesse período, a universalização da luta ambiental, a difusão da educação voltada para a ecologia, a criação de legislações específicas, o aprofundamento da pesquisa com relação à natureza e ao clima, a proliferação de parques e a preservação ou recuperação de rios, esse mesmo balanço não é convincente em relação a decisões significativas e globais.

Algumas das mais preocupantes questões ambientais não tiveram a atenção que exigiam. O exemplo mais evidente disso é o tratamento dado à elevação da temperatura do planeta e às suas causas. O diagnóstico foi feito, a evolução da doença foi definida e o prognóstico, péssimo para a humanidade, foi revelado. Mais: diante dos evidentes prejuízos para a vida animal e a espécie humana, foram propostas legislações e tratados desde a primeira conferência mundial, há três décadas, até a Rio-92 e especialmente na Conferência de Kyoto, sobre o clima. As nações tomaram conhecimento da irresponsabilidade de continuar emitindo os gases-estufa e se decidiram por um protocolo que, progressivamente, eliminaria as causas da poluição, exigindo que cada país atendesse a essa responsabilidade de acordo com o

nível de poluição que produzia. Pois a surpresa negativa foi a de constatar que a mais rica nação do planeta, que também é a responsável pela emissão de um quarto dos gases poluentes, recusa-se a ratificar tal protocolo.

Essas decisões precisam ser reafirmadas, pois a maioria, infelizmente, ficou no papel.

Mas esta é apenas uma das grandes questões ambientais atropeladas por impasses. A questão maior, a do desenvolvimento sustentável, que é o tema formal da reunião de Johannesburgo, ainda está imersa numa confusão de conceitos e numa indefinição de prioridades capazes de levá-

la à inoperância e até ao insucesso. De qualquer maneira, é indubitável que nessa nova fase do debate a questão ambiental está sendo vista de maneira abrangente, ou seja, vinculada com a temática do que se pretenda seja o desenvolvimento sustentável. A miséria, a falta de água, o aquecimento global, a poluição dos mares, a destruição da biodiversidade, os limites do crescimento e o próprio estilo de vida predatório adotado por numerosas nações são uma só e mesma questão. A Agenda 21, documento-base da Rio-92, estabelecia novos padrões para a exploração econômica das riquezas naturais, regras mais precisas de preservação e uma partilha mais justa dos benefícios da economia. Todas essas decisões precisam ser reafirmadas agora, pois a maioria delas infelizmente ficou no papel.

O Dia Mundial do Meio Ambiente, hoje celebrado, é a renovação da oportunidade para alertar sobre os riscos que ameaçam um patrimônio natural que se formou e preservou em milhões de anos e que, sem consciência e sem ações concretas, pode ser aniquilado pela omissão de algumas gerações que viveram ou viverão nos séculos 20 e 21.

1. Para contextualizar melhor sua leitura, sugerimos que você dê uma passada de olhos pelo texto para localizar as informações abaixo solicitadas.

Título	Autor/responsável	Suporte/veículo	Local	Data	Público-alvo	Tipologia dominante	Tema central (assunto)

2. Depois de identificar esses aspectos, propomos que responda às seguintes questões:
a) Qual foi o propósito do autor/responsável ao escrever este texto?

b) Pelos estudos que fizemos com alguns gêneros textuais, você já pode ter uma ideia de que cada um deles serve para propósitos comunicativos distintos. Sendo assim, você pensa que poderia ter sido utilizado outro gênero textual para atingir esse mesmo propósito?

- () Sim. Qual?
- () Não

Por quê?

Caso você tenha dúvidas sobre o assunto, consulte os [Apontamentos teóricos](#).

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. Você já deve ter notado que textos diferentes são concretizados por meio de mecanismos linguísticos que podem variar, dependendo do contexto de produção (público-alvo, veículo de divulgação, etc.) e também dos objetivos ou propósitos comunicativos de cada texto. Considerando esses elementos, qual foi o **nível de linguagem** utilizado no texto? (Neste ponto, é importante que você consulte a seção [Apontamentos teóricos](#))

2. Podemos afirmar que o nível de linguagem utilizado está adequado ao propósito comunicativo do texto e ao público-alvo a que ele se destina?

() Sim

() Não

Por quê? _____

3. Como você deve ter verificado, este é um texto argumentativo. Ocorre que, no processo de argumentação, são apresentadas explicações para alguns fatos e para o que os originou.

a) Propomos que você identifique, na frase abaixo, qual segmento representa o fato e qual representa a explicação. Essa frase encontra-se nas três últimas linhas do penúltimo parágrafo.

Todas essas decisões precisam ser reafirmadas agora, pois a maioria delas infelizmente ficou no papel...

b) Se você fosse reescrever a frase da linha 8 do segundo parágrafo mantendo o mesmo sentido, que outra palavra/expressão poderia ser utilizada em vez de “Mais”?

Reescreva agora essa frase, mantendo o sentido original. Com a mudança do conector, talvez você precise fazer outras alterações.

4. As palavras são, por natureza, polissêmicas, isto é, elas podem apresentar mais de um significado, dependendo do contexto de uso.

Por exemplo:

(a) “cabeça” pode ser empregada no sentido denotativo, significando parte do corpo humano;

(b) “cabeça” também pode ser empregada no sentido conotativo, remetendo à ideia de líder do grupo.

Saber o significado das palavras no seu contexto de uso é, pois, fundamental para a compreensão. Abaixo, destacamos do texto “Responsabilidade ecológica” alguns termos que, talvez, suscitem dúvidas quanto ao seu sentido. Convidamos você a verificar, consultando um dicionário, em que sentido foram empregados nesta situação e fazer o registro de suas respostas em seu caderno. Caso haja outros termos dos quais você tenha dúvida, acrescente-os na lista que segue. Verifique, em **Apontamentos teóricos**, como se estrutura um **verbete**.

prognóstico (l. 30) _____

protocolo (l. 40) _____

ratificar (l. 48) _____

inoperância (l. 60) _____

indubitável (l. 61) _____

Vamos tentar identificar o significado das expressões abaixo e, por extensão, seu **sentido** nesse texto.

Palavra/ expressão	Significado	Sentido no texto
“tratados” (l. 34)		
“atropeladas” (l. 52)		
“agora” (l. 76)		
“no papel” (l. 77)		

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

1. Após ler o texto e verificar o que tem sido feito para conscientizar a população acerca dos problemas ambientais, que tese você defende no sentido de pôr em prática ações responsáveis diante da ecologia?

2. As relações entre causas e consequências de fatos, ações e atitudes nem sempre são explícitas. Para intervir positivamente na realidade, não basta ter informações; é preciso, como ponto de partida, estabelecer as relações entre os diversos fatores envolvidos.

Por exemplo, que relação existe entre os pulmões das pessoas e o cultivo de alimentos próximo do local onde elas vivem? Dito de outro modo:

“Comprar alimentos produzidos na região próxima de onde você mora faz bem aos pulmões” (CARARO, Aryane. Eco sim chato não. *Superinteressante*, p. 5, 15 dez. 2007).

Como pode ser isso? Explique a afirmação acima, usando como exemplos fatos concretos. Após, se quiser, leia o texto original, que se encontra como anexo, no final desta sequência.

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

Nesta parte da sequência, você é convidado(a) a ler mais um texto. Antes de iniciar qualquer leitura, é sempre oportuno analisar os aspectos paratextuais (título, ilustração, diagramação, gráficos e outros elementos que constituem o aspecto físico do texto). É o que propomos que você faça a seguir.

1. Após analisar o título e a ilustração do texto “Processo avassalador”, quais são suas hipóteses sobre o conteúdo nele desenvolvido?

Editoriais

ZERO HORA > DOMINGO/ 4/ MARÇO/ 2007

Processo avassalador

Descritos por oito estudos de pesquisadores brasileiros, divulgados na última semana, os possíveis efeitos do aumento do aquecimento global no Brasil foram referidos pela ministra Marina Silva, do Meio Ambiente, como um “processo avassalador”. A dramaticidade em relação ao tema já não é um recurso usado apenas por ecologistas românticos ou radicais, mas cada vez mais por ministros e chefes de Estado, além de líderes de grandes corporações privadas. É que, se os cientistas estiverem certos e países como o Brasil não cumprirem compromissos assumidos agora de tomar medidas adequadas e imediatas para conter a tendência, o futuro imediato será o previsto pelo documentário *Uma Verdade Inconveniente*, com o qual o ex-vice-presidente norte-americano Al Gore conquistou um Oscar. Os alertas são semelhantes aos referendados recentemente pelo Painel Internacional de Mudanças Climáticas (IPCC), das Nações Unidas.



Um aspecto alentador do vaticínio em tom catastrófico é que, assim como ocorre no mundo de maneira geral, também no Brasil as mudanças climáticas vêm sendo causadas em grande parte pela ação humana. As causas predominantes são o desmatamento e as queimadas, particularmente na Amazônia, e o uso de combustíveis fósseis. Essas razões já estão na origem de fenômenos concretos, que vão do furacão Catarina de 2004, o primeiro do Brasil, ao fato de, hoje, seis entre 10 praias pernambucanas estarem cedendo terreno para o mar. Se nada for feito, e de forma acertada, esses sinais podem evoluir para um agravamento dos problemas. Por isso, cada vez mais dirigentes de todo o mundo vão deixando as dúvidas de lado: ou se muda o consumo energético global, reduzindo drasticamente as emissões de gás carbônico que provocam o efeito estufa, ou as consequências serão nefastas.

Se a saída está na conscientização dos homens sobre o problema, pois são os que o provocam, é importante que o governo brasileiro aproveite esse momento de comoção global para fazer sua parte. Contribuições individuais baseadas nos chamados três erres – reduzir, reciclar, reutilizar – são significativas. Da mesma forma, cada país precisa fazer o que está ao seu alcance. Mas as proporções assumidas pelo fato em escala mundial demandam um esforço articulado, como o que vem sendo tentado pelo Protocolo de Kyoto, até hoje sem a assinatura dos Estados Unidos. Dificilmente, a ameaça ambiental será detida sem uma imediata e radical mudança nos padrões de consumo, e não só de energia.

Felizmente, o Brasil tem ampla vantagem de manobra diante dessa verdade inconveniente. Se enfrentar a questão amazônica e se seguir apostando nos combustíveis alternativos, como o biodiesel e o etanol, já terá sido um grande avanço.

ALERTA NO SUL

Na Região Sul, uma das ameaças que já se transformaram em verdade é o aumento da vazão da Bacia do Rio Paraná. E estão previstas mais consequências, que vão de alterações na migração de aves a uma elevação do nível do mar.

2. Vamos ler o texto para destacar no quadro o que se pede:

aspectos	conteúdo
Tópico central	
Posição defendida	
Dois argumentos que sustentam a tese	
Causas principais das mudanças climáticas em nosso país	
Efeitos concretos no Sul do Brasil	

3. Propomos que você releia o texto “Processo avassalador” e procure identificar o gênero a que ele pertence.

4. No parágrafo final é apresentada uma tese.
a) Que tese é essa?

b) Você a considera suficiente para resolver o processo a que o texto se refere? Justifique sua posição.

5. Que providências imediatas alguns problemas locais estão exigindo? São problemas semelhantes ou diferentes dos apresentados nos dois textos lidos?

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

Nesta atividade de leitura, você teve a oportunidade de lembrar notícias de catástrofes ambientais e de propor hipóteses para a origem desses desastres, teve também a oportunidade de pesquisar sobre desenvolvimento sustentável e associações ou entidades que lutam por essa causa, conhecendo um pouco mais sobre as mobilizações que são desenvolvidas em prol da ecologia. Depois de todos esses estudos, você poderia ser o responsável pelo **editorial** do jornal do Diretório Central de Estudantes, bastando que redija um texto interessante, atualizado e envolvente sobre o tema *responsabilidade ecológica*. Procure para tanto observar as características desse gênero de texto constantes na seção [Apontamentos teóricos](#).

Solicite a um colega que leia o editorial que você redigiu e que verifique se seu texto é publicável, isto é, se ele apresenta os elementos estruturais de um editorial, se usa adequadamente a linguagem e se as ideias são pertinentes, claras e bem-organizadas.

Após troca de ideias com seus colegas e com o professor ou a professora, e tendo feito a necessária revisão, seria importante você encaminhar seu texto a um periódico impresso ou eletrônico, visando à publicação. Lembrete: procure um periódico adequado ao seu propósito e ao tema que você aborda.

PROJETO DE TRABALHO 2

Em geral, a leitura de editoriais provoca reações nos leitores, as quais, muitas vezes, se concretizam em cartas remetidas ao jornal. Nossa proposta é que você escolha um editorial cujo tratamento do tema lhe tenha interessado, por tocar em questões de alcance social que você vivencia ou vivenciou, e escreva uma carta ao jornal ou periódico em que foi publicado esse editorial, manifestando sua opinião sobre o tema abordado, bem como sobre o papel da imprensa, do governo e da sociedade civil diante da problemática apresentada.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia relevante, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

Diferentes gêneros de texto apresentam características que podem facilitar ou dificultar a leitura. Com relação aos editoriais analisados nesta sequência, que características em comum, facilitadoras da construção de sentidos, você encontrou? No caso de ter-se deparado com alguma dificuldade na leitura, como conseguiu resolvê-la?

ANEXO

Leia se achar interessante.

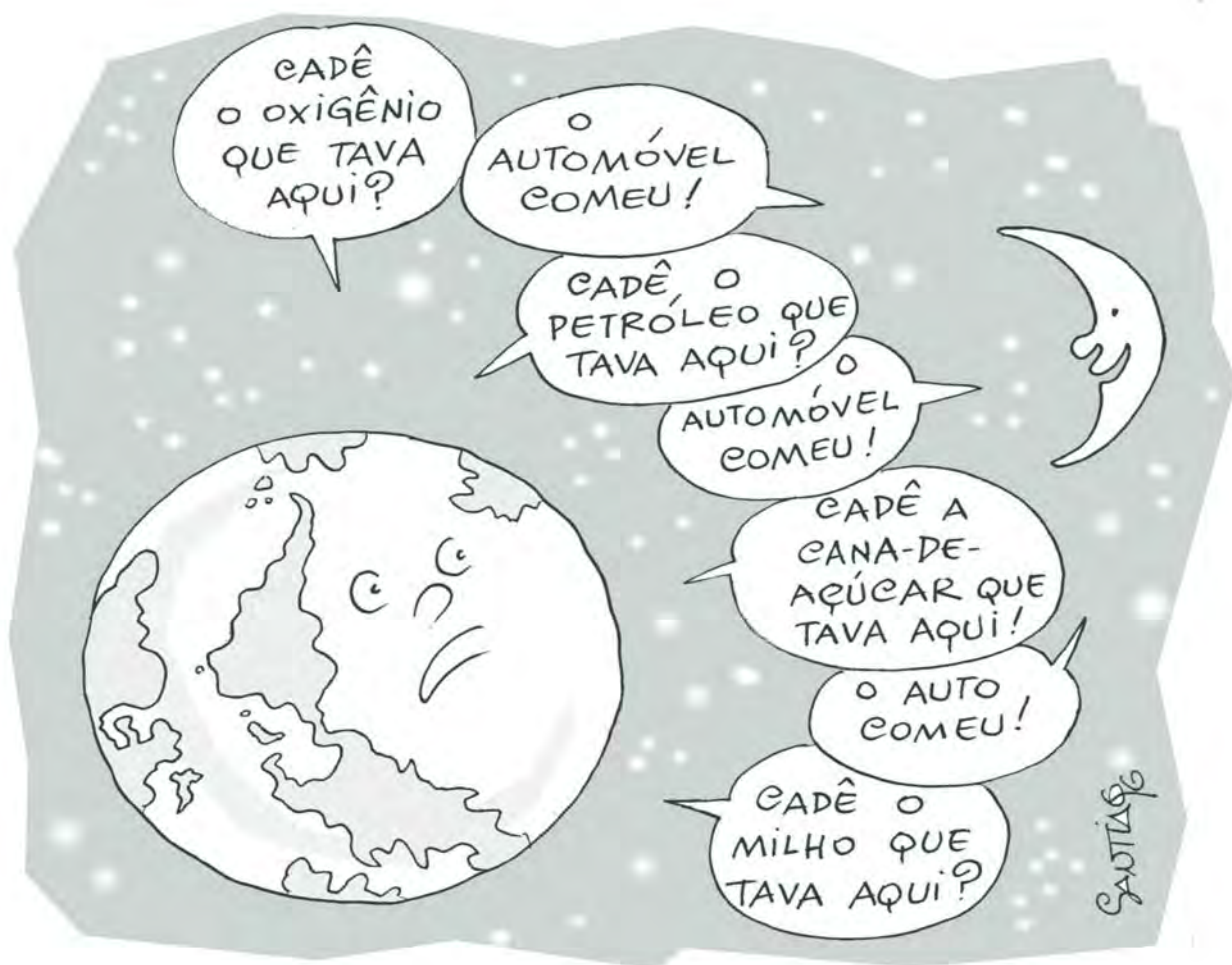
PREFIRA ALIMENTOS LOCAIS

Comprar alimentos produzidos na região próxima de onde você mora faz bem aos pulmões. O segredo está na redução da distância: com caminhões rodando pouco, há menos poluição. Além disso, o desperdício é muito menor – e as frutas não precisam ser colhidas ainda verdes. De acordo com Celso Moretti, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Brasil desperdiça no trajeto do campo à mesa 14 milhões de toneladas de hortaliças, grãos e frutas por ano. O transporte, que submete frutas a uma temperatura de 42°C embaixo das lonas, é o maior vilão do desperdício de alimentos.

Alimentos de longe também aumentam o aquecimento global. O pesquisador Márcio Nahuz e sua equipe do Instituto de Pesquisas Tecnológicas fizeram as contas do gás carbônico emitido por um caminhão a diesel (Mercedes 1620, com 231 cavalos) no transporte de melões de Mossoró, no Rio Grande do Norte, até a capital paulista (uma distância de 2.783 quilômetros). Considerando apenas o consumo de combustível, a carga teria custado

1.570,95 quilos de dióxido de carbono a mais na atmosfera. Ou o trabalho de 3 árvores adultas de 16 metros de altura e 0,28 metro de diâmetro no seqüestro de carbono. “O problema é que, para neutralizar as emissões da viagem, esse motorista deveria ter plantado as árvores 20 anos antes”, diz Nahuz. O mesmo problema acontece com maçãs que viajam de Vacaria (RS) até São Paulo, nas mesmas condições de transporte. Emitem 488 quilos de dióxido de carbono nos 865 quilômetros de viagem. Até mesmo a cenoura, facilmente cultivada nos cinturões verdes dos municípios, pode ter alta quilometragem – do pólo de São Gotardo (MG) à capital paulista vão sendo distribuídos nos 655 quilômetros quase 370 quilos de gás causador do efeito estufa. “É muito difícil não ter esse custo ambiental, já que não dá para produzir nas capitais as mesmas frutas de regiões distantes”, diz Nahuz. Uma saída é aproveitar as frutas e verduras da época – que podem ser produzidas tranquilamente perto das grandes cidades.

(CARARO, Aryane. Eco sim chato não. *Superinteressante*, Edição Verde Histórica, São Paulo, p. 63, dez. 2007)



FORMAS DE VER A REALIDADE...

Qual a ideia geral que a charge passa?

Qual o assunto/tema dessa ilustração?

Que avaliação crítica é sugerida pela charge?

Que elementos de intertextualidade são percebidos nesta criação?

PREPARANDO A LEITURA

Os cientistas estão advertindo com insistência que vai faltar água no futuro. Diante do alerta, você se sente responsável pela falta que esse recurso natural fará daqui a algum tempo? É importante que você justifique sua resposta.

A seguir, propomos a leitura de um texto denominado “Por uma gota d’água”. Para começar, o que esse título lhe sugere?

Artigos >

ZERO HORA > SEXTA-FEIRA/28/JULHO/2006

Por uma gota d’água

Manoel Jesus*

Muitos são os municípios do Estado que estão tendo que buscar recursos para investir em sistemas de barragens ou de transposição de águas para fazer o abastecimento primário da população.

Creio que este não seja o maior dos problemas, uma vez que tecnologias para esse fim já são conhecidas em muitas partes do mundo, permitindo que áreas onde escasseiem as chuvas não venham a enfrentar situações de catástrofe.

Então, qual é o problema? Creio que ele está em dois níveis: no setor público, em que os municípios precisam investir em infraestrutura para renovar tubulações, em muitos casos, centenárias. Mas, infelizmente, há uma “máxima em administração” que diz: investimentos se fazem em obras que são vistas. Obras “enterradas” não dão o retorno esperado, ou seja, o voto. O que faz com que os problemas voltem ciclicamente, diante do esquecimento das obras.

O segundo nível do problema está na população mal acostumada com o esforço feito pelas autoridades que não querem correr o risco de serem acusadas de falta do precioso líquido. Então, o que acontece é uma falta de conscientização generalizada e o desperdício de um elemento que, se não faltar agora, pela prodigalidade com que está sendo desperdiçado, vai faltar no futuro.

E não é apenas pelo mau uso que se faz do líquido tratado. É, também, pelos recursos

hídricos que são poluídos, incluindo desde pequenos fluxos de recolhimento de água das chuvas – nas áreas urbanas – passando por rios e lagoas, e chegando aos mares.

Ora, quem atira um sofá, pneus ou mesmo garrafas pet nesses lugares deveria ser condenado com a mesma severidade com que se condena alguém que comete um crime contra a vida!

Numa palestra, um professor contou que a consciência ecológica não se inicia por teorias, mas por uma prática concreta. E citava como exemplo: se o pai ou a mãe levarem a criança para a horta ou o jardim, com instrumentos de brinquedo que possam repetir o que os mais velhos estão fazendo, é muito provável que ela vá gostar de jardinagem ou de horta. E adquirir, por si, a consciência da necessidade de preservação da natureza!

São muitas as experiências em escolas que mostram isto. Falar é bom, mas praticar é melhor ainda. E falam, mas também abrigam pequenos espaços onde a criançada pode meter a mão na terra.

Neste pobre e sofrido planeta, já com uma série de curativos colocados sobre suas seqüelas, creio que vale a pena investir na criançada como capazes de reverter esta situação. Sem esquecer, no entanto, de fazer a nossa parte, hoje, evitando que, no futuro, sejamos incriminados por omissão.

* Professor da Escola de Comunicação da UCPel

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

1. Numa rápida análise, vamos caracterizar o contexto no qual o texto foi produzido, apontando os seguintes aspectos:

Aspectos	Informações/características
Autor(a)	
Posição social do(a) autor(a) (lugar de onde fala, com que autoridade)	
Propósito principal do texto	
Público-alvo (a quem é dirigido)	
Local da publicação	
Data da publicação	
Veículo da publicação	
Momento histórico/social em que se insere a produção do texto (fatos, valores, produção artística e científica, decisões governamentais, globalização)	
Gênero textual	

2. Prestar atenção a essas informações contribui para o estabelecimento dos sentidos do texto. Como isso se dá?

3. Textos como esse que você acabou de ler sempre trazem o ponto de vista defendido pelo(a) autor(a), a que chamamos **tese**. Sua tarefa agora será descobrir qual é a tese principal no material lido.

4. Uma leitura completa e cuidadosa é aconselhável agora. Depois disso, diga: o que está implícito na última frase do último parágrafo?

5. Que compromisso fica implícito na última frase do parágrafo conclusivo? Que palavras especificamente auxiliam a expressar esse compromisso?

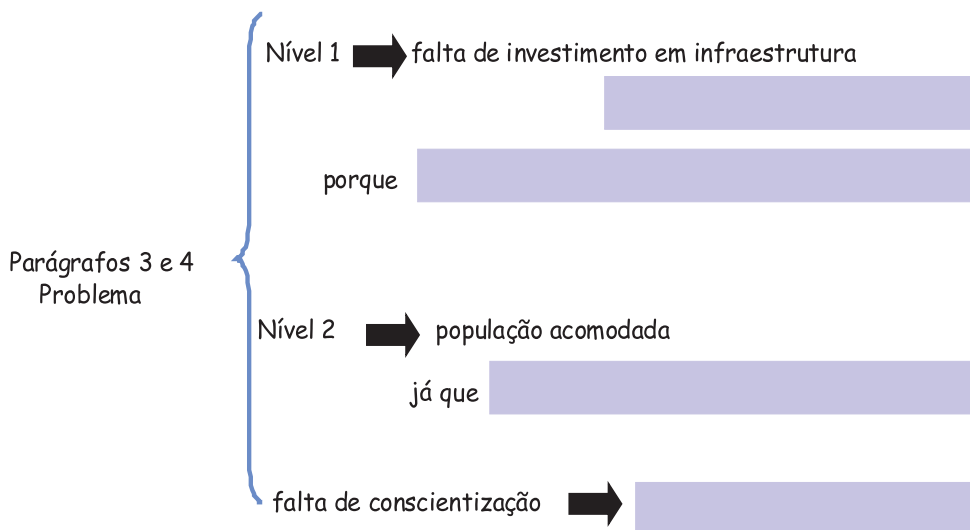
6. O autor convenceu você a respeito dos pontos de vista que defende? Em caso afirmativo, com que argumentos?

7. Você identificou a tese do autor e o problema nela expresso. Ocorre que o texto também mostra caminhos para chegar à solução desse problema. Cite um desses caminhos, diga se você o considera realmente eficaz e justifique esse seu ponto de vista.

8. Agora, suponhamos que você precise apresentar, numa reunião da Associação do seu bairro, uma palestra que promova a conscientização sobre o problema da água. Para isso, você decide usar as principais ideias contidas no texto “Por uma gota d’água”. Fornecemos a seguir uma sugestão de esquematização dessas ideias. Você é convidado(a) a completar o esquema, preenchendo as caixas com as informações contidas no texto.

Parágrafo 1 Investimentos dos municípios em barragens ou transposição de águas

Parágrafo 2 pois existe tecnologia para isso



Parágrafo 9 Investimento importante

No entanto, não pode se omitir.

Em seguida, é aconselhável que você prepare um resumo da palestra para o seu público, incluindo:

- a) um resumo das ideias do autor, e
- b) conclusões e sugestões a serem adotadas pela comunidade do bairro.

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. No texto (última linha do 6º parágrafo e última linha do 7º parágrafo), são usados pontos de exclamação. Como pode ser justificada essa escolha do autor? Caso houvesse uma troca do ponto de exclamação por outro sinal de pontuação, isso acarretaria uma mudança de sentido? Explique.

2. No parágrafo 4, a palavra “água” não aparece nenhuma vez, mas há duas referências a ela feitas por meio de dois substantivos. Quais são esses substantivos? Que função tem esse recurso no texto?

3. Às vezes, entendemos ou adivinhamos o sentido de palavras e expressões que aparecem nos textos. Mas vale a pena analisar atentamente alguns termos, precisando-lhes o sentido. Com isso, teremos um ganho duplo: por um lado, desenvolvendo o raciocínio, a análise e a inserção da palavra no contexto; por outro, estaremos ampliando nosso vocabulário e, assim, tendo um repertório maior para nossas futuras leituras. Nesse sentido, você sabe o que significa “transposição de água”? Investigue o máximo que puder a respeito do assunto e elabore uma **definição** para essa expressão. Confira como se elabora uma definição (adaptado de GARCIA, 1997):

TERMO DEFINIDO = (LIGAÇÃO)		CATEGORIA	+	DIFERENÇAS
(a coisa a ser definida)	(verbo <i>ser</i> ou seu equivalente)	(classe a que o termo pertence)		(o que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas pertencentes à mesma classe)
<i>Recursos naturais</i>	<i>constituem</i>	<i>os bens da natureza</i>		<i>que o homem utiliza, como o ar, a água e o solo.</i>

Agora redija a sua definição:

Transposição de águas é _____

4. A partir de seu conhecimento lexical, encontre no texto palavras ou expressões que podem ser substituídas, sem alteração de sentido, por:

a) esbanjamento, desperdício;

b) relativos à água.

Observação: Alguns ajustes na frase reescrita talvez sejam necessários em função dessas substituições.

5. As locuções verbais representam um dos recursos linguísticos responsáveis por conferir ao texto relações aspectuais (de possibilidade, de ação futura, de continuidade ou de necessidade). Considerando isso, numere a segunda coluna de acordo com os aspectos elencados na primeira. Para responder adequadamente, observe com atenção o emprego dessas locuções no texto.

- | | |
|------------------|-----------------------------------------------------------|
| 1) Continuidade | () estão tendo (linha 2 do parágrafo 1) |
| 2) Possibilidade | () precisam investir (linha 3 do parágrafo 3) |
| 3) Necessidade | () está sendo desperdiçado (linhas 8 e 9 do parágrafo 4) |
| 4) Ação futura | () deveria ser condenado (linha 2 do parágrafo 6) |
| | () estão fazendo (linha 7 do parágrafo 7) |
| | () vá gostar (linhas 7 e 8 do parágrafo 7) |
| | () pode meter (linha 4 do parágrafo 8) |

6. A frase empregada nas duas primeiras linhas do parágrafo 5 expressa uma causa e uma consequência, que aparece no parágrafo anterior. Sua tarefa será identificar qual é essa consequência.

Causa: mau uso que se faz do líquido tratado.

Consequência: _____

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

1. A partir do título, “Oremos por ele”, o que você espera encontrar no texto que segue?

2. Para construir os sentidos do texto, é importante conhecermos seus contextualizadores. Convidamos você a fazer com o texto a seguir o mesmo levantamento realizado com o primeiro texto desta unidade.

Autor(a)	
Posição social do(a) autor(a) (lugar de onde fala, com que autoridade)	
Propósito principal do texto	
Público-alvo (a quem é dirigido)	
Local da publicação	
Data da publicação	
Veículo da publicação	
Momento histórico/social em que se insere a produção do texto (fatos, valores, produção artística e científica, decisões governamentais, globalização)	
Gênero textual	

Artigo / Dia Mundial do Meio Ambiente

Oremos por ele

CLÁUDIA TEIXEIRA
PANAROTTO*

Fui um entre os milhares de fiéis que peregrinaram até o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, neste ano. Durante o percurso, vi alguns comportamentos, que, em tese, não condizem com atitudes cristãs e, provavelmente, desagradariam à santa.

Um deles diz respeito ao meio ambiente. Qual é a relação entre fé e meio ambiente? Se acreditarmos, como cristãos, que Deus nos criou e criou todos os elementos da natureza, bem como os demais seres vivos, então, nossa atitude deveria ser de preservar o meio ambiente, obra divina do

Criador. Deveria ser considerado pecado fazer o contrário.

Entretanto, durante o trajeto, vi fiéis tratando a obra divina com descaso, transformando o percurso até o santuário em um verdadeiro “lixão”. Detalhe: havia distribuição de sacos plásticos para o armazenamento de resíduos.

A desenvoltura com que os fiéis se livraram de seu lixo me deixou preocupada. É falta do quê? Educação, fé? Diria eu, um conjunto de fatores. Mas, sempre vem ao meu espírito a idéia da falta de senso do que seja bem comum, coletividade, direito e dever de cidadão. O espaço público

é de todos e todos têm o dever de zelar por ele. Jogar resíduo indiscriminadamente no ambiente, além de pecado, é crime.

Sacos, garrafas e outros resíduos podem ser responsáveis pela morte de pessoas, entupindo as bocas de lobo e ocasionando enchentes e inundações. Sugiro que, no próximo ano, os devotos coloquem como uma de penitências carregar consigo seus resíduos até uma lixeira. E, neste domingo, comemora-se o Dia Mundial do Meio Ambiente. Oremos por ele.

*** Diretora do Instituto de Saneamento Ambiental da Universidade de Caxias do Sul (UCS)**

3. Faça uma leitura cuidadosa de todo o texto e depois escreva no quadro a principal posição (tese) defendida por quem o escreveu.

4. Escreva nos espaços abaixo algumas **evidências** que sustentam essa tese:

Depoimento	Raciocínio lógico	Exemplos

5. Depois de ler o texto, percebe-se que a causa mais provável da conduta dos fiéis em relação aos resíduos é _____

6. Vamos reler os dois textos, “Por uma gota d’água” e “Oremos por ele”, para preencher o quadro abaixo:

Aspectos semelhantes	Aspectos diferentes

Para assinalar e completar:

7. Comparando os dois textos desta unidade, pode-se dizer que a relação entre eles é de
- () oposição.
 - () complementaridade.
 - () temporalidade.
 - () causalidade.

Elementos textuais que revelam essa relação: _____

8. Os dois textos abordam um tema, tomando posição e defendendo-a com argumentos. O modo de organização desse texto (guiado pelo propósito) é

Se quiser, releia [Apontamentos teóricos](#) a esse respeito.

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

Em termos de vida real, como os problemas discutidos nos dois textos podem ser atacados?

PROJETO DE TRABALHO 1

1. Suponha que você e um colega decidam apresentar, num debate que ocorrerá em sala de aula, os pontos principais do texto que acabou de ser analisado. Certamente, além desse conteúdo central, vocês vão querer introduzir outras ideias e informações de outros textos que vocês leram, viram ou ouviram.

Uma forma bastante útil, tanto para organizar informações como para apresentá-las, é o esquema, que já foi motivo de Projeto de Trabalho na Sequência 3. A partir das teses e dos argumentos destacados, somados ao tema (ou questão central), devidamente contextualizado, propomos que você organize um **esquema** que sirva de apoio para sua apresentação oral. (Precisa de informações específicas sobre esse gênero? Consulte [Apontamentos teóricos](#).)

2. Agora, usando um esquema como suporte, apresente seu trabalho ao grupo por meio de uma exposição oral. Lembre-se de citar as fontes consultadas, pois essa é uma questão de ética.

PROJETO DE TRABALHO 2

Propomos que agora você escreva um **artigo de opinião** endereçado a seus colegas universitários sobre questões que interessam a esse público. Se precisar de ajuda para redigir esse gênero de texto, consulte [Apontamentos teóricos](#).

Depois de esboçada a primeira versão do seu artigo, mostre o texto a um colega, para que ele lhe dê as impressões sobre o mesmo (quanto ao gênero, à clareza e à consistência das ideias, a pertinência da tese e dos argumentos, à adequação do uso da linguagem). A partir dessa opinião, você poderá reescrever o artigo para compor uma coletânea das produções da turma. Seria interessante também que você procurasse algum veículo acadêmico para publicar seu trabalho.

PROJETO DE TRABALHO 3

Se você tiver uma filmadora, poderá produzir um minidocumentário, incluindo os tópicos tratados nos artigos de opinião desta sequência e acrescentando informações de outras fontes, inclusive material visual.

Agende um momento para apresentar e discutir seu vídeo com colegas de diferentes turmas ou disciplinas. Você pode também postar seu vídeo num *site* ou *blog*.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia de repercussão social, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

Que habilidades a leitura de artigos de opinião exigiu de você?

Sua opinião sobre os assuntos discutidos nos artigos lidos permanece a mesma ou mudou após a leitura? Explique.

Como você avalia a sua habilidade de fazer julgamentos sobre as questões lidas?

O que você pode fazer para desenvolver essa habilidade?

Sequência 7



FORMAS DE VER A REALIDADE...

De que trata a figura?

O que o autor expressou por meio desta criação?

Que papel os elementos não verbais têm na recepção/compreensão dos sentidos deste gênero?

PREPARANDO A LEITURA

Diante dos problemas ecológicos existentes no Brasil e no mundo, o leitor precisa enfrentar mais um desafio: o de buscar informações fidedignas, completas, imparciais e com base científica.

1. No seu caso, você se contenta com o que a imprensa falada, escrita e televisionada apresenta sobre o assunto? Explique.

2. Ao buscar informações consistentes e aprofundadas sobre determinado tópico, você opta por

- () revistas de informação geral.
- () grandes jornais de circulação nacional.
- () pequenos jornais locais.
- () revistas de divulgação científica.
- () programas de TV com conteúdo geral.
- () programas de TV em canais especializados.
- () *sites* de busca na internet.
- () *sites* especializados nas diferentes áreas do conhecimento.
- () eventos científicos nas áreas de conhecimento relevantes.
- () outras fontes de informação. Quais?

3. O texto que você vai ler agora tem como título “Previsão pessimista com base em dados fiéis”. Que hipóteses você levanta sobre a temática desse texto, a partir do seu título?

Previsão pessimista com base em dados fiéis

Uso inteligente da água

Aldo da Cunha Rebouças, São Paulo. Escrituras, 208 p. R\$ 29,00

Este é um livro recente que nos seus 12 capítulos contém muita informação importante sobre os problemas que envolvem o uso da água no Brasil e no mundo. O livro se inicia com uma previsão pessimista ou catastrófica do autor: “Embora o Brasil ostente a maior descarga de água doce do mundo nos seus rios, quando estes secarem ou só transportarem esgotos não tratados das nossas cidades, já não será possível produzir alimentos, plantar árvores e o dinheiro do bolso de pouco valerá.” Esse pessimismo se apóia – e se justifica em parte – nas informações que a obra revela, como o aumento da poluição das águas dos rios e a redução da disponibilidade de água *per capita* em um número crescente de países.

O autor, geólogo e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, apresenta de forma muito clara dados relevantes e estudos de casos para as águas dos aquíferos subterrâneos, bem como excelentes estatísticas das perdas em irrigação. Tais informações deveriam ser consideradas neste momento em que ocorre uma expansão dos chamados agronegócios. Uso de águas subterrâneas e transposição de rios são projetos que envolvem muitos interesses econômicos e que costumam ser vendidos como “a solução” para resolver os problemas das áreas do semi-árido no Brasil. Uma leitura atenta do livro mostra um quadro um pouco diferente, pois são projetos que podem ter consequências contrárias ao desejado, esgotando aquíferos subterrâneos, erodindo e salinizando os solos.

A leitura do livro é agradável e seu autor demonstra grande conhecimento teórico e prático do assunto. Contudo, o livro também apresenta alguns erros que poderiam não existir se uma revisão cuidadosa tivesse sido feita como, por exemplo, colocar o Brasil com emissões de CO₂ superiores às dos Estados Unidos (p. 90).

O título ‘As estatísticas enganadoras’, encontrado na página 31, é muito elucidativo

em relação à disponibilidade de água no Brasil e no mundo. O autor chama a atenção para o fato de que, do total de água no mundo, apenas 2,5% são de água doce e cerca de 76% dessa água estão imobilizados nas calotas polares: daí conclui-se que a água disponível para uso é algo próximo a 1% da água do mundo, com a circunstância agravante de que a maior parte dela é subterrânea.

Os números são corretos e são eles a origem das preocupações relativas à escassez de água, como também uma ferramenta para sensibilizar a opinião pública e os governantes. Mas existem algumas informações que, em geral, são sonegadas em todas as publicações sobre o tema e o livro de Rebouças não é uma exceção. Três dessas informações relevantes são: 1) toda a água contida na atmosfera se renova a cada nove ou 10 dias; 2) toda a água dos rios se renova a cada três meses; e 3) a água dos oceanos é renovada a cada 3 mil anos. Isso significa que em menos de um mês a atmosfera despeja sobre a Terra milhares de quilômetros cúbicos de água limpa e que, se pararmos de jogar esgotos não tratados nos rios, depois de três meses eles estarão relativamente limpos, mesmo que o rio em questão seja o Tietê, em São Paulo, que hoje não merece a classificação ‘rio’. Também vale a pena pensar no que significa o item 3, se considerarmos que os oceanos contêm 97,5% da água da Terra.

Essas informações mostram que as soluções para o problema da água no Brasil não são caras ou difíceis de executar. Uma simples lei que obrigue as indústrias a captar a água que usam a jusante (rio abaixo) do ponto em que lançam seus efluentes, aliada ao uso mais eficiente do dinheiro arrecadado pelos estados e municípios para cuidar dos esgotos domésticos, não parece algo complexo. Um pouco de otimismo não é indesejável.

Ricardo Iglesias Rios, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

1. Procure verificar agora, num primeiro contato com o texto, se suas hipóteses se confirmaram.

2. Sugerimos, neste momento, que você faça uma leitura exploratória para identificar os seus contextualizadores. Observe todos os fatores de contextualização do texto e anote no quadro as informações ou dados percebidos.

Autor do texto lido	
Lugar social do autor do texto lido	
Título da obra descrita ¹ no texto lido ²	
Autor da obra descrita no texto lido	
Veículo/suporte em que foi publicado o texto lido	
Data da publicação do texto lido	
Propósito principal do texto lido	
Leitor/público presumido para o texto lido	

3. A partir desses dados e de uma primeira leitura, você poderá identificar o gênero do texto lido. Que gênero é esse? Se você tiver dúvidas, consulte [Apontamentos teóricos](#).

4. Este texto tem partes ou seções com intenções específicas, que podem ser identificadas com relativa facilidade. Vamos fazer isso agora, indicando os parágrafos correspondentes a essas partes.

INTENÇÕES	PARÁGRAFOS
Apresentar a obra focalizada	
Apresentar o autor da obra contemplada	
Resumir o conteúdo da obra	
Avaliar/qualificar ou desqualificar a obra	
Recomendar (ou não) a obra focalizada	

¹ Obra descrita: texto original, obra sobre a qual se escreve.
² Texto lido: texto derivado, baseado no texto original.

5. Que avaliação o autor do texto lido faz da obra que apresenta?

ASPECTOS FAVORÁVEIS	ASPECTOS DESFAVORÁVEIS
1.	1.
2.	2.
3.	3.

6. Em síntese, o autor do texto lido concorda com a opinião do autor da obra apresentada? Explique, usando fragmentos desse texto para justificar sua conclusão.

7. Explique por que uma lei que obrigue as indústrias a captarem água dos rios abaixo do local em que lançam seus próprios efluentes poderá ser uma solução eficaz para o problema de poluição.

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. A exploração de mecanismos de linguagem é também um fator importante na construção de estratégias de leitura. Prestar atenção às marcas linguísticas e à organização textual ajuda a localizar informações, estabelecer relações e entender o texto. Começemos dando atenção ao vocabulário.

No texto que você acaba de ler, são usadas algumas palavras características da área temática trabalhada. Seria interessante verificar se você conhece os significados que elas têm no texto. Ao lado das expressões dadas, escreva os sinônimos correspondentes encontrados no texto.

- a) atividades que envolvem a agropecuária e sua comercialização: _____
- b) reservas de água: _____
- c) desgaste por ação mecânica ou química: _____
- d) tornar salino: _____
- e) por/para cada indivíduo: _____

2. Para a melhor compreensão de um texto, o leitor deve ter em mente que informações já mencionadas podem ser retomadas através de mecanismos de linguagem conhecidos como **referenciadores** (em caso de dúvida, consulte [Apontamentos teóricos](#)). Sua tarefa será

a) identificar a informação que a expressão “esse pessimismo” (linha 12 do primeiro parágrafo), composta pelo pronome demonstrativo e pelo substantivo, retoma no texto.

b) identificar o referente da expressão “tais informações” (linhas 6 e 7 do segundo parágrafo), composta pelo pronome demonstrativo e pelo substantivo.

3. A pontuação coopera para o estabelecimento das significações do texto. Por isso é muito importante estarmos atentos aos usos presentes no processo de leitura. Sendo assim, solicitamos que você aponte a função das aspas, simples ou duplas, empregadas, considerando as seguintes opções: ênfase, ironia, citação direta, referência a termos específicos, presença de estrangeirismos, apresentação de títulos, nos seguintes contextos:

a) na linha 12 do segundo parágrafo: _____

b) na linha 1 do quarto parágrafo: _____

4. Quando num texto (reportagem, resenha, artigo científico, editorial, romance, entre outros) o autor quer introduzir a voz de outros enunciadores, é usual o recurso a **verbos de citação** e a expressões de conformidade. Maiores explicações, com exemplificação, você encontra em **Apontamentos teóricos**.

Propomos que você retire do texto lido dois exemplos de verbos de citação.

5. No terceiro parágrafo, o autor usa uma palavra para marcar a oposição entre aspectos favoráveis e desfavoráveis do texto original. Qual é essa palavra? Que outro termo você poderia usar no lugar dela, mantendo a mesma significação do contexto original?

6. Outro aspecto interessante nesse gênero, que exige atenção do leitor, é o fato de haver um autor do texto lido que faz referência ao autor de uma obra (texto original) apresentada nesse texto. Assim sendo, é necessário distinguir as vozes de autoria nesses dois níveis. Propomos que você identifique as vozes dos autores (do texto lido e do original), dos seguintes enunciados, que são parte integrante dos respectivos parágrafos.

parágrafo 1: “Embora o Brasil ostente a maior descarga de água doce do mundo nos seus rios, quando estes secarem ou só transportarem esgotos não tratados das nossas cidades, já não será possível produzir alimentos, plantar árvores e o dinheiro do bolso de pouco valerá.”

parágrafo 2: “O autor, geólogo e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, apresenta de forma muito clara dados relevantes e estudos de casos para as águas dos aquíferos subterrâneos, bem como excelentes estatísticas das perdas em irrigação.”

parágrafo 4: “O autor chama a atenção para o fato de que, do total de água no mundo, apenas 2,5% são de água doce e cerca de 76% dessa água estão imobilizados nas calotas polares: daí conclui-se que a água disponível para uso é algo próximo a 1% da água do mundo, com a circunstância agravante de que a maior parte dela é subterrânea.”

7. Após uma leitura cuidadosa, você tem condições de extrair do texto lido as informações referentes ao conteúdo da obra apresentada por ele. Sugerimos, então, que você redija um **resumo**, condensando essas informações. Caso você tenha dúvidas, consulte a seção **Apontamentos teóricos**. Veja também, nessa mesma seção, como se caracteriza a **paráfrase**, recurso bastante usado durante a retextualização que ocorre no processo de redução de informação.

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

Que argumento empregado pelo autor convenceria você a ler ou a não ler o livro? Você recomendaria sua leitura a alguém? Em caso afirmativo, a quem? Em caso negativo, explique suas razões.

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

1. Como você reage diante de um filme, um documentário ou uma reportagem sobre um fato polêmico?

2. Você forma opinião rapidamente, ou busca mais informações para compreender em profundidade a questão?

3. Que fontes utiliza para se informar?

4. Como saber se são fontes fidedignas?

5. Em seguida, propomos que leia o texto “Uma verdade inconveniente” escrito por René Capriles, para identificar os contextualizadores, registrando-os no quadro abaixo:

Autor do texto	
Propósito principal do texto	
Data de publicação	
Veículo de publicação	
Obra discutida no texto	
Público-alvo do texto	

UMA VERDADE INCONVENIENTE

Lançado em fevereiro passado no Festival Sundance e celebrado como uma obra cult no último Festival de Cinema de Cannes, o filme “Uma Verdade Inconveniente” já foi visto por milhões de pessoas, principalmente nos Estados Unidos. Protagonizado por Al Gore, o filme é uma severa advertência para a Humanidade sobre a responsabilidade do Homem nas mudanças climáticas. É um documentário ambientalista e, por isso mesmo, político. As imagens, chocantes, mostram as atuais alterações que o nosso Planeta está experimentando e elas são, também, a evidência da irresponsabilidade dos políticos que se negam a reconhecer a urgência de tocar no assunto e o pouco tempo que resta para evitar a catástrofe total.

No início é um plácido rio. Assim começa o filme “Uma Verdade Inconveniente”. São as imagens de um rio cujas mansas águas deslizam despreocupadamente na alegria de uma estação primaveril, com um estilo de narrativa digno do classicismo dos melhores *westerns*. A realidade mostrada é um bucólico mundo inspirado na visão pastoril do mundo de Virgílio, que depois migra para uma legião de referências que são parte inalienável da cultura estadunidense, incluindo poetas, escritores, cineastas, atores e estudiosos de renome. “Uma Verdade Inconveniente”, protagonizado por Al Gore e dirigido por Davis Guggenheim, não retrata a verdade do passado recente, mas a verdade do futuro imediato.

Em 2008, Al Gore fará 60 anos, quarenta deles dedicados à ecologia. A Humanidade estará no limite dos 8 bilhões de pessoas e as mudanças climáticas terão avançado de tal forma que será irreversível a catástrofe há

tempos anunciada pelos cientistas de todo o mundo. Depois de ter perdido a eleição presidencial do ano 2000 nos Estados Unidos, Al Gore retirou-se para sua fazenda no estado do Tennessee para repensar a vida. Foi ali, olhando o rio que corre ao longo de sua fazenda, um rio similar àquele que desce mansamente no início de “Uma Verdade Inconveniente”, que decidiu assumir definitivamente a sua condição de ambientalista. Viajou, escreveu livros sobre o tema e é dono de um canal de televisão interativo, cuja programação está voltada para as questões ambientais.

Foi assim, com toda essa bagagem, que decidiu fazer palestras ao longo dos EUA conscientizando a população, principalmente universitária, sobre este grave problema planetário. Com apoio da melhor tecnologia da Apple, combinando humor, desenhos animados e tabelas com comprovados dados científicos, optou por uma apresentação multimídia mediante a qual ele explica à platéia as graves conseqüências que o aquecimento global está causando no nosso Planeta.

O filme narra, em duas histórias paralelas, a vida de Al Gore e uma de suas palestras perante um público principalmente jovem. Al Gore fala de sua vida simultaneamente para Guggenheim e o público. O diretor dá ênfase a três eventos-chave na vida do ex-vice-presidente que ajudaram a moldar seu envolvimento com o meio ambiente: o acidente de carro que quase tirou a vida de seu filho caçula; a morte de sua irmã com câncer de pulmão, levando em consideração que sua família tinha uma plantação de tabaco; e a derrota na campanha presidencial de 2000 contra George W. Bush.

Concebido de forma inteligentíssima como uma metalinguagem, Al Gore subliminalmente associa as mudanças climáticas ao nazi-fascismo. Não de forma explícita, evidentemente, mas através das citações históricas com as quais ele tenta motivar as pessoas a tomarem uma atitude. Tanto nas suas palestras quanto nos seus discursos políticos, ele menciona reiteradamente Winston Churchill, o primeiro ministro inglês que advertia a seus concidadãos e ao mundo inteiro sobre os perigos do surgimento do nazismo que culminaria na Segunda Guerra Mundial. Conclui afirmando que “A era do adiamento, das meias-tintas, do expediente apaziguador e dilatatório está prestes a terminar; em seu lugar, estamos entrando num período de conseqüências”.

“Uma Verdade Inconveniente” é o primeiro depoimento franco e aberto de um dos protagonistas da política mundial das duas últimas décadas a reconhecer a possibilidade da autodestruição do Planeta. De forma clara e bastante didática no filme, Al Gore transmite aos indecisos a certeza de que caminhamos para um final apocalíptico. Sem dramatizar com palavras, o que ele mostra são as imagens. O Monte Kilimanjaro, 20 anos antes, com todo o esplendor do seu cume nevado, e hoje, sem neve, sem vida. As geleiras da Antártica que se desmoronam em pedaços gigantescos para se desmancharem nas águas oceânicas levando ao inevitável aumento do nível do mar. É mais do que certo que nas próximas duas décadas milhões de pessoas virarão refugiados ambientais; que as águas farão desaparecer não somente Nova Iorque como grande parte dos Países Baixos e que as defesas construídas contra essa ameaça pelo governo holandês de nada servirão apesar de serem hoje as barreiras mais avançadas tecnologicamente; que Bangladesh,

grande parte da Ásia, e todos os estados insulares do Pacífico Sul desaparecerão sob a água, definitivamente.

As informações que fornece são exaustivas e definitivas. Um dado concreto é que quase todas as atividades industriais dependem do desflorestamento e da desidratação da Terra. Além do corte das árvores para produzir madeira industrializada e carvão vegetal, a construção de hidroelétricas para gerar energia elétrica com as suas indispensáveis barragens é responsável pela inundação de enormes áreas emissoras de gases de efeito estufa, reduzindo a camada atmosférica e aumentando o nível térmico mundial. Algumas das conseqüências do desflorestamento são a desertificação, as secas, as inundações e o incremento do número de furacões, tufões e outros tipos de tempestades de grande dimensão. O aquecimento atmosférico que derrete as calotas polares leva à dessalinização das águas oceânicas e a mudanças radicais nos ecossistemas e na capacidade imunológica de todos os seres vivos.

Face a esse catastrófico cenário, Al Gore insiste em que “a solução para a crise climática global exige uma ação rápida, sábia e grande de nossa parte”. Na mensagem aos empresários, ele lembra que “se destruirmos o Planeta não haverá economia que sobreviva”. E ataca frontalmente a causa principal: a cultura dos países industrializados concentrada no consumo, na ganância e na expansão dos negócios em níveis insustentáveis. Todos esses conceitos os ambientalistas do mundo inteiro conhecem de longa data. O inédito é que um político do mais alto nível executivo e legislativo da maior potência do mundo afirme, com todas as letras, que é necessário mudar de vida para que o Planeta possa sobreviver. E assim, como se estivéssemos vendo

quadros de Frederick Remington ou de John James Audubon, ele volta ao clima pastoril existente no início do filme, à beira do seu rio, depois de ter percorrido o Planeta e revelado ao mundo quão perto estamos do desastre e do fim da aventura humana.

René Capriles*

(Versão resumida, autorizada pelo autor, do texto homônimo publicado na revista *Eco21*, em 21/10/2006)

6. Como no primeiro texto desta sequência, este é composto por partes com propósitos identificáveis. Convidamos você a completar o quadro, de acordo com o objetivo de cada parte do texto.

INTENÇÕES	PARÁGRAFOS
Apresentar a obra focalizada	
Apresentar o autor do filme	
Resumir o conteúdo do filme	
Avaliar/qualificar ou desqualificar o filme	
Recomendar (ou não) o texto	

7. A partir desses dados, pode-se dizer que o texto lido enquadra-se no gênero _____.

8. Em resumo, o que diz o autor sobre a obra enfocada?

* Jornalista, editor da revista *ECO 21*, ex-editor das revistas especializadas *INGENIERÍA SANITARIA* e *Revista BIO*.

Diante de questões de interesse, propostas tanto pessoalmente como por meio de obras escritas, é muito frequente a ocorrência de opiniões que correspondem a visões diferentes. Vamos, agora, desenvolver o nosso senso crítico, fazendo uma análise das ideias contidas no texto de René Capriles, que você acabou de ler, e do ponto de vista de Susana Dias (fonte eletrônica), cuja citação indireta você encontra a seguir.

Para Susana Dias* (fonte eletrônica), “Uma Verdade inconveniente” é um filme com muitos lugares-comuns, apresentando poucas contribuições para o aprofundamento da discussão sobre o aquecimento global. A autora argumenta que o filme pouco acrescenta ao que já se sabia e que provocou reações de cientistas (por considerá-lo pouco confiável), e de ambientalistas (por entender que ele não dá conta da complexidade da questão). Além disso, não considera que o filme tem grandes qualidades cinematográficas enquanto documentário que mistura ficção e realidade. Coloca em questão a posição defendida por Al Gore de que o aquecimento global não seria um problema político, mas sim um problema moral. A autora afirma que interesses políticos, econômicos e estratégicos relacionados às mudanças climáticas não aparecem no filme. E, sobretudo, ao enfatizar o ataque que Gore faz ao governo Bush quanto à não ratificação do protocolo de Quioto, Dias oferece uma evidência de que a questão ambiental é também um problema político.

(Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=22&tipo=resenha>. Acesso em: 10 jul. 2007)

9. Se formos comparar o que Capriles diz no seu texto com o que Dias defende, teremos opiniões divergentes. Vamos identificá-las, juntamente com a sua, escrevendo-as no quadro abaixo.

Posição de Capriles	Posição de Dias	Sua posição

10. Você já tinha uma opinião formada sobre o assunto antes de ler esses dois textos? Explique.

*Jornalista e bióloga. Membro do corpo editorial da Revista Eletrônica de Jornalismo Científico com Ciência.

11. Em que medida essas leituras influenciaram a formação da sua opinião?

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

Diante da questão do aquecimento global (e de outros problemas ambientais), você acha que a solução se restringe apenas à conscientização e mudança de condutas individuais? Defenda seu ponto de vista, fundamentando-o.

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

1. Em grupos de três, procure socializar uma experiência de leitura que tenha sido marcante para você. Ao fazer isso, cada um estará dando seu depoimento, dialogando com os colegas e manifestando sua posição, baseada em argumentos.

2. Por que será que alguém escreve uma resenha? Basicamente para apresentar uma obra a um público determinado, avaliando-a. *Por que e para quem* você escreveria uma resenha de livro? Pense nos leitores potenciais (colegas de curso, profissionais da área, alunos da escola fundamental ou média, desportistas, voluntários de ações sociais, por exemplo), escolha um livro e produza uma resenha. Imagine que ela será publicada em uma revista de circulação nacional. Busque informações sobre o assunto abordado no livro (para poder melhor avaliá-lo e compreender as ideias nele postas); escolha o nível de linguagem, compatível com o público-alvo e com o veículo de divulgação, e os mecanismos linguísticos adequados à expressão de suas ideias.

PROJETO DE TRABALHO 2

Agora, propomos que você entreviste um(a) professor(a), colega ou familiar para descobrir se leem resenhas, onde as encontram e se a leitura de resenhas os(as) estimula a ler/adquirir livros.

Para isso você precisará formular questões e registrá-las juntamente com as informações dadas pelo(a) entrevistado(a). Selecione as respostas que considerar mais relevantes e escreva um pequeno artigo de opinião para divulgá-las.

Alternativamente, você pode organizar uma entrevista (apresentação do entrevistado e introdução ao tema, seguidos das perguntas e respostas dadas).

Submeta seu texto à avaliação de dois colegas e do professor e, depois de feita a revisão, encaminhe-o para publicação em veículo da sua universidade ou poste-o num *site* ou *blog*.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia revelante, crie seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

Após a realização dessas atividades, você é convidado(a) a refletir sobre o que fez para interagir com as ideias veiculadas pelos autores nos diferentes textos desta sequência. Assinale o que se aplica a você:

- () Identificou o ambiente em que os textos circulam.
- () Identificou o objetivo comunicativo dos textos.
- () Identificou o contexto de produção de cada texto (autor, local, data e veículo da publicação).
- () Analisou a organização textual e os mecanismos linguísticos para verificar se estão adequados aos interlocutores.
- () Leu os textos, em parte ou no todo, duas ou mais vezes.
- () Construiu o seu próprio ponto de vista sobre o tópico em discussão.



FORMAS DE VER A REALIDADE...

De que trata a figura?

O que o autor expressou por meio desta criação?

Que papel os elementos não verbais têm na recepção/compreensão dos sentidos deste gênero?

PREPARANDO A LEITURA

1. A partir do que você já sabe sobre ecologia, do que você já viu e estudou nos textos que antecederam, propomos que você liste, no mínimo, três problemas relacionados ao tema com as respectivas soluções possíveis.

PROBLEMAS	SOLUÇÕES
(a)	(a)
(b)	(b)
(c)	(c)

2. A partir do conhecimento que você tem, procure dizer, nas linhas abaixo, o que o termo *teia* sugere.

Vamos agora ler um texto construído em torno da imagem da teia, ou seja, um texto que aborda um tema estabelecendo analogia com essa imagem. Depois da leitura, você seria capaz de construir a rede de elementos apresentada no texto?

1

Ecologia Profunda – um novo paradigma

Este livro tem por tema uma nova compreensão científica da vida em todos os níveis dos sistemas vivos – organismos, sistemas sociais e ecossistemas. Baseia-se numa nova percepção da realidade, que tem profundas implicações não apenas para a ciência e para a filosofia, mas também para as atividades comerciais, a política, a assistência à saúde, a educação e a vida cotidiana. Portanto, é apropriado começar com um esboço do amplo contexto social e cultural da nova concepção de vida.

Crise de Percepção

À medida que o século se aproxima do fim, as preocupações com o meio ambiente adquirem suprema importância. Defrontamo-nos com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível. Temos ampla documentação a respeito da extensão e da importância desses problemas.¹

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas

sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria.

Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção. Ela deriva do fato de que a maioria de nós, e em especial nossas grandes instituições sociais, concordam com os conceitos de uma visão de mundo obsoleta, uma percepção da realidade inadequada para lidarmos com nosso mundo superpovoado e globalmente interligado.

Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. E, de fato, estamos agora no princípio dessa mudança fundamental de visão do mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão radical como o foi a revolução copernicana. Porém, essa compreensão ainda não despontou entre a maioria dos nossos líderes políticos. O reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência ainda não atingiu a maioria dos líderes das nossas corporações, nem os administradores e os professores das nossas grandes universidades.

Nossos líderes não só deixam de reconhecer como diferentes problemas estão inter-relacionados; eles também se recusam a reconhecer como as suas assim chamadas soluções afetam as gerações futuras. A partir do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções “sustentáveis”. O conceito de sustentabilidade adquiriu importância-chave no movimento ecológico e é realmente fundamental. Lester Brown, do Worldwatch Institute, deu uma definição simples, clara e bela: “Uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras.”² Este, em resumo, é o grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis – isto é, ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras.

A Mudança de Paradigma

Na minha vida de físico, meu principal interesse tem sido a dramática mudança de concepções e de idéias que ocorreu na física durante as três primeiras décadas deste século, e ainda está sendo elaborada em nossas atuais teorias da matéria. As novas concepções da física têm gerado uma profunda mudança em nossas visões de mundo; da visão de mundo mecanicista de Descartes e de Newton para uma visão holística, ecológica.

A nova visão da realidade não era, em absoluto, fácil de ser aceita pelos físicos no começo do século. A exploração dos mundos atômico e subatômico colocou-os em contato com uma realidade estranha e inesperada. Em seus esforços para apreender essa nova realidade, os cientistas ficaram dolorosamente conscientes de que suas

concepções básicas, sua linguagem e todo o seu modo de pensar eram inadequados para descrever os fenômenos atômicos. Seus problemas não eram meramente intelectuais, mas alcançavam as proporções de uma intensa crise emocional e, poder-se-ia dizer, até mesmo existencial. Eles precisaram de um longo tempo para superar essa crise, mas, no fim, foram recompensados por profundas intuições sobre a natureza da matéria e de sua relação com a mente humana.³

As dramáticas mudanças de pensamento que ocorreram na física no princípio deste século têm sido amplamente discutidas por físicos e filósofos durante mais de cinquenta anos. Elas levaram Thomas Kuhn à noção de um “paradigma” científico, definido como “uma constelação de realizações – concepções, valores, técnicas, etc. – compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos”.⁴ Mudanças de paradigmas, de acordo com Kuhn, ocorrem sob a forma de rupturas descontínuas e revolucionárias denominadas “mudanças de paradigma.”

Hoje, vinte e cinco anos depois da análise de Kuhn, reconhecemos a mudança de paradigma em física como parte integral de uma transformação cultural muito mais ampla. A crise intelectual dos físicos quânticos na década de 20 espelha-se hoje numa crise cultural semelhante, porém muito mais ampla. Conseqüentemente, o que estamos vendo é uma mudança de paradigmas que está ocorrendo não apenas no âmbito da ciência, mas também na arena social, em proporções ainda mais amplas.⁵ Para analisar essa transformação cultural, generalizei a definição de Kuhn de um paradigma científico até obter um paradigma social, que defino como “uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza.”⁶

O paradigma que está agora retrocedendo dominou a nossa cultura por várias centenas de anos, durante as quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o restante do mundo. Esse paradigma consiste em várias idéias e valores entrincheirados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e – por fim, mas não menos importante – a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. Todas essas suposições têm sido decisivamente desafiadas por eventos recentes. E, na verdade, está ocorrendo, na atualidade, uma revisão radical dessas suposições.

Ecologia Profunda

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo “ecológica” for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos

encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos).

Os dois termos, “holístico” e “ecológico”, diferem ligeiramente em seus significados, e parece que “holístico” é um pouco menos apropriado para descrever o novo paradigma. Uma visão holística, digamos, de uma bicicleta significa ver a bicicleta como um todo funcional e compreender, em conformidade com isso, as interdependências das suas partes. Uma visão ecológica da bicicleta inclui isso, mas acrescenta-lhe a percepção de como a bicicleta está encaixada no seu ambiente natural e social – de onde vêm as matérias-primas que entram nela, como foi fabricada, como seu uso afeta o meio ambiente natural e a comunidade pela qual ela é usada, e assim por diante. Essa distinção entre “holístico” e “ecológico” é ainda mais importante quando falamos sobre sistemas vivos, para os quais as conexões com o meio ambiente são muito mais vitais.

O sentido em que eu uso o termo “ecológico” está associado com uma escola filosófica específica e, além disso, com um movimento popular global conhecido como “ecologia profunda”, que está, rapidamente, adquirindo proeminência.⁷ A escola filosófica foi fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess, no início da década de 70, com sua distinção entre “ecologia rasa” e “ecologia profunda”. Esta distinção é hoje amplamente aceita como um termo muito útil para se referir a uma das principais divisões dentro do pensamento ambientalista contemporâneo.

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de “uso”, à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

Em última análise, a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda. Não é, pois, de se surpreender o fato de que a nova visão emergente da realidade baseada na percepção ecológica profunda é consistente com a chamada filosofia *perene* das tradições espirituais, quer falemos a respeito da espiritualidade dos místicos cristãos, da dos budistas, ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas norte-americanas.⁸

Há outro modo pelo qual Arne Naess caracterizou a ecologia profunda. “A essência da ecologia profunda”, diz ele, “consiste em formular questões mais profundas.”⁹ É também essa a essência de uma mudança de paradigma. Precisamos estar preparados para questionar cada aspecto isolado do velho paradigma. Eventualmente, não precisaremos nos desfazer de tudo, mas antes de sabermos isso, devemos estar dispostos a questionar tudo. Portanto, a ecologia profunda faz perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento e materialistas. Ela questiona todo esse paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.

Ecologia Social e Ecofeminismo

Além da ecologia profunda, há duas importantes escolas filosóficas de ecologia, a ecologia social e a ecologia feminista, ou “ecofeminismo”. Em anos recentes, tem havido um vivo debate, em periódicos dedicados à filosofia, a respeito dos méritos relativos da ecologia profunda, da ecologia social e do ecofeminismo.¹⁰ Parece-me que cada uma das três escolas aborda aspectos importantes do paradigma ecológico e, em vez de competir uns com os outros, seus proponentes deveriam tentar integrar suas abordagens numa visão ecológica coerente.

A percepção ecológica profunda parece fornecer a base filosófica e espiritual ideal para um estilo de vida ecológico e para o ativismo ambientalista; No entanto, não nos diz muito a respeito das características e dos padrões culturais de organização social que produziram a atual crise ecológica. É esse o foco da ecologia social.¹¹

O solo comum das várias escolas de ecologia social é o reconhecimento de que a natureza fundamentalmente antiecológica de muitas de nossas estruturas sociais e econômicas está arraigada naquilo que Riane Eisler chamou de “sistema do dominador” de organização social.¹² O patriarcado, o imperialismo, o capitalismo e o racismo são exemplos de dominação exploradora e antiecológica. Dentre as diferentes escolas de ecologia social, há vários grupos marxistas e anarquistas que utilizam seus respectivos arcabouços conceituais para analisar diferentes padrões de dominação social.

O ecofeminismo poderia ser encarado como uma escola especial de ecologia social, uma vez que também ele aborda a dinâmica básica de dominação social dentro do contexto do patriarcado. Entretanto, sua análise cultural das muitas facetas do patriarcado e das ligações entre feminismo e ecologia vai muito além do arcabouço da ecologia social. Os ecofeministas vêem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia.¹³ Conseqüentemente, os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade.¹⁴

Novos valores

Neste breve esboço do paradigma ecológico emergente, enfatizei até agora as mudanças nas percepções e nas maneiras de pensar. Se isso fosse tudo o que é necessário, a transição para um novo paradigma seria muito mais fácil. Há, no movimento da ecologia profunda, um número suficiente de pensadores articulados e eloqüentes que poderiam convencer nossos líderes políticos e corporativos acerca dos méritos do novo pensamento. Mas isto é somente parte da história. A mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores.

É interessante notar aqui a notável conexão nas mudanças entre pensamento e valores. Ambas podem ser vistas como mudanças da auto-afirmação para a integração. Essas duas tendências – a auto-afirmativa e a integrativa – são, ambas, aspectos essenciais de todos os sistemas vivos.¹⁵ Nenhuma delas é, intrinsecamente, boa ou má. O que é bom, ou saudável, é um equilíbrio dinâmico; o que é mau, ou insalubre, é o desequilíbrio – a

ênfase excessiva em uma das tendências em detrimento da outra. Agora, se olharmos para a nossa cultura industrial ocidental, veremos que enfatizamos em excesso as tendências auto-afirmativas e negligenciamos as integrativas. Isso é evidente tanto no nosso pensamento como nos nossos valores, e é muito instrutivo colocar essas tendências opostas lado a lado.

Pensamento		Valores	
Auto-afirmativo	Integrativo	Integrativo	Auto-afirmativo
racional	intuitivo	conservação	expansão
análise	síntese	cooperação	competição
reducionista	holístico	qualidade	quantidade
linear	não-linear	parceria	dominação

Uma das coisas que notamos quando examinamos esta tabela é que os valores auto-afirmativos – competição, expansão, dominação – estão geralmente associados com homens. De fato, na sociedade patriarcal, eles não apenas são favorecidos como também recebem recompensas econômicas e poder político. Essa é uma das razões pelas quais a mudança para um sistema de valores mais equilibrados é tão difícil para a maioria das pessoas, e especialmente para os homens.

O poder, no sentido de dominação sobre outros, é auto-afirmação excessiva. A estrutura social na qual é exercida de maneira mais efetiva é a hierarquia. De fato, nossas estruturas políticas, militares e corporativas são hierarquicamente ordenadas, com os homens geralmente ocupando os níveis superiores, e as mulheres, os níveis inferiores. A maioria desses homens, e algumas mulheres, chegaram a considerar sua posição na hierarquia como parte de sua identidade, e, desse modo, a mudança para um diferente sistema de valores gera neles medo existencial.

No entanto, há um outro tipo de poder, um poder que é mais apropriado para o novo paradigma – poder como influência de outros. A estrutura ideal para exercer esse tipo de poder não é a hierarquia mas a rede, que, como veremos, é também a metáfora central da ecologia.¹⁶ A mudança de paradigma inclui, dessa maneira, uma mudança na organização social, uma mudança de hierarquias para redes.

Ética

Toda a questão dos valores é fundamental para a ecologia profunda; é, de fato, sua característica definidora central. Enquanto que o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não-humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. Quando essa percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo.

Essa ética ecológica profunda é urgentemente necessária nos dias de hoje, e especialmente na ciência, uma vez que a maior parte daquilo que os cientistas fazem não atua no sentido de promover a vida nem de preservar a vida, mas sim no sentido

de destruir a vida. Com os físicos projetando sistemas de armamentos que ameaçam eliminar a vida do planeta, com os químicos contaminando o meio ambiente global, com os biólogos pondo à solta tipos novos e desconhecidos de microorganismos sem saber as conseqüências, com psicólogos e outros cientistas torturando animais em nome do progresso científico – com todas essas atividades em andamento, parece da máxima urgência introduzir padrões “ecoéticos” na ciência.

Geralmente, não se reconhece que os valores não são periféricos à ciência e à tecnologia, mas constituem sua própria base e força motriz. Durante a revolução científica no século XVII, os valores eram separados dos fatos, e desde essa época tendemos a acreditar que os fatos científicos são independentes daquilo que fazemos, e são, portanto, independentes dos nossos valores. Na realidade, os fatos científicos emergem de toda uma constelação de percepções, valores e ações humanos – em uma palavra, emergem de um paradigma – dos quais não podem ser separados. Embora grande parte das pesquisas detalhadas possa não depender explicitamente do sistema de valores do cientista, o paradigma mais amplo, em cujo âmbito essa pesquisa é desenvolvida, nunca será livre de valores. Portanto, os cientistas são responsáveis pelas suas pesquisas não apenas intelectual mas também moralmente. Dentro do contexto da ecologia profunda, a visão segundo a qual esses valores são inerentes a toda a natureza viva está alicerçada na experiência profunda, ecológica ou espiritual, de que a natureza e o eu são um só. Essa expansão do eu até a identificação com a natureza é a instrução básica da ecologia profunda, como Arne Naess claramente reconhece:

O cuidado flui naturalmente se o “eu” é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos. ... Assim como não precisamos de nenhuma moralidade para nos fazer respirar... [da mesma forma] se o seu “eu”, no sentido amplo dessa palavra, abraça um outro ser, você não precisa de advertências morais para demonstrar cuidado e afeição... você o faz por si mesmo, sem sentir nenhuma pressão moral para fazê-lo ... Se a realidade é como é experimentada pelo eu ecológico, nosso comportamento, de maneira *natural* e bela, segue normas de estrita ética ambientalista.¹⁷

O que isto implica é o fato de que o vínculo entre uma percepção ecológica do mundo e o comportamento correspondente não é uma conexão lógica, mas psicológica.¹⁸ A lógica não nos persuade de que deveríamos viver respeitando certas normas, uma vez que somos parte integral da teia da vida. No entanto, se temos a percepção, ou a experiência, ecológica profunda de sermos parte da teia da vida, então *estaremos* (em oposição a *deveríamos estar*) inclinados a cuidar de toda a natureza viva. De fato, mal podemos deixar de responder dessa maneira.

O vínculo entre ecologia e psicologia, que é estabelecido pela concepção de eu ecológico, tem sido recentemente explorado por vários autores. A ecologista profunda Joanna Macy escreve a respeito do “reverdecimento do eu”;¹⁹ o filósofo Warwick Fox cunhou o termo “ecologia transpessoal”;²⁰ e o historiador cultural Theodore Roszak utiliza o termo “ecopsicologia”²¹ para expressar a conexão profunda entre esses dois campos, os quais, até muito recentemente, eram completamente separados.

Mudança da Física para as Ciências da Vida

Chamando a nova visão emergente da realidade de “ecológica” no sentido da ecologia profunda, enfatizamos que a vida se encontra em seu próprio cerne. Este é um ponto importante para a ciência, pois, no velho paradigma, a física foi o modelo e a fonte de metáforas para todas as outras ciências. “Toda a filosofia é como uma árvore”, escreveu Descartes. “As raízes são a metafísica, o tronco é a física e os ramos são todas as outras ciências.”²²

A ecologia profunda superou essa metáfora cartesiana. Mesmo que a mudança de paradigma em física ainda seja de especial interesse porque foi a primeira a ocorrer na ciência moderna, a física perdeu o seu papel como a ciência que fornece a descrição mais fundamental da realidade. Entretanto, hoje, isto ainda não é geralmente reconhecido. Cientistas, bem como não-cientistas, freqüentemente retêm a crença popular segundo a qual “se você quer realmente saber a explicação última, terá de perguntar a um físico”, o que é claramente uma falácia cartesiana. Hoje, a mudança de paradigma na ciência, em seu nível mais profundo, implica uma mudança da física para as ciências da vida.

(CAPRA, Fritjof. Ecologia profunda: um novo paradigma. In: _____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996, p. 23-26)

Notas:

¹ Uma das melhores fontes é *State of the World*, uma série de relatórios anuais editados pelo Worldwatch Institute, em Washington, D.C. [Esses relatórios estão sendo traduzidos pela Editora Globo sob o título de *Salve o Planeta!*] Outras avaliações excelentes podem ser encontradas em Hawken (1993) e em Gore (1992).

² Brown (1981).

³ Veja Capra (1975).

⁴ Kuhn (1962).

⁵ Veja Capra (1982).

⁶ Capra (1986).

⁷ Veja Devall e Sessions (1985).

⁸ Veja Capra e Steindl-Rast (1991).

⁹ Arne Naess, citado in Devall e Sessions (1985), p. 74.

¹⁰ Veja Merchant (1994), Fox (1989).

¹¹ Veja Bookchin (1981).

¹² Eisler (1987).

¹³ Veja Merchant (1980).

¹⁴ Veja Spretnak (1978, 1993).

¹⁵ Veja Capra (1982), p. 43.

¹⁶ Veja p. 44 mais adiante.

¹⁷ Arne Naess, citado in Fox (1990), p. 217.

¹⁸ Veja Fox (1990), p. 246-247.

¹⁹ Macy (1991).

²⁰ Fox (1990).

²¹ Roszak (1992).

²² Citado in Capra (1982), p. 55.

CONSTRUINDO OS SENTIDOS DO TEXTO

Sugerimos a você, nesse primeiro contato com o texto, que utilize as seguintes estratégias a fim de facilitar sua leitura:

1. Faça uma leitura breve (inspeccional), para situar-se em relação ao texto de um modo geral.

2. Localize no texto informações sobre os itens abaixo:

o autor do texto _____

o título do texto _____

o título do livro que contém o texto _____

em que seção da obra o texto aparece _____

edição _____

é texto traduzido: não ____/ sim ____; tradutor(a) _____

o local da edição _____

a editora _____

o ano de publicação _____

3. Dispondo de informações sobre o gênero, releia o texto atentamente e procure interagir com as situações propostas a seguir, as quais o (a) ajudarão na construção dos sentidos. Se você fosse um revisor de texto de uma revista científica, como você classificaria o texto, tendo em vista os seguintes critérios:

a) público-alvo _____

b) tema _____

c) gênero _____

4. O texto aborda, entre outros aspectos, duas possibilidades de compreensão de um mesmo fenômeno: a visão holística e a visão ecológica. Se você precisasse explicar as diferenças entre elas, quais seriam as características que você salientaria nessa diferenciação?

visão holística	X	visão ecológica

5. Um texto argumentativo trabalha sempre uma ideia central ou um ponto de vista sustentados por argumentos. Você seria capaz de sistematizar, no quadro abaixo, uma ideia central e um argumento de cada seção do texto?

	<i>Crise de percepção</i>	<i>A mudança de paradigma</i>	<i>Ecologia profunda</i>
Ideia central			
Um argumento			

Após a leitura e releitura dos textos, é possível dizer, resumidamente, para comentar com alguém, qual o conteúdo (ideias centrais) desses fragmentos. Como você o faria?

EXPLORANDO MECANISMOS DE LINGUAGEM

1. No texto, são usadas algumas palavras ou expressões que não aparecem normalmente em textos de circulação geral. Mesmo sem conhecer o significado de todas as palavras, é possível compreendê-las a partir do contexto em que foram utilizadas. Procure relacionar a segunda coluna com a primeira, considerando os sentidos dos termos listados, conforme são empregados no texto. Uma das alternativas não tem correspondência.

Coluna 1	Coluna 2
a. Paradigma	() disposto de modo ordenado, metódico, coerente
b. Holístico	() modelo, padrão
c. Antropocêntrico	() ultrapassado, superado, antiquado, rudimentar
d. Teia	() que vê o homem como centro em relação a todo o universo
e. Obsoleto	() total, que busca um entendimento integral dos fenômenos
f. Sistemico	() rede, trama, série, sequência
	() atual, de vanguarda, moderno

2. Destacamos alguns fragmentos do texto para você analisar determinados usos de linguagem e explicar o que ocorre com as expressões destacadas de acordo com o solicitado. Para ajudá-lo(a) nesta tarefa, disponibilizamos algumas informações sobre **operadores argumentativos**, **paralelismo** e **referenciadores** em **Apontamentos teóricos**.

a) *“O reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência ainda não atingiu a maioria dos líderes.”*

“Seus problemas não eram meramente intelectuais, mas alcançavam as proporções de uma crise emocional e, poder-se-ia dizer, até mesmo existencial.”

- Explicar que ideias indicam, nas frases acima, os operadores argumentativos:

“ainda”: _____

“até mesmo”: _____

b) *“Nossos líderes não só deixam de reconhecer como diferentes problemas estão inter-relacionados; também se recusam a reconhecer como suas assim chamadas soluções afetam as gerações futuras.”*

As expressões “não só... também”, na frase acima, formam um paralelismo sintático que estabelece uma relação de _____.
(causa e efeito, oposição, adição, finalidade, tempo)

c) *“Este, em resumo, é o grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis – isto é, ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras”* (último parágrafo do subtítulo Crise de Percepção).

- “Este” tem como referente uma situação anterior () ou posterior () a ele.
- “Isto é” é uma expressão que tem a função de
() descrever.
() informar.
() explicar.
() argumentar.
() analisar.

d) Uma das funções dos pronomes pessoais é a de substituir informações que os antecedem. Considerando isso, diga que informação o pronome assinalado retoma nesta frase do texto:

“Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas *delas* até mesmo simples.” _____

e) Abaixo está um texto lacunado para você preencher com as palavras do quadro que forem adequadas ao contexto. Estamos trabalhando com elementos de **coesão textual**, por isso, se tiver dúvidas, consulte **Apontamentos teóricos** a esse respeito.

já que - embora - e - por causa - e - essa - ela - cujas - que – suas - que

O alerta dos cientistas sobre o aquecimento global e _____ consequências, _____ há poucos anos mobilizava apenas órgãos técnicos de governos _____ ambientalistas, hoje se tornou um tema onipresente. O combate ao aumento do efeito estufa está na retórica dos políticos e nos planos de negócios de empresários. Virou ferramenta de marketing na publicidade _____ de autopromoção entre celebridades. Em todo o mundo, a possibilidade de ocorrerem catástrofes cada vez mais devastadoras _____ da elevação da temperatura no planeta é tema obrigatório nas rodas de conversa. _____ superexposição do aquecimento global oferece um benefício e um risco. O benefício é conscientizar as nações de que a escalada do efeito estufa é uma ameaça real _____ precisa ser combatida. _____ não se saiba até que ponto a atividade humana é responsável por _____, _____ houve muitos outros aquecimentos globais antes mesmo que o homem inventasse a roda, o fato é que uma Terra alguns graus mais quente será palco de cataclismos. O risco embutido na “moda” do aquecimento global é desviar a atenção de outra ameaça ambiental igualmente grave e _____ consequências se farão sentir mais cedo: o esgotamento dos recursos naturais do planeta.

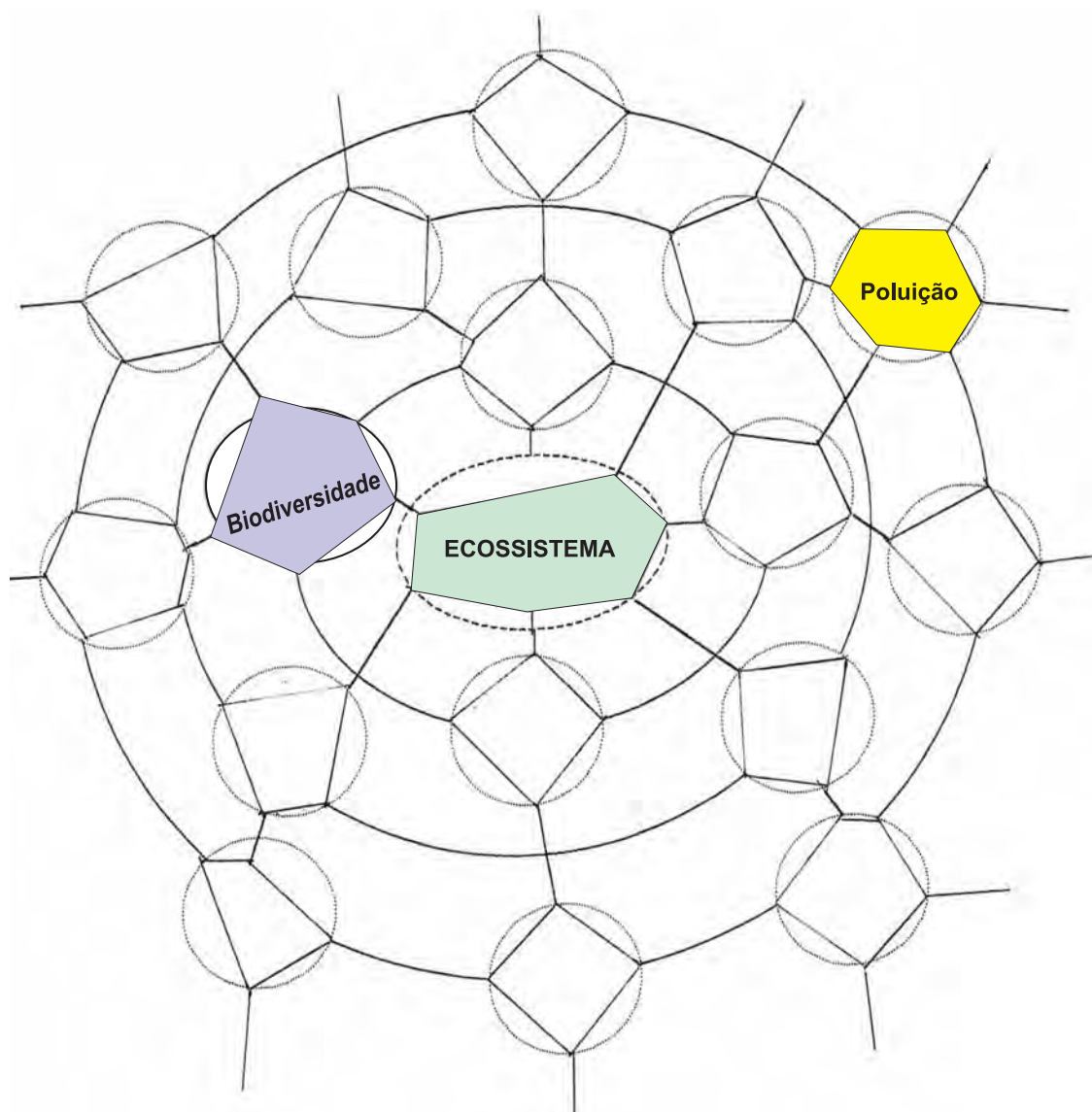
(SOUZA, Okky de. Todo mundo quer ajudar a refrescar o planeta. *Veja*, p. 100, 11 de abril 2007)

RELACIONANDO TEXTO E REALIDADE

1. Agora que você já teve chance de ler e compreender o texto, procure retomar os problemas e as soluções que você havia elencado antes de ler, com uma diferença: acrescente, aos seus conhecimentos, as informações e as reflexões que o texto lhe proporcionou.

ECOLOGIA	
Problemas	Soluções sustentáveis
a.	a.
b.	b.
c.	c.

2. Esta imagem pode ser usada para mostrar as inter-relações entre os elementos que formam um ecossistema e os fatores que o degradam. Com apoio em seu conhecimento prévio e em Capra, você é convidado(a) a preencher os vazios desta rede.



3. Depois de ler e refletir sobre os conceitos integrados na ideia de *teia*, você pode pensar sobre seu próprio comportamento em relação ao meio ambiente.

a) Sendo assim, você se considera um cidadão ou uma cidadã sustentável ecologicamente?

() Sim () Não

b) Por quê?

4. Que ações você pretende realizar a partir do estudo deste texto? Liste, no mínimo três decisões ou medidas que você pode/deve tomar para si como comprometimento ético.

a) _____

b) _____

c) _____

AMPLIANDO A REDE DE LEITURA

O PRINCÍPIO DA POUPANÇA JUSTA (PPJ)

O PPJ exige uma provisão de bens primários de uma geração para cada pessoa que viverá no futuro, ou seja: a obrigação de poupar e investir *intergeracionalmente* – características que decorrem da concepção ideal de uma estrutura básica justa evocada nos princípios de justiça escolhidos na posição original – estão implícitas no PPJ. Presume-se que a próxima geração, diante do exemplo de poupança e do investimento da geração anterior, sinta-se estimulada a agir de modo semelhante.²⁸⁶ Provavelmente não há formas muito seguras de se saber os efeitos, no longo prazo, dos processos sociais atuais, mas há fortes indicativos psicológicos, culturais, estéticos e morais para se acreditar que o senso da justiça entre as gerações é um imperativo humanitário. A fundamentação básica dessa crença é a de que “crescendo e sendo educados sob um esquema de instituições políticas e sociais razoáveis e justas, afirmamos essas instituições quando adultos, e elas durarão ao longo do tempo.”²⁸⁷ É o que RAWLS chama de senso de justiça do princípio da poupança.

“O princípio da poupança justa representa uma interpretação do dever natural previamente aceito na PO, de defender e promover instituições justas”²⁸⁸ que incentive a poupança a dar suporte à estrutura básica da sociedade e a continuar promovendo a justiça. Não se trata, pois, de um procedimento político para enriquecer as gerações futuras nem tão somente melhorar a qualidade de vida dos menos favorecidos. Mais claramente, nem sacrifício da geração atual, nem assistencialismo político.

O princípio da poupança justa (PPJ) e o princípio da diferença (PD) tratam da distribuição dos bens primários de forma justa: o primeiro requer que os bens sejam distribuídos para promover a justiça entre gerações e, o segundo, no âmbito de cada geração. O princípio da diferença, dito de outra forma, é um princípio intrageracional

sincrônico com o objetivo de alcançar a justiça distributiva, enquanto que o princípio da poupança justa é diacrônico.²⁸⁹

O PPJ é justo de duas maneiras: em primeiro lugar, não pretende apenas justiça quanto aos fins, mas também por meios justos, sendo que a prioridade do justo sobre o bem veda a prática de atos injustos na distribuição de bens nessa, e na próxima geração. Assim é que nenhuma geração “pode fazer reivindicações mais exigentes que qualquer outra.”²⁹⁰ É errôneo, contrariamente à doutrina utilitarista clássica, afirma RAWLS, argüir que o princípio da poupança justa exigirá “grandes sacrifícios das gerações mais pobres em nome de maiores vantagens das gerações posteriores que estarão em situação muito melhor,”²⁹¹ mas cada geração deve fazer sua parte para promover a justiça. O PPJ não encampa a idéia de que uma geração deva encarregar-se injustamente dos interesses de outras gerações²⁹² nem é um princípio de diferença intergeracional. RAWLS reforça essa idéia do entendimento entre gerações como uma prerrogativa para que “cada uma carregue sua respectiva parte do ônus para realizar e preservar uma sociedade justa”²⁹³ na geração atual e na futura.

Estando a poupança a serviço da manutenção e do apoio das instituições justas tanto na presente quanto na geração futura, fica subentendida a idéia da perenidade²⁹⁴ institucional, pois a poupança serve para garantir a estabilidade do modelo de justiça para:

a) *manter e apoiar as instituições justas quando existem, e*

b) *ajudar no estabelecimento de mecanismos justos quando esses não existem na sociedade.*

A *estrutura básica da sociedade* democrática deve satisfazer a ambos princípios da justiça. A construção da justiça emerge da necessidade de se promover a regulação de interesses conflitantes na distribuição de bens. As “circunstâncias da justiça” - escassez moderada (objetiva) e o conflito de interesses (subjativa) não dizem respeito apenas à presente geração, pois se até mesmo na geração presente há o conflito gerado por essas circunstâncias, o problema se torna ainda mais grave se considerarmos “direitos”, das gerações futuras, por exemplo, à propriedade e à água.

(SARTOR, Vicente Volnei de Bona. *Justiça intergeracional e meio ambiente*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2002. p. 62-63)

1. Após ler o texto de Sartor (2002) “O Princípio da Poupança Justa (PPJ)”, você tem elementos para redigir um parágrafo ou mais, apontando as articulações entre os conceitos *intergeracional*, *intrageneracional*, *sincrônico* e *diacrônico* presentes no princípio de poupança justa e no princípio da diferença.

2. Em que consiste a “poupança justa” postulada por Sartor?

3. Sugerimos agora que você retome a tarefa 6 da seção Explorando mecanismos de linguagem da Sequência 3 (carta ao leitor “O país dos seus filhos”), para relacioná-la com “O princípio da poupança justa”, de Sartor.

PRODUZINDO TEXTOS EM CADEIA

PROJETO DE TRABALHO 1

Depois de estudar o ensaio “Ecologia Profunda – um novo paradigma”, do livro *A teia da vida*, de Fritjof Capra, você está instrumentalizado para participar de um seminário em que serão discutidas, com os colegas, as ideias de pequenos ensaios sobre temas afins, entre as quais as de Sartor.

Propomos, inicialmente, que você faça uma leitura, acompanhada de anotações, sobre as ideias básicas dos textos. Em seguida, anote os propósitos dos autores, os argumentos que sustentam suas teses e examine o ponto de vista deles. Para enriquecer seu repertório de conhecimentos e ideias, busque informações na *internet* e na biblioteca de sua instituição.

Organize suas anotações, por assunto ou por autor, colocando no alto da página a referência completa (de acordo com a ABNT) da obra consultada. Após trechos parafraseados ou citados literalmente, escreva suas análises e conclusões.

Essa revisão bibliográfica pode compor um volume com as leituras de toda a turma, servindo de referência para vários trabalhos.

PROJETO DE TRABALHO 2

Propomos, agora, que você produza um pequeno **ensaio** sobre a temática estudada nesta sequência, com vistas à publicação num veículo de circulação acadêmica. Sugerimos que você consulte os **Apontamentos teóricos** e, em caso de dúvida, o professor ou a professora, para orientar-se na produção do seu texto. Lembre-se de inserir não apenas a opinião e avaliação dos outros autores, mas a sua própria. Se achar oportuno, poste seu trabalho num *site* ou num *blog*. O importante é que sua produção seja socializada.

PROJETO ALTERNATIVO

Se tiver outra ideia de relevância social, crie e execute seu próprio projeto de trabalho.

ANALISANDO O PRÓPRIO PROCESSO DE LEITURA

a) Fazendo uma retrospectiva, o que os textos trouxeram de contribuições marcantes para você? O que lhe fez pensar?

b) Do que você leu, o que lhe pareceu mais relevante?

c) Que estratégias você empregou para interagir com os textos desta sequência?

d) Como avalia, após as práticas propostas, seu atual estágio de competência de leitura?

CONTINUIDADE DE PERCURSO: descobertas pessoais de leitura

Uma excelente maneira de aprendermos como se lida com um determinado gênero textual é observarmos como ele se apresenta em nosso dia a dia. Durante esta semana, então, procure ficar atento para comerciais de TV, folhetos que receber na rua, folhetos de divulgação institucional, propagandas, artigos, entrevistas, tiras, que aparecerem na mídia impressa e eletrônica. Analise quem os produziu, a quem se destinam, com que objetivos, que recursos visuais são usados, como se estrutura a linguagem. Fique atento(a) também para o tema que propomos neste livro: a preservação da natureza. Você descobrirá coisas muito interessantes, e seria bom registrá-las para discutir com seu professor ou sua professora e seus colegas. Para isso, você irá encontrar, a seguir, o que chamamos de Percurso de Leitura, com o objetivo de ajudá-lo(a) a desenvolver autonomia no âmbito da leitura. Trata-se de um quadro em que você poderá registrar tudo o que sugerimos acima. Esse instrumento pode, evidentemente, ser multiplicado muitas vezes, de acordo com o volume de leituras realizadas. Fica, portanto, a seu critério. Bom proveito.

MEU PERCURSO DE LEITURA

NOME:		Período:	
Título do texto	Fonte	Ideias centrais	Comentário/avaliação

APONTAMENTOS TEÓRICOS

Você sabe que a leitura é uma atividade interativa que propõe ao leitor vários desafios. Este material de apoio, contendo noções teóricas sobre texto, linguagem e leitura, foi criado para ajudá-lo(a) a decifrar (bem) “os segredos do texto”, possibilitando uma verdadeira “troca de ideias” com o(a) autor(a). E você sabe também que, para interagir na vida social, não se pode ficar apenas na leitura: é preciso desenvolver as competências para produzir textos orais e escritos. Com o objetivo de ajudá-lo(a) a tornar-se um(a) usuário(a) da língua cada vez mais competente, organizamos estes apontamentos, que ficam a sua disposição para consulta, sempre que considerar necessário. Os tópicos abordados estão organizados e constam no sumário.

1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Os aspectos aqui apontados têm o propósito de ajudá-lo(a) a desenvolver estratégias discursivas sociocognitivas, linguísticas e metacognitivas de leitura, tendo por meta a construção da sua autonomia como leitor(a). Nesse sentido, é importante não só compreender o que o texto apresenta, mas principalmente construir sentidos a partir da interação que se estabelece entre leitor-texto-autor.

Na prática, o texto faz a mediação entre interlocutores que apresentam determinadas características socioculturais, inseridas em contextos sociais e temporais específicos. Além disso, é preciso identificar o propósito da interação. Ou seja, a leitura é sempre situada num contexto que contribui decisivamente para a construção de sentidos. Esses aspectos, entre outros, podem ser identificados por meio de um questionário, que Garcez (2001, p. 40) propõe para ajudar o(a) leitor(a) a interagir com o texto, e que você pode utilizar quando estiver lendo.

Perguntas norteadoras

- Quem escreve? *Autor.*
- A quem se destina? *Público.*
- Onde é veiculado? *Suporte editorial.*
- Qual o objetivo? *Intenções.*
- Com que autoridade? *Papel social do autor.*
- O que eu já sei sobre o tema? *Conhecimentos prévios do leitor.*
- Quais são os outros textos que estão sendo citados? *Intertextualidade.*
- Quais são as ideias principais? *Informações.*
- Quais são as partes do texto que apresentam objetivos, conceitos, definições, conclusões? Quais são as relações entre essas partes? *Estrutura textual.*
- Com que argumentos as idéias são defendidas? *Provas.*
- Onde e de que maneira a subjetividade está evidente? *Posicionamento explicitado.*
- Quais são as outras vozes (além da do autor) que perpassam o texto? *Distribuição pela responsabilidade das idéias.*
- Quais são os exemplos citados? *Fatos, dados.*
- Quais são os testemunhos utilizados? *Depoimentos.*
- Como são tratadas as idéias contrárias? *Rebatimento ou antecipação de oposições.*

(GARCEZ, Lucélia H. do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2001. p. 40)

Complementando o quadro acima, o leitor pode fazer uso de alguns **procedimentos** ou **estratégias** de leitura, entre os quais os seguintes:

1) contextualização e organização da informação:

- observar títulos e subtítulos;
- analisar ilustrações;
- reconhecer elementos paratextuais (parágrafos, negritos, itálicos, sublinhados, enumerações, deslocamentos, legendas, quadros, gráficos, etc.);
- identificar palavras-chave;
- marcar fragmentos significativos;
- relacionar e integrar ideias-chave apresentadas em vários pontos do texto;
- decidir se há necessidade de recorrer ao dicionário ou a outra fonte de consulta;

2) percepção da coerência textual:

- ativar e usar conhecimentos prévios sobre o tema;
- usar conhecimentos prévios sobre o contexto de situação em que o texto foi produzido;
- identificar as relações de sentido existentes no texto;

3) percepção de aspectos discursivos:

- identificar o gênero textual e a tipologia do trecho lido;
- identificar os propósitos comunicativos do texto;
- identificar marcas de outros textos no texto analisado;
- identificar as condições de produção do texto (autor, local e data da produção, leitor);
- identificar o tema tratado;

4) processamento do texto:

- construir paráfrases mentais ou orais dos fragmentos mais complexos;
- substituir itens lexicais complexos por sinônimos conhecidos;
- reconhecer relações gramaticais (sintáticas, morfológicas) e lexicais (de sentido);
- identificar/construir os principais sentidos do texto;

5) metacognição:

- propor objetivos pessoais e significativos para a leitura;
- controlar a atenção voluntária no objetivo da leitura;
- controlar a consciência durante o processamento do texto, segmentando ou relacionando as unidades de significação;
- controlar o percurso da leitura, o ritmo e a velocidade de acordo com os objetivos estabelecidos;
- detectar erros no processamento do texto;
- autoavaliar continuamente a atividade e fazer as correções necessárias.

(Adaptado de GARCEZ, 2001, p. 27-28)

Parece muito complicado? Com prática e envolvimento, você irá automatizando esses procedimentos e acabará lendo com rapidez, prazer e autonomia. Além dessas estratégias, você poderá usar outras, próprias ou aprendidas. O importante é que você se aproxime do texto oral ou escrito como quem quer iniciar um diálogo. Todo texto é produzido por alguém para outro alguém, com algum propósito. Se você identificar esses aspectos, já estará interagindo com o texto, principalmente se levantar hipóteses ou formular perguntas sobre o assunto desenvolvido no texto. Acrescentamos que o **leitor competente** é capaz de emitir **opinião crítica**, bem-fundamentada, sobre o que leu, além de ter a habilidade de **produzir outro texto** (oral ou escrito) que dialogue de alguma forma com o texto lido.

Fonte de consulta: GARCEZ, Lucélia H. do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2001. p. 40.

LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

Você já se perguntou o que é um texto literário? E, ainda: como se lê um texto literário? Vamos por partes. Primeiro, o texto literário distingue-se do não literário (técnico, científico, didático, jornalístico) porque ele é ficcional, isto é, representa um universo imaginário e não a realidade como ela é. Além disso, a linguagem utilizada tem todas as licenças para ser subjetiva, criativa, original, envolvente, conotativa (ter sentidos não literais) e plurissignificativa (ter vários sentidos possíveis).

Segundo, em decorrência disso, a leitura do texto literário difere da leitura do texto jornalístico ou didático, por exemplo. Enquanto no texto jornalístico o leitor procura informação e no didático busca apropriar-se de conhecimento, no texto literário o leitor busca prazer estético, entretenimento, emoções. Por meio da leitura literária nós desenvolvemos a sensibilidade, a imaginação, a compreensão de aspectos normalmente não tratados nos textos mais objetivos, fugimos da realidade, espantamos os nossos fantasmas e fazemos um exercício de criatividade, tão importante para nossa vida prática.

2 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Quando lemos, ouvimos ou produzimos um texto, em geral identificamos nele algumas características comuns a materiais que conhecemos e que circulam na imprensa, em casa, nas instituições de ensino, na área da saúde e do lazer, por exemplo. Sabemos intuitivamente como organizar alguns textos que ocorrem mais frequentemente no meio que nos cerca, mas às vezes temos dúvidas quando se trata de algo mais formal, como um ofício, requerimento, relatório, discurso de formatura, artigo acadêmico. E, então, surge a pergunta: existem modelos para as diferentes espécies de texto que usamos? Ou, ainda: o que torna os textos semelhantes a ponto de podermos identificá-los como pertencentes à mesma categoria?

Vamos tentar responder, tomando por base a contribuição teórica de Bakhtin (2003) e de Bronckart (2003).

Nossas interações por meio da linguagem ocorrem em forma de textos, os quais se inscrevem em algum gênero, que pode ser visto como uma espécie de mecanismo estruturador das produções verbais orais e escritas. Em outras palavras, pode-se dizer que o gênero é uma espécie de forma padrão que, por se tornar muito usada para concretizar propósitos significativos, passa a ser reconhecida, aceita e produzida por determinada comunidade de falantes. Embora cada texto seja único, o que se constata, no uso da língua, é que as produções verbais apresentam uma certa regularidade (ou seguem determinados parâmetros), que nos permitem classificá-las. Os principais aspectos são: os temas (aquilo de que se fala), os fatores de organização textual (o formato do texto) e a seleção de elementos linguísticos para obter os efeitos desejados. São, sobretudo, importantes os fatores do contexto de comunicação (quem se dirige a quem, quando, onde e com que objetivo).

Em resumo, os gêneros estabelecem a forma de organizar a produção verbal adequada a cada contexto, embora não possam ser confundidos com “receitas”, uma vez que refletem as vivências, as percepções e os valores dos falantes inseridos em diferentes ambientes discursivos, vivendo diferentes momentos históricos e usando diferentes tecnologias. Justamente porque percebemos os propósitos, a estruturação textual e a escolha da linguagem, além do contexto em que um texto é produzido e recebido, conseguimos distinguir os vários gêneros: a reportagem do anúncio publicitário, do anúncio classificado e da entrevista; a fábula do romance, o conto do poema; a carta do *e-mail* e do *curriculum vitae*; o verbete de dicionário do glossário; a canção do diário, este do relato histórico; o artigo científico do ensaio e do relatório; a exposição didática da conferência; a oração do sermão, e assim por diante. As descrições esquemáticas que seguem são um recurso didático para facilitar a apropriação de alguns gêneros. Não são exaustivas nem devem ser tomadas como modelos, já que os gêneros são determinados pelos falantes nas diversas práticas realizadas por meio da linguagem.

Fontes de consulta:

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, [1979] 2003.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Ana Rachel Machado e Pericles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

Charge

O que é

É um gênero discursivo que consiste numa reação à situação vigente na sociedade, manifestando questionamentos e satirizando fatos, comportamentos, pessoas. Corresponde a um produto cultural caracterizado pelo uso híbrido da linguagem (escrita e desenho).

Quem produz/escreve	<ul style="list-style-type: none">• Chargista, colaborador de jornal ou revista.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Criticar/satirizar elementos da realidade, divertindo e conscientizando ao mesmo tempo.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Em jornais e revistas (impressos ou virtuais).
Quando	<ul style="list-style-type: none">• Diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, de acordo com a periodicidade do veículo.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• Principalmente adultos, com um nível de instrução médio ou superior (profissionais, aposentados, donas de casa...) e amplo conhecimento enciclopédico e do contexto sociocultural.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Para divertir-se e para inteirar-se de críticas a temas polêmicos e, de certo modo, formar opinião.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Conscientização e desenvolvimento do senso crítico e do senso de humor.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Riso e comentários nos círculos familiares, profissionais e de amigos.• Manifestação ao veículo através de <i>e-mail</i> e telefonema ou de carta do leitor.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• Texto híbrido, no qual linguagem verbal e não verbal são responsáveis pelos sentidos e pelo poder persuasivo da produção; corresponde a uma única cena, tematizando situações do cotidiano, especialmente questões sociais polêmicas e temas políticos; tem alto teor ideológico.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Predomínio da imagem sobre o texto verbal.• Linguagem verbal restrita a títulos, legendas e falas de personagens inseridas em balões; muitas charges constituem-se somente de imagem.• Recursos humorísticos, com jogo de ambiguidades, exagero, ironia.• Nível de linguagem semiformal ou informal (coloquial).

Fonte de consulta:

FLÔRES, O. *A leitura da charge*. Canoas, RS: Ulbra, 2002.

Anúncio Publicitário

O que é

É um gênero discursivo-argumentativo pelo qual se procura convencer o leitor a respeito de alguma ideia, serviço ou produto.

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none">• Mais comumente a responsabilidade da autoria é de interessados, mas a realização é de profissionais especializados na área de <i>marketing</i> e relações públicas.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Convencer o leitor a aderir a uma ideia ou a adquirir um produto ou serviço.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Em jornais e revistas (impressos ou virtuais), em páginas da internet, em muros ou paredes.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• A qualquer momento, de acordo com a periodicidade do veículo e com a necessidade de quem deseja divulgar a ideia ou o produto.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• De maneira geral, qualquer leitor interessado no produto/serviço; em especial aqueles que se sintam atraídos pelo assunto ou pela forma de divulgação.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Para conseguir informações sobre o que está sendo divulgado; por curiosidade ou necessidade.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Adesão à ideia ou aceitação do produto divulgado; necessidade de consumo.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Aquisição do produto ou serviço divulgado.• Visão crítica do que é divulgado.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• Texto geralmente pouco extenso, contendo descrição e argumentação a respeito do tópico central; grande ênfase a aspectos não verbais (imagens).
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Linguagem persuasiva.• Nível de linguagem semiformal, formal ou informal, de acordo com o público-alvo.• Frases curtas.• Uso de paródias, de provérbios.• Articulação entre linguagem verbal e visual (uso de imagens, figuras, fotos, desenhos, gráficos).• Presença de estereótipos, de figuras de linguagem, de ambiguidade.• Uso de esquemas, de estruturas paralelas sintaticamente.• Verbos no imperativo e no presente do indicativo.• Emprego de adjetivações para caracterizar o que está sendo divulgado.

Fontes de consulta:

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.

CORREIA, M. H.; LUFT, C. P. *A palavra é sua*. (8a série) São Paulo: Scipione, 2000.

MUSSALIN, F. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. São Paulo: Global/Ação Educativa/Pesquisa e Informação, 2004. v. 1. (Coleção viver, aprender).

Folheto de divulgação

O que é

É um gênero discursivo expositivo-argumentativo em que se realiza a divulgação de ideias, serviços, eventos ou produtos, utilizando um suporte específico (geralmente folha de papel impressa).

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none">• Mais comumente a responsabilidade da autoria é de interessados na divulgação, mas a realização é de profissionais, empresas ou setores especializados na área de <i>marketing</i> e relações públicas.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Divulgar uma ideia, um produto, um serviço ou um evento; denunciar algum fato, podendo sugerir ações ou engajamento do leitor.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Em vias públicas, em balcões de estabelecimentos públicos, por meio de mala direta via correio, entregue de mão em mão.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• A qualquer momento, de acordo com a necessidade de quem deseja divulgar a ideia, o serviço ou o produto.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• De maneira geral, qualquer leitor interessado; em especial aqueles que se sintam atraídos pelo assunto ou pela forma de divulgação adotada.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Para conseguir informações sobre o que está sendo divulgado; por curiosidade.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Adesão à ideia ou aceitação do produto/serviço divulgado.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Aquisição do produto/serviço divulgado.• Mudança de atitude baseada no que é divulgado.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• Informações ao público-alvo sobre o que está sendo divulgado de forma a contemplar o que acontece, quem participa, onde, quando, como entrar em contato.• Às vezes corresponde somente a texto verbal; outras vezes, inclui texto não verbal.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Nível de linguagem semiformal ou informal, de acordo com o propósito comunicativo e com o domínio linguístico de quem elabora ou do público-alvo.• Linguagem expositiva e persuasiva.• Uso de frases curtas, de paródias, de provérbios.• Articulação entre linguagem verbal e não verbal (uso de imagens, figuras, fotos, desenhos, gráficos).• Uso de esquemas, de estruturas paralelas sintaticamente.• Presença opcional de estereótipos, de figuras de linguagem, de ambiguidade.• Predomínio do uso do presente do indicativo e de formas imperativas.

Fonte:
Original das autoras. Pesquisa TEAR, UCS, 2006.

Verbete

O que é

Verbete é um texto expositivo sobre um vocábulo, correspondendo a uma entrada em dicionário geral, técnico ou escolar.

<i>Quem produz/escreve</i>	<ul style="list-style-type: none">• <i>Expert</i> na área (professor, pesquisador ou autor, geralmente com a colaboração de uma equipe de especialistas).
<i>Propósito</i>	<ul style="list-style-type: none">• De quem escreve: disponibilizar ao público leitor uma fonte de consulta sobre vocábulos do idioma ou sobre os termos de áreas específicas de conhecimento.
<i>Onde circula</i>	<ul style="list-style-type: none">• Em instituições educacionais, bibliotecas, residências, locais de trabalho, setores da imprensa e no meio eletrônico.
<i>Quando</i>	<ul style="list-style-type: none">• Em caso de necessidade de informação sobre a significação de uma palavra ou um termo, seu uso, sua classificação, sua ortografia...
<i>Quem lê</i>	<ul style="list-style-type: none">• Dependendo da categoria do dicionário, desde consulentes em geral até estudantes, técnicos, profissionais liberais e demais interessados.
<i>Por que lê</i>	<ul style="list-style-type: none">• Busca de esclarecimento ou de aprofundamento.• Consulta sobre sinônimos e antônimos, significados, emprego, origem, grafia e outros aspectos dos vocábulos em questão.
<i>Possível influência da leitura</i>	<ul style="list-style-type: none">• Apropriação ou complementação do conhecimento.
<i>Reação em resposta à leitura</i>	<ul style="list-style-type: none">• Esclarecimento de dúvidas, aquisição de conhecimento.
<i>Estrutura textual prototípica (usual)</i>	<ul style="list-style-type: none">• Verbete = termo + definição + categorização + exemplos + informações específicas. Pode conter ilustrações.
<i>Mecanismos linguísticos</i>	<ul style="list-style-type: none">• Linguagem expositiva.• Uso de paráfrase.• Predominância de formas nominais e de tempos verbais no presente; uso de voz passiva.

Fontes de consulta:
PAVIANI, N. M. S. FONTANA, N. M. Original para a pesquisa GENERA,UCS, 2007.
DIONÍSIO, A. P. Verbete: um gênero além do dicionário. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Carta Argumentativa

O que é

Essa espécie de carta constitui um texto de natureza argumentativa, que tem por objetivo defender o ponto de vista do locutor e persuadir o interlocutor.

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none">• Público em geral.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Defender um ponto de vista sobre determinado assunto, através de argumentos convincentes, a fim de persuadir o interlocutor a quem ela se destina.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Geralmente num âmbito particular, pois a carta destina-se a um interlocutor específico.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• Sempre que houver necessidade de reivindicar, denunciar, reclamar, sugerir, aconselhar...
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• Interlocutor a quem se destina a carta. No caso de sua publicação, o público que lê o(s) veículo(s) onde a carta foi publicada.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Sendo um texto que se dirige a um destinatário específico, este sente-se chamado a interagir com os argumentos expostos.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Persuadir ou convencer o interlocutor, partindo da argumentatividade contida na carta.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• O interlocutor pode, ou não, deixar-se persuadir pelos argumentos expostos no texto.• Quase sempre, ocorre envio de resposta ao remetente.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• Formato constituído pelas seguintes partes: data, vocativo, corpo do texto (assunto), expressão cordial de despedida e assinatura. O corpo constitui-se de três partes essenciais: 1) exposição do ponto de vista do autor (ou ideia principal); 2) desenvolvimento (com argumentos) desse ponto de vista; 3) conclusão (confirmação do ponto de vista).
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Linguagem do consenso, em geral, impessoal, clara e objetiva, mas pode variar muito, dependendo da situação e dos interactantes.• Predomínio da 1ª ou da 3ª pessoa, embora seja comum a mistura.• Formas verbais geralmente no presente do indicativo e às vezes no imperativo.

Fonte de consulta:

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.

Ofício

O que é

“Ofício é a forma de comunicação escrita dos órgãos públicos.” (ZANOTTO, 2002, p. 125). Por se tratar de correspondência oficial é bastante restrito e convencional, exclusivamente utilizado no serviço público, na comunicação entre chefias e com o público externo. Na empresa privada, só é utilizado quando dirigido ao serviço público; no âmbito dos negócios, é utilizada a carta comercial.

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none">• Normalmente, um funcionário ou uma autoridade que necessite comunicar-se com pessoas físicas ou jurídicas, fora ou dentro da própria instituição. Também ocorre o inverso: pessoas físicas ou jurídicas enviam ofícios para órgãos e entidades públicas.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Comunicar, solicitar, reclamar, denunciar ou sugerir algo a algum órgão público (Presidência da República, Prefeitura, Senado, Secretarias de estado, Fóruns, escolas e universidades, entre outros).
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Em órgãos públicos e instituições educacionais.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• Sempre que houver necessidade de comunicação formal entre órgãos públicos e instituições educacionais com seus interlocutores, e vice-versa.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• O destinatário ou alguém por ele designado.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Normalmente, por fazer parte de suas atribuições, ou por tratar-se de assunto de seu interesse.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Tomada de conhecimento do assunto tratado.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Providências cabíveis ao caso; geralmente, envio de resposta ao remetente do ofício.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• O assunto é apresentado objetivamente, mas a organização é argumentativa; pode ser escrito na primeira pessoa do singular (eu) ou na primeira pessoa do plural (nós), quando o autor do ofício representa uma entidade ou grupo. Partes integrantes do ofício: índice e número, local e data, vocativo, texto/ corpo, fecho, assinatura, endereçamento.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Linguagem formal.• Uso de formas vocativas (Senhor Diretor, Senhora Prefeita, Senhora Governadora, Magnífico Reitor, etc.).• Respeito às normas da língua padrão.• Vocabulário cuidado; uso de termos especializados quando for o caso.

Fonte de consulta:

ZANOTTO, N. *Correspondência e redação técnica*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2002.

Conto

O que é

Conto é uma narrativa breve, concisa, contendo um só conflito, uma só ação (com espaço geralmente limitado a um ambiente), unidade de tempo e número restrito de personagens.

Quem produz/escreve	<ul style="list-style-type: none"> • Escritor contista, autor ficcionista.
Propósito	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma narrativa de forma a captar a atenção estética e a emoção do leitor.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none"> • Ambientes educacionais e residenciais, principalmente via revistas literárias ou <i>sites</i> voltados para a produção/divulgação de literatura.
Quando	<ul style="list-style-type: none"> • Em situações formais na escola; em horários de lazer.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none"> • Leitor em geral, interessados em literatura; estudantes.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none"> • Para divertir-se/refletir sobre o tema abordado, analisar/admirar a utilização da linguagem e o enredo de narrativas curtas.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Prazer e entretenimento, além da possível compreensão de alguns fatos do dia a dia.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Entusiasmo, desejo de relatar o que se leu entre familiares, profissionais e amigos, desejo de ler mais textos do mesmo gênero ou de conhecer mais a respeito do assunto.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta um narrador, que pode participar da história (personagem) ou ser apenas um observador (onisciente), e personagens inseridos no espaço e no tempo. • Apresenta um enredo, cuja estrutura se compõe de: apresentação, complicação, clímax e desfecho. • Pode ser apresentada também através do Esquema Quinário: Estado Inicial, Força Transformadora, Dinâmica de Ação, Força Equilibrante, Estado Final (ADAM, 1985). • Possibilidades de classificação dos contos: conto de fadas/infantil, conto maravilhoso ou fantástico; psicológico, policial, de suspense; de ficção científica, entre outras formas.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem expressiva, criativa, cuidada, culta, ocorrendo também casos em que a linguagem é coloquial, para produzir a fala de um personagem (discurso direto, em diálogos). • A linguagem geralmente faz apelos à fantasia, ao jogo verbal, à invenção temática. Pelo fato de mais sugerir do que dizer explicitamente, a linguagem é conotativa, plurissignificativa. • Texto narrado: os tempos verbais utilizados geralmente são o pretérito perfeito e o imperfeito.

Fontes de consulta:

ADAM, J-M. *Le texte narratif*. Paris: Nathan, 1985.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000.

CHIAPPINI, L. (Coord.). *Aprender a ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 2007.

HOHLFELDT, A. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Tira

O que é

É um gênero discursivo narrativo que combina desenho e linguagem verbal, numa sequência de poucos quadrinhos, numa abordagem humorística.

Quem produz/escreve	<ul style="list-style-type: none">• Cartunista ou quadrinista, colaborador de jornal ou revista.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Divertir e/ou conscientizar por meio de uma narrativa gráfico-visual breve.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Em jornais e revistas (impressos ou eletrônicos); em livros que apresentam coletâneas de tiras.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• De acordo com a periodicidade do veículo.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• Principalmente adultos, com um nível de instrução médio ou superior (profissionais, aposentados, donas de casa...), mas também adolescentes e crianças, devido ao apelo do humor.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Para divertir-se e para ver a realidade por outros ângulos.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento do senso crítico e do senso de humor.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Riso e comentários nos círculos familiares, profissionais e de amigos.• Manifestação ao veículo através de <i>e-mail</i> e telefonema ou via carta do leitor.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• Texto icônico-verbal (combinação de linguagem não verbal e verbal) ou apenas icônico (não verbal), constituído por, no máximo, quatro quadros que se articulam numa progressão temporal.• Presença dos elementos da narrativa: personagem, tempo, espaço.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Imagem e texto verbal complementam-se.• Linguagem verbal restrita a títulos, legendas e falas de personagens inseridas em balões.• Nível de linguagem semiformal ou informal (coloquial), reproduzindo a fala do personagem.• Emprego de recursos humorísticos: exagero, jogo de palavras, sátira, paradoxo.

Fonte de consulta:

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 194-207.

Pergunta/resposta

O que é

É um gênero discursivo expositivo ou explicativo que compreende uma pergunta e uma resposta suficientemente esclarecedora sobre a questão formulada. Pode tomar forma pedagógica, no âmbito educacional, servir de instrumento para a obtenção de informações, no meio profissional, ou assumir características jornalísticas, no ambiente midiático.

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none"> • Na mídia, a pergunta (geralmente) é formulada pelo leitor. Muitas vezes a responsabilidade de autoria da resposta é da própria revista/do veículo, mas é comum a assinatura da matéria por especialista no assunto em foco. Nas instituições de ensino, o professor elabora a questão e o aluno a responde.
Propósito	<ul style="list-style-type: none"> • Fornecer informações, dados, explicações sobre questionamento apresentado.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none"> • Embora circule no meio escolar e acadêmico, o gênero é encontrado principalmente em revistas de divulgação científica.
Quando	<ul style="list-style-type: none"> • De acordo com a periodicidade do veículo, ou a necessidade pedagógica, no caso do ensino.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none"> • De maneira geral, na mídia, qualquer leitor com certo grau de letramento, em especial aqueles que se sintam atraídos pelo assunto ou pela pergunta que desencadeia a resposta; na área educacional, o professor.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none"> • Na mídia, para conseguir informações sobre o que está sendo exposto ou explicado; por curiosidade ou interesse. No ensino, para avaliar o aluno.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Na mídia, esclarecimento sobre determinada questão; posicionamento diante do tópico; concordância ou discordância do que é posto como resposta. No ensino, obtenção de dados do desempenho do aluno.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Na mídia, comentários no círculo de convivência; formulação de novas perguntas; contestação por escrito à revista que publicou a matéria; busca de outras fontes de informação. No âmbito pedagógico, emissão de nota, conceito ou parecer.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none"> • Na mídia, corresponde a um texto geralmente pouco extenso, composto por uma pergunta, posta em destaque, e uma resposta, contendo exposição ou explicação a respeito do tópico da questão formulada; pode incluir descrição, definições, classificações, exemplos, analogias, comentários, à semelhança da exposição didática. Em sala de aula, organiza-se como exercício ou prova, contendo perguntas destinadas aos alunos.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem clara, objetiva, acessível, na pergunta e na resposta; • Nível de linguagem semiformal, de acordo com o objetivo e o público-alvo; • Emprego de citações de especialistas para dar credibilidade à resposta; • Frases curtas, com conectores explícitos; • Predomínio do uso do presente do indicativo.

Fonte:

Pesquisa TEAR, UCS, 2008

Editorial

O que é

É o gênero de texto por meio do qual o jornal e outras mídias expressam formalmente suas opiniões a respeito de algo da atualidade ou sobre um fato notificado na mesma edição, merecedor de destaque, posicionando-se a favor ou contra, com base em fontes seguras e fidedignas (estudos, pesquisas...).

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none">• O editorialista, que é o profissional da redação encarregado de redigir os editoriais. No entanto, os editoriais de jornais não são assinados, pois representam a opinião do próprio jornal e não de quem os escreve.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Alertar, esclarecer, ou alterar o ponto de vista dos leitores. Pode também buscar a mobilização desses leitores em prol de algum interesse coletivo.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Em âmbito social amplo, em jornais, revistas e veículos de comunicação similares, impressos e eletrônicos.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• A cada edição do veículo, com interesse no aprofundamento das questões em foco.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• O público leitor desses veículos interessado em aprofundar informações e formar opinião.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Porque busca uma opinião/posição sobre determinado assunto polêmico ou controverso.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Adesão ou não à posição tomada em relação ao fato ou questão destacada pelo veículo.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Geralmente comentários nos círculos de convivência cotidiana ou através de <i>e-mail</i>, carta do leitor ou telefonemas ao veículo no qual o texto foi divulgado. Em certas situações até mesmo alguns veículos utilizam seu espaço para responder a outros editoriais.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none">• Geralmente a estrutura de um editorial é semelhante à dos demais textos expositivo-argumentativos: uma introdução, na qual o leitor é informado sobre o assunto que será abordado; um desenvolvimento onde este assunto é exemplificado e também avaliado/analísado; e uma conclusão em que uma solução é proposta ou exigida.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Uso de linguagem clara e objetiva em níveis mais formais, de acordo com as normas do padrão culto formal da língua.• Ausência de gírias e de construções próprias da oralidade.• Verbos predominantemente no presente do indicativo.

Fontes de consulta:

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000.

MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<div>Artigo de opinião</div> <div>O que é</div> <div>É um gênero discursivo que defende um ponto de vista sobre um tema geralmente polêmico, buscando convencer o leitor. É sempre assinado e pode ser escrito na primeira pessoa.</div>	
Quem escreve	<ul style="list-style-type: none"> Jornalista ou colaborador de jornal ou revista, considerado autoridade na área/no tópico.
Propósito	<ul style="list-style-type: none"> Convencer o leitor a aderir à posição tomada pelo autor.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none"> Em âmbito geral amplo, em jornais e revistas (impressos ou virtuais).
Quando	<ul style="list-style-type: none"> Diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, de acordo com a periodicidade do veículo.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none"> Principalmente adultos, com um nível de instrução médio ou superior (profissionais, aposentados, estudantes, donas de casa...).
Por que lê	<ul style="list-style-type: none"> Para informar-se e formar opinião sobre temas polêmicos.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none"> Tomada de posição alinhada com a do autor, ou contrária a ela, quando os argumentos não forem convincentes.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none"> Comentários nos círculos familiares, profissionais e de amigos. Manifestação ao veículo através de <i>e-mail</i> e telefonema ou de carta do leitor.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none"> Texto argumentativo, apresentando uma ou mais teses (posições) sobre um tema, geralmente combinadas com argumentos para defendê-las (evidências, provas, racionalização, exemplos, citações). Contextualização inicial (abordagem geral), detalhamento, problema, análise, tese, argumentos, conclusão (ideia geral ou convite à ação).
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação de informações e ideias de outros autores (citação direta ou indireta, a partir de verbos de dizer e expressões de conformidade: segundo fulano; de acordo com sicrano; fulano diz/afirma/adverte/contrapõe/argumenta/ questiona...). Emprego de conectores que introduzem argumentos (já que, visto que, pois, posto que, dado que). Emprego de conectores que acrescentam argumentos (também, e, além disso, mais, ainda). Emprego de conectores que expressam oposição (no entanto, mas, porém, contudo, todavia) ou concessão (embora, apesar de). Emprego de conectores que expressam conclusão (portanto, assim, assim sendo, deste modo). Predomínio do uso do presente do indicativo.

Fontes de consulta:

ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BALTAR, M. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: Educ, 2004.

BARBOSA, J. P. *Notícia*. Livro do professor. São Paulo: FTD, 2001. (Coleção trabalhando com os gêneros do discurso).

Resenha

O que é

É um gênero textual/discursivo que avalia, qualificando ou desqualificando, uma produção intelectual ou artística, ou mesmo um evento. É comumente usada no ambiente acadêmico, mas tem lugar também na vida cotidiana, veiculada pela imprensa. Nesse caso, a resenha corresponde à apreciação crítica de uma obra (filme, cd, dvd, livro, peça teatral, artigo, exposição, show, concerto, entre outras possibilidades).

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none">• Críticos e estudiosos das obras em questão, professores e estudantes de pós-graduação, ou seja, pessoas especialistas no assunto. Pode também ser produzida por alunos do Ensino Médio e Superior, com objetivos pedagógicos.
Propósito	<ul style="list-style-type: none">• Apresentar, descrever, avaliar e recomendar (ou não) uma obra.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none">• Nos meios acadêmico e escolar, no âmbito profissional e familiar.
Quando	<ul style="list-style-type: none">• De acordo com a periodicidade dos veículos (jornais, revistas, etc.) que as publicam.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none">• Público interessado nas obras apresentadas: professores, universitários, estudantes de Ensino Médio, profissionais liberais, etc.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none">• Porque busca informação e opinião crítica sobre uma obra.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none">• Adesão ou não, do leitor, à avaliação expressa na resenha.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none">• Interesse em interagir com a obra mencionada, adquirindo-a, assistindo-a ou buscando conhecê-la de algum modo.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ol style="list-style-type: none">1) Apresentar a obra (informar o tópico geral; definir a audiência-alvo; dar referências sobre o autor; fazer generalizações)2) Descrever a obra (dar uma visão geral da sua organização; estabelecer o tópico de cada parte (citar material extra-textual))3) Avaliar partes da obra (realçar pontos específicos)4) Recomendar (desqualificar e não recomendar a obra, ou recomendar, por suas qualidades ou apesar das possíveis falhas identificadas) (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2001)
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none">• Linguagem formal ou semiformal.• Organização expositivo-argumentativa.• Linguagem, em geral, caracterizada por:<ul style="list-style-type: none">– predominância de verbos no presente do indicativo para descrever as partes da obra e avaliá-la– verbos nos tempos do pretérito para relatar a vida e a obra do autor– emprego de verbos de dizer para mencionar as ações que o autor realiza em diferentes partes do texto (afirma, sustenta, mostra, defende a ideia, tem o objetivo de, aborda, conclui, sugere, constata, descreve, justifica, aponta...)– emprego de conectores (inicialmente, a seguir, finalmente; para isso, com essa finalidade; pois, porque; desse modo, sendo assim; por isso, por essa razão; entretanto, porém, mas; além disso, também...)– emprego de adjetivos e substantivos que expressam avaliação (positiva ou negativa) sobre a obra– nível de polidez adequado, mesmo quando desqualifica a obra

Fontes consultadas:

MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Redação acadêmica: princípios básicos*. 3. ed. Santa Maria: I. Universitária, 2001.
FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1997.
MACHADO, A.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

Ensaio

O que é

É um gênero discursivo expositivo-argumentativo que versa sobre um tema específico em profundidade, no entanto, sem esgotá-lo.

Quem escreve	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisadores, pensadores e críticos de arte com maturidade intelectual e grande domínio da linguagem e da cultura.
Propósito	<ul style="list-style-type: none"> • Comentar informações e subsídios da ciência; discutir temas de interesse social; revisar e analisar assuntos e interpretações; explicar certas críticas; debater ideias e opiniões.
Onde circula	<ul style="list-style-type: none"> • Em revistas acadêmicas, revistas de divulgação científica, livros (de ensaios), em revistas e jornais da grande imprensa, no meio social amplo.
Quando	<ul style="list-style-type: none"> • De acordo com a periodicidade do veículo.
Quem lê	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas com certo percurso de leitura em diferentes gêneros e interessadas em opiniões/discussões/reflexões sobre assuntos atuais, culturais, literários, filosóficos, etc.
Por que lê	<ul style="list-style-type: none"> • Para construir ou ampliar conhecimentos. • Para formar opinião sobre temas atuais/complexos, partindo das opiniões/discussões dos especialistas.
Possível influência da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Tomada de posição alinhada com a do autor, ou contrária a ela, quando os argumentos não foram convincentes. • Construção ou ampliação de conhecimentos.
Reação em resposta à leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Comentário nos círculos acadêmicos, profissionais e eventualmente em ambientes familiares e entre amigos.
Estrutura textual prototípica (usual)	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade discursiva em prosa. • Exposição e indagação sobre o objeto em questão. • Argumentação não apenas pelo raciocínio, mas pelo equilíbrio das evidências que apresenta. • Grande liberdade e flexibilidade estrutural (com começo, meio e fim, à semelhança de um diálogo entre o ensaísta e o leitor). • Texto geralmente breve, mas que pode ser extenso, dependendo do tópico tematizado, sem ser exaustivo. • Normalmente, não apresenta citações, embora as aceite ocasionalmente.
Mecanismos linguísticos	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem direta, sensível, rigorosa e elegante. Estilo marcado pela subjetividade cautelosa e equilibrada, sem afetações. • Redação mais didática e direta, buscando a objetividade científica, pois constrói sua coerência através da essência dos seus conteúdos, sem pretensão de atingir um grau de certeza sobre a verdade. • Emprego predominantemente de linguagem formal, podendo em alguns casos ocorrer uso de linguagem coloquial, sem afastar-se das normas da língua padrão. • Emprego de conectores que introduzem argumentos (já que, visto que, pois, posto que, dado que, etc.); e que conectores que acrescentam argumentos (ainda, além disso).
Classificação	<p><i>Informal</i>: mais livre, criativo, subjetivo, que tem originalidade na formulação do pensamento, como por exemplo, o ensaio literário. <i>Formal</i>: caracteriza-se pela objetividade no tratamento do tema e pela organização mais estruturada do pensamento, tendo como exemplo o ensaio científico.</p>

Fontes de consulta:

- PAVIANI, J. *Conhecimento científico e ensaio: ensaios de epistemologia prática*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- REZZÓNICO, R. C. *Comunicaciones e informes: científicos, académicos y profesionales em la sociedad del conocimiento*. Córdoba: Comunic-arte Editorial, 2003. p. 145-147.
- COHN, G. (Org.). *Theodor W. Adorno: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- FONTANA, N. M. O artigo acadêmico: notas preliminares para fins pedagógicos. *Chronos*, Caxias do Sul, v. 28, n. 1, p. 99-116, jan./jun. 1995.
- HILL, S. S.; SOPPELSA, B. F.; WEST, G. K. Teaching ESL students to read and write experimental-research papers. *TESOL Quarterly*, v. 16, n. 3, p. 333-347, 1982.
- MOISÉS, M. *A criação literária: prosa*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Redação acadêmica*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária, 2001.
- SWALES, J. M. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

3 MODOS DE ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA

Quando nos propomos a produzir um texto oral ou a “passar um texto para o papel”, empregamos vários mecanismos, entre os quais os modos de organização discursiva (também referidos como **tipos de texto**, quando apresentam ênfase na organização textual). Veremos, a seguir, em que consistem e quais são os principais modos de organização discursiva.

Modos de organização discursiva são formas de organizar as produções verbais, que incluem **aspectos socioculturais** (intenções, interlocutores, temas, local da interação, escolha da maneira de interagir, padrões ou convenções na comunidade de falantes) e **aspectos linguísticos** (relações lógicas, tempos verbais, escolha lexical, construção sintática), característicos de gêneros que circulam em determinados ambientes discursivos. A escolha do gênero e as escolhas linguísticas têm relação com fatores enunciativos (quem diz o quê, para quem, de que modo). Em resumo, os **modos de organização discursiva** correspondem a modos de dizer. A seguir, veremos os principais modos de organização discursiva.

Modo do RELATO:

O relato tem semelhança com a narração, pois se caracteriza como uma progressão de ações no tempo, mas difere dela pelo *status* real dos fatos, ações, pessoas, lugares e tempo, e pela composição. Relatar é contar uma sucessão de fatos ou de ações reais que ocorrem num certo período de tempo, num espaço determinado. Dependendo do propósito comunicativo, o relato pode ser cronológico ou pode ordenar os eventos pela relevância dos fatos, pela relação causa e consequência ou por outros aspectos. Pode ainda caracterizar-se como um relato subjetivo (diário, carta pessoal, *e-mail*) ou objetivo (relato histórico, ata, memorial de reunião, notícia), embora sempre haja um certo grau de subjetividade em nossas trocas verbais.

Modo NARRATIVO:

Narrar nada mais é que contar uma história. Sendo assim, pode-se dizer que “texto narrativo é aquele que relata as mudanças progressivas de estado que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo.” (FIORIN; SAVIOLI, 1995, p. 289). No entanto, é preciso destacar uma característica fundamental da narrativa: ela apresenta situações imaginárias ou ficcionais. Portanto, a narração envolve personagens, ações, fatos, lugares e tempo imaginários, que compõem uma história ou trama. A narratividade caracteriza-se pela transformação de estados (passagem de um estado inicial a um estado final).

Narrar é contar. Relacionar situações e personagens. Narrar é uma das atividades de linguagem mais presentes em nossa vida. [...] num texto narrativo, assim como na vida concreta, não é possível isolar o sujeito de sua ação. (BARBOSA; AMARAL, 2003, p. 58, 61).

Uma possibilidade de composição do texto narrativo é a proposta por Adam (1985), sob a forma de **esquema quinário**, originalmente aplicado à fábula (mas podendo, até certo ponto, aplicar-se também a outros gêneros narrativos, como o conto maravilhoso, o conto e o próprio romance). Segundo esse autor, a narrativa compreende cinco momentos/movimentos:

<i>Momentos</i>	<i>Descrição</i>
ESTADO INICIAL	contextualização da narrativa: apresentação dos personagens no espaço e no tempo; situação de rotina ou de estabilidade em determinado ambiente
FORÇA TRANSFORMADORA	fato/elemento que rompe com a harmonia inicial e direciona a narrativa; dificuldade, problema, fato inesperado
DINÂMICA DA AÇÃO	o que acontece devido à intervenção da força transformadora; ações dos personagens para resolver o problema
FORÇA EQUILIBRANTE	fato/elemento que precipita/determina o desfecho; clímax da sequência de ações; momento em que a ação chega a seu fim
ESTADO FINAL	desfecho; término da história; resolução do problema

(Adaptação de ADAM, 1985)

Modo DESCRITIVO:

Descrever é dizer como algo ou alguém é, enumerando características, permitindo ao ouvinte ou leitor “a oportunidade de visualizar o cenário em que uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam” (PEREIRA et al., 2006, p. 32), sem, no entanto, mencionar as mudanças que ocorrem devido à passagem do tempo. Nesse sentido, pode-se comparar a descrição com a fotografia: é um flagrante de um momento congelado no tempo. Vejamos a explicação contida no fragmento abaixo:

O texto descritivo não relata, como o narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com as pessoas ou coisas, mas as propriedades e aspectos desses elementos num certo estado, considerado como se estivesse parado no tempo. (FIORIN; SAVIOLI, 1995, p. 289).

Segundo Trimble (1985), pode-se subdividir a descrição em descrição física e descrição de processo. Quando se trata da descrição física, principalmente da descrição técnica, levamos em conta

as características físicas de um objeto e a relação espacial das partes do objeto umas com as outras e com o todo, e do todo com as partes relacionadas, se houver alguma. As características físicas descritas mais freqüentemente são: dimensão, forma, peso, material, volume, cor, textura. (TRIMBLE, 1985, p. 35).

Com relação à descrição de processo, é contemplada a sequência de etapas integrantes de um processo (o passo a passo de um conjunto de ações coordenadas e integradas, formando um todo). São exemplos de processos que podem ser descritos: a purificação da água, a reciclagem do lixo, a montagem de um automóvel, o fabrico do leite, o cultivo da parreira, e assim por diante.

A descrição, tanto física como psicológica, pode estar a serviço da narrativa com a função de ajudar o leitor a criar uma imagem mental das personagens e dos lugares ou do tempo, enfim dos ambientes (dos cenários) em que se dão as cenas, as ações. Em outros termos, situa o leitor no clima (tenso, dramático, conflitivo, feliz, alegre, festivo, etc.) do enredo, da trama.

A descrição técnica, tanto física de objeto como de processo e também psicológica (estado de espírito, comportamentos, atitudes, etc.) pode estar a serviço de textos de natureza técnica e/ou científica, com a função de, através dela (da descrição), chegar à verdade dos fatos, dos fenômenos que estão sendo estudados. Nessa perspectiva, presume-se que sejam descrições mais objetivas, isentas de qualquer prevenção/preconceito sobre o objeto que está sendo descrito, para que este possa se mostrar tal como é, sem interferências de quem o descreve. Como exemplos, podem ser citadas várias situações de descrição com essa função: a) na investigação de um crime, busca-se uma descrição objetiva do fato para se chegar o mais próximo possível à verdade do ocorrido; b) na pesquisa de um fenômeno, procura-se descrevê-lo objetivamente, para que as descobertas possam ser consideradas válidas; c) na consulta de um paciente, a descrição do seu estado de saúde é importante para o médico poder fazer um diagnóstico acertado.

Modo EXPOSITIVO:

O modo **expositivo** pode abranger duas formas distintas: o expor e o explicar, que descrevemos brevemente a seguir.

a) Exposição: O texto expositivo consiste na apresentação de diferentes formas de fatos/saberes, geralmente incluindo definições, classificações, citações, apresentação de dados, conceitos, ideias. Numa exposição, mencionamos fatos, identificamos relações, fazemos constatações, mas não lançamos mão de explicações, limitando-nos à apresentação do tema. Dessa forma, o texto expositivo responde à pergunta **o quê**. São tipicamente expositivos os gêneros verbete, artigo de enciclopédia e algumas exposições didáticas.

b) Explicação: O texto explicativo geralmente contém análises, exemplos e comentários para explicar teorias, previsões, pessoas, fatos, datas, especificações, generalizações, limitações e conclusões, atendo-se à informação (SLATER; GRAVES, apud SANTOS, 1998). Ao escolher esse modo de organização discursiva, buscamos apontar as causas dos fatos; por isso, o texto explicativo responde às questões **como** e **por quê**, segundo Coltier (apud SANTOS, 1998). Como exemplo de gêneros organizados no modo

explicativo, podemos citar: artigos científicos e textos didáticos (explicações orais e escritas).

Modo DIRETIVO (injuntivo):

Este modo discursivo tem a ver com a regulação mútua de comportamentos, dirigindo explicitamente a ação de outrem. É o modo de organização que tem por objetivo fazer o interlocutor agir de determinada forma. Compõe o texto que tipicamente manipula comportamentos, uma vez que expressa ordens ou sugestões e estabelece normas. São gêneros diretivos: leis, regras de jogos, dicas, normas, entre outros. (Ver **Funções da linguagem** em **Apontamentos teóricos**)

Modo ARGUMENTATIVO:

O modo de organização argumentativo baseia-se na lógica do argumento e na argumentatividade inerente à língua. O ato de argumentar consiste na tentativa de influenciar o outro pela ação verbal ou de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões. Assim, o que dizemos é sempre intencional e a intencionalidade do discurso corresponde à argumentatividade, presente nas escolhas linguísticas que fazemos (elas revelam nossas intenções). A argumentação pode compreender duas dimensões: a do convencer e a do persuadir. O convencimento recorre à razão, à lógica e ao raciocínio do interlocutor, enquanto a persuasão apela à vontade, ao sentimento, à emoção, à afetividade (PERELMAN apud KOCH, 1987).

Do ponto de vista lógico-semântico, a **base do texto argumentativo** é a presença de **tese** (premissa ou posição defendida) e de **argumentos** (fatos, evidências, exemplos, provas). (Ver **Argumentação** em **Apontamentos teóricos**)

Podem-se ainda incluir outros modos de organização na composição de gêneros que apresentem características diferentes das até aqui apresentadas, entre os quais: dialogal (quando há trocas entre dois ou mais interlocutores); estético-semiótico (quando há exploração de recursos expressivos da linguagem, como sonoridade, ritmo, metáforas, ambiguidade, ou de recursos visuais); de previsões (quando o foco está em fatos situados no futuro).

Fontes de consulta:

ADAM, J.-M. *Le texte narratif*. Paris: Nathan, 1985.

BARBOSA, S. A. M.; AMARAL, E. *Escrever é desvendar o mundo: a linguagem criadora e o pensamento lógico*. 16. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GARCEZ, L. H. do C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2001.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

PEREIRA, C. da C. et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. W. dos. (Org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27-58.

SANTOS, M. M. C. dos. *O texto explicativo*. Caxias do Sul: Educs, 1998.

ARGUMENTAÇÃO:

Apesar de grandemente utilizada em nossas interações, a argumentação é bastante complexa. Por isso, para desenvolver a habilidade de argumentar, é importante conhecer melhor os seus mecanismos.

O que é

A argumentação pode ser entendida como uma função da linguagem ou um modo de organizar o discurso para conseguir a adesão do nosso interlocutor.

Já que todas as ações realizadas por meio da linguagem têm intencionalidade, argumentar é orientar o discurso para determinadas conclusões. Usando a argumentação, podemos convencer (visando à razão, por meio de raciocínio lógico e de provas objetivas) ou persuadir (atingindo a vontade e a emoção, por meio de argumentos subjetivos) (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1999).

Em que gêneros se insere e em que ambientes circula

Sempre que nos posicionamos e defendemos um ponto de vista, estamos argumentando. Praticamente tudo o que fazemos ou dizemos no dia a dia tem um caráter argumentativo, visto que, na maioria das vezes, estamos julgando, avaliando e tentando convencer o nosso interlocutor a concordar conosco. Assim, a argumentação está presente na maioria dos gêneros que usamos em nossas interações: diálogo informal, comentário, apresentação oral, reclamação, solicitação, carta, telefonema, *e-mail*, artigo jornalístico, editorial, anúncio publicitário, cartaz, *outdoor*, entre inúmeros outros gêneros, que circulam em nosso ambiente social imediato (família e círculo de amigos), no âmbito social mais amplo, no educacional e profissional.

Como se caracteriza

A argumentação pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas teóricas, considerando-se vários aspectos ou níveis, cada um com suas características, mas todos contribuindo para os efeitos esperados. Vejamos algumas possibilidades de análise, a partir de trechos de um editorial, transcritos abaixo:

O Brasil contabiliza um déficit bem mais preocupante que o de suas contas públicas. Pesquisa efetuada pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), [...], revela que os estudantes brasileiros acumulam um inquietante déficit de leitura, ou seja, não compreendem o que lêem. [...] O levantamento aferiu o aproveitamento, nesse item específico, de 265 mil alunos, todos com 15 anos, de escolas oficiais e privadas de 32 nações [...]. O desempenho de nossos jovens colocou-os no final da fila e com eles o Brasil. [...]

Certamente deve-se levar em conta que, das 32 nações participantes do estudo, 29 fazem parte da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne países do Primeiro Mundo [...].

Diante desse quadro, é oportuna a política do MEC quando promete reforçar o combate à repetência e estimular o contato entre os jovens e os livros, anunciando a doação de coleções literárias para 8,4 milhões de crianças das 4ª e 5ª séries. O caminho é esse. Pois se não incentivar desde cedo a leitura, a escola terá falhado naquela que é uma de suas missões primordiais.

(Trechos do editorial “O último da fila”, publicado no jornal *Zero Hora*, Porto Alegre, em 6/12/01)

Níveis ou aspectos a considerar na análise e produção de gêneros argumentativos, aplicados ao exemplo do editorial de *Zero Hora*:

a) plano da interação

(fatores do contexto de comunicação que oportunizam o surgimento de um texto argumentativo):

- **intenção comunicativa:** convencer a respeito da gravidade do problema do analfabetismo funcional revelado pelos alunos brasileiros em pesquisa internacional e oferecer solução para a questão
- **locutor:** a autoria é do jornal ZH (embora o texto deva ter um autor físico, este representa a opinião do jornal)
- **receptor/leitor:** leitor de ZH (tipicamente, adulto, morador do RS, nível médio ou superior de instrução, interessado em questões educacionais)
- **lugar geográfico e social da ação verbal:** ambiente familiar, profissional, educacional, em Porto Alegre e locais no RS por onde circula o jornal ZH
- **relação entre os interlocutores:** assimétrica (o autor do editorial tem conhecimento e posição sobre o assunto, enquanto o leitor busca informar-se para emitir opinião acerca do mesmo)
- **momento sócio-histórico:** início do século XXI, pluralidade de ideias, com altas demandas de conhecimento, tecnologia, comunicação e ética, visando à solução de problemas; localmente, preocupação com segurança, educação, saúde, corrupção
- **tema:** a colocação em último lugar de alunos brasileiros em pesquisa sobre leitura conduz a uma análise acerca da importância da leitura e do papel da escola na formação de leitores

b) plano composicional

(organização textual inerente aos gêneros argumentativos por meio de sequências argumentativas):

Os principais elementos que estruturam o texto argumentativo (ADAM apud SANTOS, 2007) são: ARGUMENTOS-CONCLUSÃO ou DADOS-CONCLUSÃO. Isso quer dizer que, minimamente, um texto argumentativo é construído em torno do eixo argumentos-tese. Esse eixo central desenvolve-se como uma sequência argumentativa, que apresenta os seguintes componentes, identificados no exemplo anterior:

- **tese anterior:** O Brasil contabiliza um deficit bem mais preocupante que o de suas contas públicas: os estudantes brasileiros não compreendem o que leem.
- **dados:** O desempenho de nossos jovens colocou-os no final da fila e com eles o Brasil.
- **regras de inferência:** Se não incentivar desde cedo a leitura, a escola terá falhado naquela que é uma de suas missões primordiais. Os alunos brasileiros não compreendem o que leem.
Inferência lógica: Sendo missão da escola promover a leitura, se os alunos apresentam deficiência nessa área, a escola não está conseguindo realizar essa missão.
- **restrição:** Certamente deve-se levar em conta que, das 32 nações participantes do estudo, 29 fazem parte da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne países do Primeiro Mundo [...]
- **conclusão:** Diante desse quadro, é oportuna a política do MEC quando promete reforçar o combate à repetência e estimular o contato entre os jovens e os livros [...] O caminho é esse. Pois se não incentivar desde cedo a leitura, a escola terá falhado naquela que é uma de suas missões primordiais.

c) a estrutura lógica da argumentação

(raciocínio que liga um dado a uma conclusão) pode ser assim decomposta (GARCIA, 1997), a partir do texto-exemplo:

- **proposição:** O Brasil contabiliza um *deficit* bem mais preocupante que o de suas contas públicas: os estudantes brasileiros não compreendem o que leem.
- **análise da proposição:** Descrição da pesquisa realizada pelo Pisa.
- **formulação dos argumentos:** Dados estatísticos e exemplos do desempenho dos alunos brasileiros na pesquisa efetuada pelo Pisa.
- **conclusão:** As medidas que o MEC vem tomando são adequadas para resolver o problema, pois a escola deve incentivar desde cedo a leitura, que é uma das suas missões principais.

d) a argumentatividade – ou carga argumentativa contida na linguagem

(marcas da argumentação inseridas no código linguístico, orientando o leitor para uma determinada conclusão) pode ser expressa por vários elementos, como se pode ver pelos exemplos:

- **marcadores de polifonia:** citação direta da pesquisa do Pisa;
- **índices de avaliação:** déficit *bem mais preocupante*, déficit *inquietante*;
- **indicadores de modalidade:** eixo da certeza: verbos no presente do indicativo ao longo de quase todo o texto; o advérbio *certamente*; locução verbal no futuro do presente: a escola *terá falhado*;
- **tempos verbais:** tempos do comentário – presente e futuro do presente;
- **operadores argumentativos:** *Pois se não* incentivar a leitura, a escola *terá falhado*[...]
- **marcadores de pressuposição:**
 - (a) O Brasil contabiliza um *deficit bem mais preocupante* que o de suas contas públicas.
Pressupostos: O Brasil apresenta um *déficit* preocupante nas contas públicas.
 - (b) O desempenho de nossos jovens colocou-os no final da fila e com eles o Brasil.
Há algo que preocupa mais. Pressuposto: os alunos não sabem ler, leem mal (tiveram um mau desempenho).

Concluindo

Podemos perceber que as análises são complementares e que diferentes métodos para mapear os mecanismos argumentativos de um texto podem ser usados, selecionando os aspectos mais salientes ou os objetivos da análise. A seguir, introduzimos algumas informações sobre marcadores discursivos da argumentação, conhecidos como operadores argumentativos.

OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Para introduzir essa noção, temos de fazer um exercício didático de distinguir dois níveis no que diz respeito à linguagem. São eles: o nível linguístico-textual propriamente dito (com foco nas estruturas linguísticas e nos fatores da organização textual) e o nível discursivo (com foco na produção de sentidos por meio da linguagem a fim de possibilitar a interação entre as pessoas). No plano discursivo, destaca-se a intenção do locutor/autor, que, com o propósito de convencer ou de persuadir seu interlocutor, pode dirigir as

interpretações do seu discurso por meio da argumentação, e isso ocorre muitas vezes por conta de marcadores de discurso.

Os operadores argumentativos constituem uma espécie de ponte entre a língua e o discurso. Pertencem à língua (são marcadores linguísticos), mas, ao mesmo tempo, pertencem ao discurso (são marcas da intenção do enunciado e do evento da sua produção). (GOUVÊA, 2006, p. 111). Assim, pode-se dizer que os conectores que conduzem o locutor ou ouvinte a determinadas conclusões, a partir dos atos de fala (das intenções) presentes nos enunciados, desempenham a função de operadores argumentativos. Vejamos os seguintes exemplos (GIERING et al., s/d):

(a) Jovens universitários abandonam o Brasil, muitas vezes submetendo-se a trabalho braçal em cidades como Nova Iorque, Roma, Tóquio, Londres, etc.

(b) Até jovens universitários abandonam o Brasil, muitas vezes submetendo-se a trabalho braçal em cidades como Nova Iorque, Roma, Tóquio, Londres, etc.
(Folha de S. Paulo, 20/7/91)

O primeiro enunciado tem o propósito prioritário de informar, embora o verbo *submeter-se* seja um índice de avaliação, indicando que o trabalho braçal não seria exatamente a escolha dos jovens. No segundo exemplo, o operador argumentativo *até* introduz um ato de fala diferente, expressando surpresa pela inclusão não esperada de universitários nos grupos que estão abandonando o país para realizar trabalhos braçais no exterior. A surpresa decorre dos implícitos: alunos que frequentam a universidade realizam trabalho intelectual e exercem ou preparam-se para exercer atividades intelectuais e não braçais.

Ao comparar conectores lógicos e operadores argumentativos, pode-se perceber diferenças. Os conectores lógicos, ou sintáticos, são palavras ou expressões que relacionam dados, fatos, ideias de forma geralmente explícita, estabelecendo alguma relação entre dois conteúdos. Essas relações podem não depender necessariamente de um contexto mais amplo de interpretação, pois elas se constituem na superfície textual. Elas dependem daquilo que está posto no próprio texto e as inferências que dali advêm são de caráter lógico.

Já os conectores *mas* e *e*, usados como operadores argumentativos, ligam dois atos de fala ou ações da linguagem, cujos sentidos se estabelecem na maioria dos casos com apoio em implícitos de caráter pragmático, dependentes, portanto, do contexto de comunicação.

Os operadores argumentativos constituem recursos linguísticos utilizados nos enunciados que têm as funções de estruturar enunciados em textos, introduzir vários tipos de argumentos e orientar o interlocutor na direção de determinadas conclusões (orientação argumentativa). Esses elementos linguísticos podem estar num mesmo nível (classe argumentativa) ou em níveis de força crescentes (escala argumentativa).

É importante termos clareza sobre o valor desses recursos linguísticos, tanto para que consigamos percebê-los no discurso do outro, quanto para utilizá-los em nosso próprio discurso.

Vejamos no quadro a seguir os argumentos introduzidos pelos operadores argumentativos:

operadores argumentativos	operações realizadas
<i>até, até mesmo, mesmo; no mínimo, ao menos, pelo menos, inclusive, nem mesmo, muito menos</i>	situam os fatos numa escala de argumentos (enunciados dispostos em gradações diferentes na mesma escala argumentativa), marcando os mais fracos ou os mais contundentes
<i>e, nem, além disso, também, além de, não só...como também</i>	somam-se a outros, objetivando a mesma conclusão (encadeiam enunciados de escalas argumentativas diferentes, orientadas no mesmo sentido)
<i>isto é, quer dizer, ou seja, pois, porque, em outras palavras</i>	introduzem uma explicação, um esclarecimento a um enunciado anterior
<i>aliás, além do mais</i>	introduzem um argumento decisivo e podem anular o argumento anterior
<i>ainda</i>	expressam algo que perdura no tempo de modo inesperado
<i>já</i>	marcam a antecipação de um fato no tempo (no presente ou no passado) ou mudança de estado
<i>na verdade</i>	expressam a versão considerada verdadeira pelo locutor
<i>logo, portanto, assim, então, visto que, por isso, pois, por conseguinte, em decorrência</i>	exprimem conclusão/consequência daquilo que foi expresso anteriormente (funcionam mais como tese do que como argumentos)
<i>se, caso, contanto que, desde que</i>	indicam condição
<i>quando, logo, assim que, depois que, antes que</i>	expressam tempo
<i>para, a fim de que, com o propósito de</i>	indicam finalidade
<i>mas, porém, embora, todavia, entretanto, contudo, apesar de, já, agora</i>	contrapõem-se a outro visando a uma conclusão contrária
<i>ou, ou...ou, quer...quer</i>	expressam alternância (disjunção)
<i>como, mais que, tanto/tão...como, mais...do que, assim como, tanto...quanto</i>	estabelecem relação de comparação entre ideias/intenções
<i>porque, pois, como, já que, uma vez que</i>	apresentam uma causa em relação ao que já foi dito
<i>quase, apenas, somente...</i>	orientam a conclusão para uma afirmação ou negação

Fontes de consulta:

- AZEVEDO, T. M. de. *Argumentação, conceito e texto didático: uma relação possível*. Caxias do Sul: Educs, 2000.
- BARBISAN, L. B. A construção da argumentação no texto. *Letras de Hoje*, v. 37, n. 3, p. 135-148, set. 2002.
- DUCROT, O. Os internalizadores. *Letras de Hoje*, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- GIERING, M. E. et al. *Análise e produção de textos*. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, s/d.
- GOUVÊA, L. H. M. Operadores argumentativos: uma ponte entre a língua e o discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. W. dos (Org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. *A coesão textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- SANTOS, M. I. dos. A organização da argumentação sob a perspectiva do plano composicional. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e seqüências textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

4 FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Tudo o que ouvimos, falamos, lemos ou escrevemos tem um propósito comunicativo. Na vida diária, estamos sempre usando a linguagem com alguma intenção. Por isso, costuma-se dizer que agimos por meio de nossas produções linguísticas, das mais simples e informais, como um diálogo entre amigos, às mais complexas e formais, como uma palestra num congresso. As intenções embutidas em nossas interações verbais correspondem a funções da linguagem, que têm sido classificadas de modos diferentes por diferentes autores.

Uma das classificações mais didáticas e úteis no desenvolvimento de habilidades de leitura e produção textual é a desenvolvida por Bachman (2003, p. 97-100) a partir de estudos realizados por Halliday (1973; 1976). As funções, ou intenções que nos levam a interagir, são agrupadas por Bachman (2003) em quatro macrofunções (funções gerais e abrangentes, que se subdividem em funções mais específicas). São elas:



Vejamos como essas funções se caracterizam, ainda de acordo com Bachman (2003):

A função ideacional expressa sentidos de acordo com a experiência que se tem do mundo real. Corresponde ao uso da língua *para expressar proposições* ou *para trocar informação sobre conhecimento ou sentimentos*. Exemplo: linguagem usada em palestras ou artigos acadêmicos, ou quando alguém espontaneamente desabafa, fala de suas emoções a um amigo ou num diário.

Já **as funções manipulativas** têm como propósito afetar/atingir o mundo ao nosso redor. Subdividem-se em:

- **instrumental**: é a linguagem usada *para conseguir que as coisas sejam feitas para nós*. Exemplo: construções e elocuções de sugestões, solicitações, ordens, comandos, advertências, oferecimentos, promessas ou ameaças;

- **reguladora** - é linguagem usada *“para controlar o comportamento dos outros – para manipular as pessoas e, com ou sem sua ajuda, os objetos no ambiente.”* (HALLIDAY apud BACHMAN, 2003, p. 98). Exemplo: formulação e declaração de regras, leis, normas de comportamento;

- **interacional**: consiste no uso da linguagem para *formar, manter ou mudar as relações interpessoais*. O ato de uso de linguagem interpessoal envolve dois níveis de mensagem: contexto e relação. Exemplo: cumprimentos, perguntas sobre saúde ou comentário sobre o tempo é interacional quanto à função. O conteúdo proposicional desse ato está subordinado à função de manter o relacionamento.

Por sua vez, **a função heurística** aplica-se ao uso da língua *para expandir o conhecimento do mundo*. Exemplo: ensino e aprendizagem (formais: escola, academia; e informais: família, individualmente); resolução de problemas (através da escrita de trabalhos acadêmicos, pois quem escreve passa por processos de invenção, organização e revisão); e memorização consciente (de fatos, palavras, fórmulas ou regras).

Finalmente, **a função imaginativa** possibilita *criar ou expandir o próprio ambiente por razões humorísticas ou estéticas*. O valor deriva da forma como a língua é usada. Exemplo: contação de piada, construção e comunicação de fantasias, criação de metáforas e outras figuras de linguagem; apresentação de peças de teatro ou filmes, leitura de trabalhos literários: romances, contos, poesia, por prazer estético.

É importante observar que as funções não se dão em estado puro. Em cada ato comunicativo podem estar presentes várias funções de linguagem, porém há sempre uma que predomina. Por exemplo, o romance de Jostein Gaarder, *O mundo de Sofia*, apresenta dominância da função imaginativa, por ser uma obra ficcional, que estimula a imaginação e proporciona prazer e entretenimento. No entanto, inseridas na história há verdadeiras lições de filosofia, o que caracteriza a função heurística (cujo objetivo é ensinar).

(BACHMAN, L. A habilidade comunicativa de linguagem. *Linguagem & Ensino*, Trad. Niura Maria Fontana, Pelotas, v.6 , n. 1, p. 77-128, jan./jun. 2003)

5 NÍVEIS DE LINGUAGEM

No uso diário da linguagem, percebemos uma gama de possibilidades. Por exemplo, podemos cumprimentar alguém com “bom-dia”, “olá”, “oi”, “e aí?”, entre outras formas. Que diferenças existem nesses cumprimentos? Enquanto “bom-dia” é formal, “olá” é semiformal, “oi” e “e aí?” são informais. Nossa escolha de uma ou outra forma depende do contexto de comunicação e de outros fatores: do grau de letramento dos interactantes e, principalmente, da relação que temos com nosso interlocutor. Ou seja, existem diferentes níveis/registros de linguagem, adequados aos contextos e ambientes discursivos e correspondentes às condições socioculturais e econômicas dos falantes/interactantes na efetivação de seus propósitos em situações concretas de comunicação.

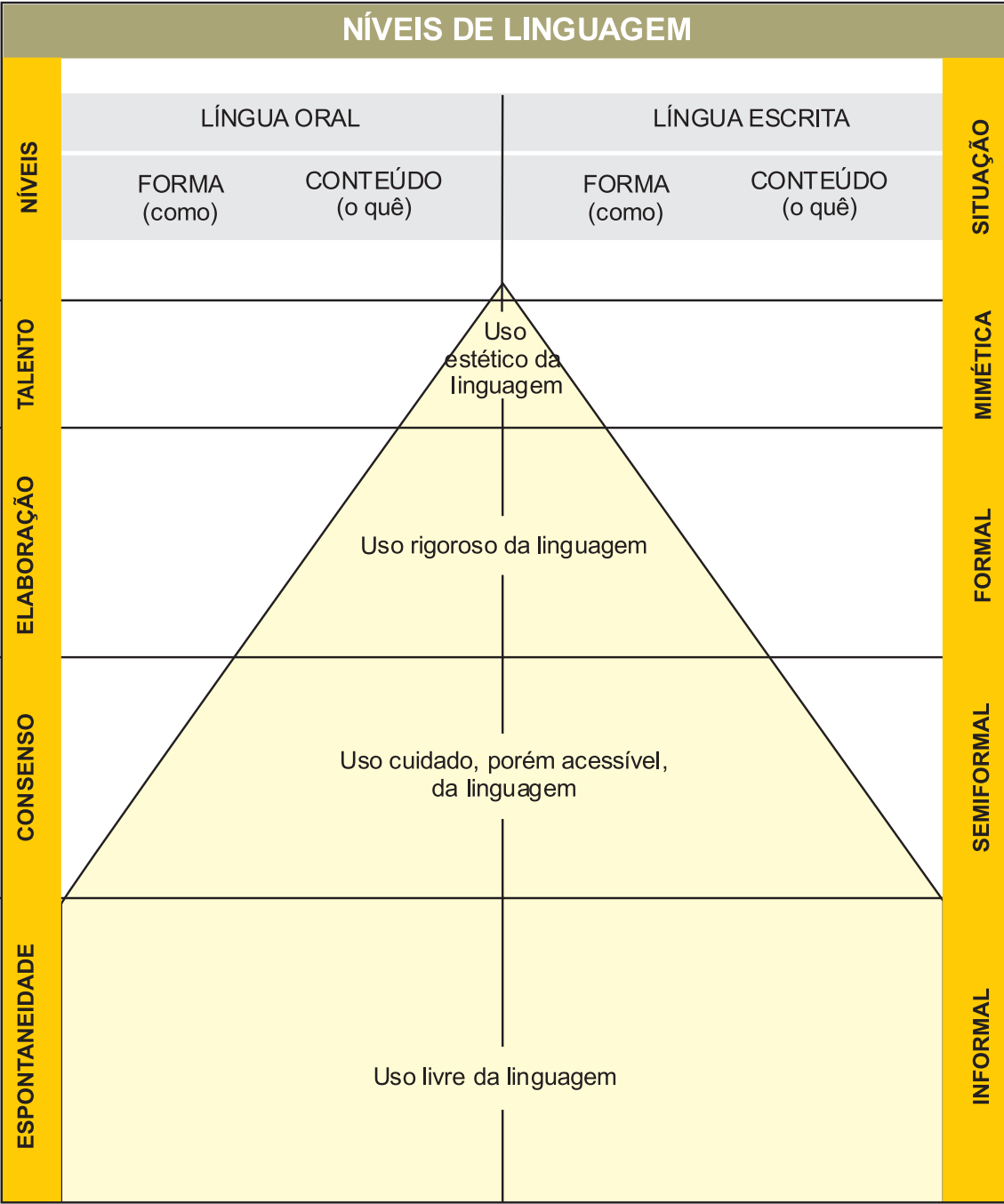
As variedades de uma língua, a exemplo da variedade do português falado numa região específica, podem se caracterizar por apresentar traços de línguas em contato (por exemplo, as interinfluências entre a fala dialetal italiana e o português na região de descendentes de italianos no Nordeste do Rio Grande do Sul) e também de variantes linguísticas próprias de falantes individuais ou dos grupos a que pertencem, associadas a fatores como gênero, idade, grau de escolaridade, etnicidade, profissão, posição social, etc.

Tratando-se dos *níveis de linguagem* (ou *níveis de fala*) ou, ainda, *registros*, como bem mostra Gleason (1978, p. 428), “a linguagem formal tende a aproximar-se mais da linguagem culta”, enquanto a linguagem informal identifica-se com um uso mais popular. Embora não se possam estabelecer limites estanques entre os níveis na maioria dos textos, é possível identificar em cada caso a predominância de um ou outro nível de uso, adequado aos diferentes gêneros discursivos.

Os níveis de fala ou de linguagem podem ser assim classificados, de acordo com as situações de uso: a situação formal (nível de elaboração), semiformal (nível de consenso), a informal (nível de espontaneidade) e a mimética (nível da criação). O diagrama que segue mostra esses níveis e situações, usados para identificar as variações no uso da linguagem.

Os níveis de linguagem, assim como são apresentados no quadro abaixo, têm na sua base, o nível da espontaneidade em que se encontram, num momento ou outro, todos os usuários da língua, desde o analfabeto até a pessoa mais letrada (graduada em estudos). A partir do nível de consenso, começam as restrições de acesso devido às dificuldades que pessoas analfabetas têm de entendimento do que dizem os textos (orais e escritos). Assim, num gradiente, vão-se restringindo as condições de acesso aos níveis mais elevados, conforme os graus: de um lado, de especificidade e de aprofundamento das questões discursivas; e de outro, de letramento dos interactantes.

É importante lembrar que as questões colocadas em qualquer nível de linguagem têm sua parcela de “verdade”. Não se pode atribuir como mais verdadeiro o discurso efetuado em enunciados de caráter científico (o nível da elaboração). Pessoas de bom senso, com baixo grau de escolaridade, podem também efetuar discurso com valor de verdade.



Fonte: Original de Neires M. S. Paviani

Os níveis e situações de comunicação estão inter-relacionados com os propósitos comunicativos da interação, preenchendo determinadas funções da linguagem e configurando-se como gêneros discursivos específicos. Vejamos:

PROPÓSITOS COMUNICATIVOS E GÊNEROS DISCURSIVOS

<i>PROPÓSITOS COMUNICATIVOS</i>	<i>FUNÇÕES DA LINGUAGEM (BACHMAN, 2003)</i>	<i>GÊNEROS DISCURSIVOS</i>
Recriar a realidade	Imaginativa	conto, romance, poema sermão, discurso anúncio publicitário
Fundamentar questões da realidade	Ideacional	ensaio, tese, dissertação, monografia, artigo conferência
Informar sobre a realidade	Ideacional	reportagem, notícia, informe manual técnico
Discutir questões polêmicas	Manipulativa	editorial artigo debate
Prescrever ações	Manipulativa (reguladora)	lei, norma regulamento regra ordem
Ensinar	Heurística	exposição didática quadro informativo prova
Falar sobre a realidade externa e interna	Manipulativa (interacional)	depoimento memória diário carta, bilhete

Fonte: Original de Neires M. S. Paviani.

Veremos a seguir como as situações e propósitos comunicativos concretizam-se por meio de recursos linguísticos.

1 NÍVEL DA ESPONTANEIDADE

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
como	o quê	como	o quê
Situações: conversa entre familiares em roda de amigos, em salas de consultórios, em viagens, manifestações, etc. (uso popular)		Situações: cartas familiares, de amor, anônimas, bilhetes, convites, panfletos, pichações, recados, tabuletas, letreiros, receitas, etc.	
- Linguagem descontraída - Forma descuidada (liberdade no uso de regras gramaticais) - Expressões pitorescas; gíria - Estilo natural, espontâneo - Linguagem mais ousada, inovadora, criativa	- Experiência humana e fatos do cotidiano - Sentimentos, emoções e problemas do dia a dia - Conhecimento que tem como base as experiências do homem - Os assuntos podem ser abordados com uma carga de preconceitos, tabus, superstições	- Linguagem mais informal - Menor policiamento quanto aos padrões gramaticais - Tratamento mais simples ou até simplório dos assuntos	- Assuntos de ordem pessoal, de interesse comercial e social em geral - Problemas trabalhistas, profissionais

Fonte: Original de Neires M. S. Paviani.

2 NÍVEL DO CONSENSO

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
como	o quê	como	o quê
Situações: Sala de aula, seminários, rádio, televisão, reuniões, painéis (uso + ou – comum)		Situações: comentários jornalísticos, aulas escritas, artigos de revistas, jornais, resenhas, reportagens, entrevistas, críticas, etc. (uso + ou – comum)	
-Falar de caráter acessível em: * exposições * comentários * debates * entrevistas * reportagens * vocabulário ainda comum -Linguagem cuidada, com alguma flexibilização de padrões gramaticais (colocação pronominal)	-Fatos do dia a dia, porém acompanhados de: * comentários * análises * críticas -Fatos e ideias tratados de uma forma acessível, embora, específicos de cada área de conhecimento ou atividade	-Palavras, expressões e sintaxe mais comuns e de compreensão geral -Vocabulário acessível ao leitor não especializado - Linguagem cuidada, com flexibilização no uso de algumas normas gramaticais	- Assuntos e problemas de ordem pessoal ou social (econômica, política, cultural, religiosa) tratados com certa profundidade

Fonte: Original de Neires M. S. Paviani.

3 NÍVEL DA ELABORAÇÃO

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
como	o quê	como	o quê
Situações: cursos, congressos, conferências, palestras, painéis, etc. (uso restrito)		Situações: monografias, dissertações, teses, conferências, ensaios, estudos, pesquisas, obras de cunho científico-filosófico, didático (uso restrito)	
-Frases mais elaboradas, reveladoras de raciocínio lógico organizado e de capacidade de abstração -Vocabulário mais preciso, mais raro, erudito - Linguagem muito cuidada, obedecendo aos padrões da norma padrão	- Conhecimentos, ideias, fatos abordados de modo mais complexo, profundo e científico, envolvendo análises críticas	- Sintaxe elaborada (coordenação e subordinação; operadores argumentativos) -Vocabulário erudito, técnica, científico -Linguagem mais trabalhada, muito cuidada, com completa adesão às normas gramaticais da variedade padrão	-Conhecimentos especializados, técnicos e científicos -Temas tratados com maior complexidade e profundidade

Fonte: Original de Neires M. S. Paviani.

4 NÍVEL DO TALENTO

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
como	o quê	como	o quê
Situações: discursos, sermões, defesa de tese. Júri (caso raro)		Situações: criações literárias, romance, teatro, poesia, etc.(uso raro)	
- Uso da retórica com o objetivo de informar, demonstrar, convencer, emocionar - Uso de recursos vocais, gestuais, figurativos na apresentação dos argumentos - competência para falar em público (oratória)	Temas complexos, resultados de pesquisas, análise rigorosas de fatos e comportamentos, questões teológicas e jurídicas	-Recursos estilísticos -Linguagem: *informal *ousada *inovadora *sintaxe própria *conotativa *plurissignificativa *figurativa	-Situação de vida -Conflitos humanos -Problemas existenciais -Emoções -Ideia

Fonte: Original de Neires M. S. Paviani.

6 ESTRATÉGIAS DE REDUÇÃO TEXTUAL

Esquema

O **esquema** é um esqueleto ou plano de um texto em palavras-chave ou tópicos, ou seja, não se constitui como um texto organizado em parágrafos. Embora permanecendo fiel ao texto original, é uma versão que omite detalhes, apresentando somente as características principais ou os princípios gerais do assunto abordado. (Adaptado de SALOMON, 1999). Os tópicos são apresentados numa certa ordem (lista, classificação hierárquica, subdivisão, rede), o que auxilia na compreensão das relações entre as diferentes facetas do assunto. Esquematizar, pois, corresponde a reduzir um texto a um pequeno conjunto de itens ou palavras-chave, permitindo a rápida apreensão das ideias centrais do texto-fonte. Por outro lado, pode, também, servir de apoio para o desenvolvimento de um texto oral ou escrito, constituindo um roteiro resumido do plano do texto.

Nem todos os textos, no entanto, se prestam para anotações em forma de esquema; uma obra literária, por exemplo, presta-se mais ao resumo e à interpretação, muitas vezes simbólica. Alguns livros didáticos, como os de Ciências Físicas ou Ciências Exatas, são frequentemente apresentados de forma quase esquemática, o que dificulta ou dispensa a elaboração de esquemas.

Propósito de comunicação:

Ao esquematizarmos um texto já elaborado, procuramos reconstruir o plano do autor. Quando se consulta um material complexo, por exemplo, a redução do texto a um esquema leva à melhor compreensão da estrutura total e da relação entre as partes.

O hábito de elaborar esquemas de textos consultados ou em processo de planificação apresenta duas vantagens: leva a uma observação mais cuidadosa daquilo que o autor está dizendo ou pretende dizer, e da maneira como o diz, e fornece, numa forma conveniente para estudo, uma compilação de seu conteúdo básico.

Tanto como recurso de redução como de expansão textual, o principal propósito do esquema é informar sucintamente.

Contexto de produção e circulação:

O esquema circula tanto em ambientes educacionais como profissionais. Pode ser produzido tanto por estudantes, com o objetivo de compreensão/planificação de um texto, como por professores, para sistematizar um tópico, resumir uma exposição, apoiar uma apresentação oral ou dar início à planificação de um texto escrito. Seu uso no meio profissional também é comum, principalmente como apoio de apresentações orais em reuniões, seminários e palestras.

Aspectos a serem observados na elaboração de esquemas:

Podemos esquematizar um texto de diversas formas: usando símbolos, palavras abreviadas, diagramas, desenhos, chaves, flechas, maiúsculas e outros recursos que contribuam para a eficiência e compreensão do esquema e da sequência de ideias nele contidas.

Para a execução de um esquema de leitura, recomenda-se obedecer aos seguintes passos:

(a) **Ler o texto todo para ter uma visão geral de seu objetivo e estrutura.** Deve-se prestar atenção especial a todos os títulos, que podem dar a chave das unidades de organização, e à abertura dos parágrafos.

(b) **Estabelecer as divisões principais e numerá-las** (com I, II, III, por exemplo). Caso o texto esteja bem-estruturado, cada uma dessas partes constituirá uma grande unidade de esquema.

(c) **Intitular cada divisão.** A seguir, deve-se testar os títulos escolhidos, verificando se desenvolvem logicamente o objetivo geral estabelecido.

(d) **Observar, depois desses passos, se os títulos propostos em (c) poder ser subdivididos.** Em caso afirmativo, subdividir cada um deles em suas partes e assinalá-las, utilizando A, B, C, etc. Se posteriores subdivisões forem necessárias, elas podem ser numeradas com 1, 2, 3, etc. No caso de um esquema por diagrama, as setas ou barras representarão essas subdivisões.

Duas convenções devem ser observadas na elaboração de um esquema:

(a) **Destacar convenientemente diferentes níveis de funções.** Tratar títulos como subtítulos, ou vice-versa, compromete a divisão lógica do material e pode levar à confusão na elaboração do trabalho final.

(b) **Usar estruturas linguísticas paralelas.** O emprego de construções gramaticais paralelas em esquemas contribui para verificar sua sequência lógica. Um esquema não deve, em princípio, ser do tipo misto, isto é, fazer uso indiscriminado de tópicos e períodos.

Observe como o esquema apresentado na coluna da esquerda obscurece o encadeamento e a clareza dos tópicos. Já a sua reestruturação na coluna da direita respeita um paralelismo, que contribui inclusive para que compreendamos melhor a sequência que ele reproduz.

ESQUEMA INADEQUADO	ESQUEMA ADEQUADO
COMO CONSEGUIR UM EMPREGO I. À procura de perspectivas A. Falando com os amigos B. Através de agências C. Procurar o contato II. Fazendo o contato III. Realizar a entrevista A. Cuidar da aparência B. Atitude adequada C. Credenciais	COMO CONSEGUIR UM EMPREGO I. Procurando perspectivas A. Falar com amigos B. Investigar em agências C. Procurar fazer contatos II. Fazendo o contato III. Realizando a entrevista A. Cuidar da aparência B. Ter atitude adequada C. Apresentar credenciais

Fonte: MORENO, C.; GUEDES, P. C. *Curso básico de redação*. São Paulo: Ática, 1979.

Exemplos de esquemas:

Apresentamos agora três formas comuns de esquematizar textos. Fica a seu critério escolher uma ou outra. Procure verificar com qual delas você se identifica e utilize-a sempre que se defrontar com um texto mais complexo, cuja compreensão pode ser facilitada com a utilização desse recurso.

Por tópicos

(o esquema acima, depois de reestruturado conforme a orientação, representa um bom exemplo)

Por períodos

- Devemos preservar o meio ambiente.
- Uma das ações é a economia de água.
- Sem água não há vida.
- Há muitas reservas naturais de água, mas elas são esgotáveis.

Por diagrama



Resumo

O que é:

Resumo é um texto derivado de outro texto, do qual mantém o conteúdo central, porém em extensão reduzida. Por isso, o resumo pressupõe também generalização ou globalização dos sentidos expressos no texto-fonte. O resumo pode ser visto, pelo menos, de dois pontos de vista: como gênero textual e como processo e produto do ato de resumir.

(1) Como gênero textual, temos, entre outros: o resumo escolar/acadêmico (uma condensação de ideias, noções, conceitos ou informações, visando à compreensão e retenção de conteúdos estudados), o *abstract* (o resumo de um artigo científico, de uma comunicação oral em congresso, de um relatório formal, de monografias, teses e dissertações) e o resumo jornalístico (notícias e informações condensadas veiculadas pela imprensa escrita e eletrônica). Por outro lado, trechos de textos contendo resumos geralmente integram vários gêneros textuais, como resenhas, textos didáticos, reportagens, artigos, ensaios, relatórios e atas, para citar alguns.

(2) Enquanto processo e produto do ato de resumir, o resumo é visto como uma atividade que pressupõe várias habilidades. Uma condição para a produção dos resumos, em suas várias formas, é a habilidade psicolinguística de resumir, ou seja, a partir da compreensão de um texto-fonte, produzir um texto condensado. Nesse caso, podemos pensar em métodos ou estratégias para resumir e também nos mecanismos de linguagem empregados na criação de um texto coeso e coerente.

Quando se pretende desenvolver essa habilidade, é importante compreender que **resumir** não é apenas **condensar**; é **reorganizar** o conteúdo do texto dado, preservando o sentido essencial. Portanto, não basta apagar certas partes do texto e copiar outras: é preciso **recriar** o texto, focalizando o **conteúdo central**.

Propósito de comunicação:

O principal propósito é o de reduzir as informações/ideias contidas num texto, levando em conta o receptor. Por essa razão, o mesmo texto pode resultar em diferentes resumos. Assim, resumir um artigo para apresentar um trabalho em sala de aula para os colegas é bem diferente de resumir para publicar no jornal do curso ou, ainda, para informar um público leigo e com baixo grau de instrução.

Contexto de produção e circulação

Resumos de várias espécies circulam nas instituições educacionais de todos os níveis, em especial no meio acadêmico, na imprensa, na *internet* e em setores profissionais.

Fornecemos abaixo, após o texto original, um exemplo de resumo e, para que você tenha mais clareza sobre a diferenciação, transformamos o resumo numa resenha crítica. Observe como esses dois textos se diferenciam.

Artigo / Meio ambiente

Resíduos da política

SUZANA MARIA DE CONTO*

A geração de resíduos sólidos em qualquer campanha política é inevitável. Diferentes materiais são utilizados para divulgar as propostas de governo, destacando-se papel, madeira, plástico e têxteis.

Nesse sentido, é importante formular questões para compreendermos a importância de planejar o destino dos produtos pós-consumo: qual é a quantidade de resíduos gerada após uma campanha política? Os resíduos gerados são passíveis de reciclabilidade? Os materiais utilizados na divulgação são oriundos de

processo que adotam tecnologia mais limpa? Como os diferentes partidos planejam a contabilidade ambiental de suas campanhas? Existe uma política adequada de resíduos sólidos nas eleições?

A política de resíduos sólidos de campanhas eleitorais consiste na articulação de diferentes etapas (da origem ao destino final) de todos os materiais utilizados nessas campanhas: concepção, produção, uso, descarte, transporte, reaproveitamento, tratamento e disposição final.

Todas essas etapas precisam ser contabilizadas ainda no planejamento das campanhas, no sentido de garantir a legitimidade da política de resíduos sólidos.

É importante e necessário entender que a responsabilidade pelos resíduos é da fonte geradora, ou seja, dos políticos envolvidos na

Assim, é necessário um esforço sistêmico e integrado de todos os agentes políticos envolvidos. Resíduos da política ou política dos resíduos? Ambas as expressões devem ser analisadas de forma integrada, uma vez que é importante estabelecer uma política de resíduos sólidos para os resíduos gerados durante o período eleitoral.

* Professora do Departamento de Engenharia Química e Instituto de Saneamento Ambiental da UCS

Como os diferentes partidos planejam a contabilidade ambiental de suas campanhas?

Resumo:

As campanhas políticas geram problemas com os resíduos sólidos que acumulam, mas a solução estaria no planejamento do destino desses resíduos a partir de uma política adequada. Esse processo envolveria a articulação de várias etapas, desde a origem dos resíduos até o seu destino, o que deveria ser pensado desde a fase de planejamento das campanhas, pois a responsabilidade é dos políticos, que são a fonte geradora desses resíduos.

Resenha crítica:

Segundo De Conto (2004), é inevitável que as campanhas políticas gerem problemas relativos aos resíduos sólidos que acumulam. A solução apontada, no entanto, *seria simples*, pois se concentraria no planejamento do destino desses resíduos com base numa política adequada. Esse processo envolveria, *conforme a autora*, a articulação de várias etapas, desde a origem dos resíduos até o seu destino, o que deveria ser pensado desde a fase de planejamento das campanhas, pois a responsabilidade é dos políticos, que são a fonte geradora desses resíduos. O tema *abordado por De Conto* é oportuno e ajuda o leitor a avaliar o seu candidato não só pelo discurso, mas também pelas ações em prol do meio ambiente.

Regras para resumir

Para facilitar a construção do resumo, são conhecidas algumas estratégias para resumir (DAY apud FONTANA, 1995), que você pode utilizar. São elas:

- 1ª - *Omita tudo o que for repetição (palavras, orações, períodos, ideias...).*
- 2ª - *Omita tudo o que não for importante ou indispensável para a compreensão do tema central (detalhes, exemplos, explicações adicionais...).*
- 3ª - *Reduza as listas, substituindo-as por um termo geral que abranja todos os itens.*
- 4ª - *Use o tópico frasal de cada parágrafo, se houver um.*
- 5ª - *Crie um tópico frasal, se não houver um, a partir de leitura cuidadosa do parágrafo.*

Na textualização de um resumo são essenciais cuidados como: respeitar o tópico central e articular o desenvolvimento do tema de modo a compor uma unidade, parafrasear ideias e informações, estruturar de forma adequada parágrafos e frases, usando os conectores e os referenciadores cabíveis, entre outras estratégias textuais. É muito importante também proceder a uma revisão e fazer todas as adequações linguísticas exigidas num bom texto (ortografia, pontuação, etc.). Nesse sentido, pode-se pensar em **passos para elaborar o resumo** (adaptados de FIORIN; SAVIOLI, 1991; FLÓRES, OLÍMPIO; CANCELIER, 1994), assim descritos:

- 1º) *primeira leitura para identificar o plano geral do texto e seu desenvolvimento/ obter uma visão de conjunto;*
- 2º) *segunda leitura para identificar o tema e o propósito do texto;*
- 3º) *terceira leitura para identificar as partes principais/ segmentar o texto em unidades de sentido;*
- 4º) *quarta leitura para compreender as partes e anotar as palavras-chave; visa também à análise de estruturas frasais complexas, de conectores e de itens lexicais desconhecidos; aqui você pode elaborar um esquema do texto-fonte;*
- 5º) *redação do resumo, a partir da ideia central de cada fragmento, encadeando-os e relacionando-os na ordem em que são apresentados no texto original e com base no esquema;*
- 6º) *comparação do resumo com o texto original e com o esquema, procedendo à revisão e aperfeiçoamentos, se necessário.*

Para chegar à construção de um bom resumo, é aconselhável ainda observar alguns requisitos:

a) não há necessidade de se fazer um parágrafo introdutório. Você pode numa primeira frase já iniciar a apresentação das ideias do original;

b) você deve seguir a ordem original de apresentação das informações contidas no texto-fonte;

c) não inclua no resumo a sua opinião acerca do que é abordado, apenas mencione, se for o caso, opiniões contidas no original e consideradas importantes na seleção de informações. Você não deve tampouco incluir em seu resumo suas apreciações sobre o texto-fonte ou sobre quaisquer outros aspectos. Para isso existe a resenha crítica, que também se presta à redução de informação, mas que admite a inserção de opiniões do resenhador;

d) redija o resumo de forma que pareça que você mesmo elaborou o original, ou seja, não inclua nele verbos de dizer (o autor *afirmou*, *disse*...) nem expressões que façam remissão ao autor do texto-fonte ou ao próprio texto (*segundo o autor*, *conforme o texto*...).

Fontes de consulta:

BROWN, A. L.; DAY, J. D. Macrorules for summarizing texts: the development of expertise. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 22. p. 1-14, 1983.

CARNEIRO, A. D. *Redação em construção: a escritura do texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

DAY, J. D. *Teaching summarization skills: a comparison of training methods*. PhD Thesis, Urbana: University of Illinois, 1980.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1991.

FLÔRES, L. L.; OLÍMPIO, L. M. N.; CANCELIER, N. L. *Redação: o texto técnico/científico e o texto literário*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

FONTANA, N. M. *Estratégias eficazes para resumir*. *Chronos*, v. 28, n. 1, p. 84-98, 1995.

GARCEZ, L. H. do C. *Técnicas de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2001.

MACHADO, A. R. (Coord.); LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia: elementos de metodologia de trabalho científico*. 6. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1999.

van DIJK, T. A.; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

7 MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL: REFERENCIAÇÃO E SEQUENCIAÇÃO

Quando lemos ou escrevemos, devemos considerar o contexto em que está inserido o texto, o que é indispensável no processo de estabelecimento das significações. Nesse sentido, são mobilizadas instâncias cognitivas, discursivas, afetivas, sociológicas e culturais. Os pressupostos fornecidos pelo contexto extraverbal, por exemplo, podem condicionar certas significações, facilitando a compreensão do texto na leitura ou orientando a produção.

Da mesma forma é importante dar o máximo de atenção ao que está escrito. Não podemos, por exemplo, tomar isoladamente as palavras ou as frases que compõem o todo textual, mas devemos buscar a relação dessas unidades com o restante do texto. É nas inter-relações de vários fatores de coesão e coerência que a trama do texto se constrói.

Diferentes processos cooperam para a construção dos sentidos do texto, e entre eles destacam-se dois: a **referenciação** e a **sequenciação**. Funcionam como articuladores as conjunções, as preposições, os advérbios e outras palavras ou expressões que promovam a ligação entre si das ideias denotadas num texto, marcando os diferentes tipos de relações entre as frases no processo de sequenciação textual.

Referenciação

Um processo sempre presente nas atividades de leitura é a referenciação. Através dele podemos fazer remissão (a) a algo que está na situação comunicativa, ou seja, fora do texto ou (b) a um referente que se encontra no próprio texto.

Para Koch (1991, p. 30), pela referenciação, “um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (KOCH, 1991, p. 30). Segundo a autora, “são elementos de referência os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação.” (KOCH, 1991, p. 20). A referência pode ser do tipo *situacional* (quando a informação referida encontra-se fora do texto) ou *textual* (quando a informação referida está no próprio texto). Os recursos linguísticos que cooperam nesse processo são os pronomes, os advérbios, os substantivos, os artigos.

Alguns recursos de referenciação

<i>tipo de relação</i>	<i>recursos</i>	<i>exemplo</i>
Reiteração, remissão ou retomada	Definitivização: Alguns grupos nominais podem fazer uso do artigo definido para fazer remissão a informação anterior.	<i>Um</i> homem vinha caminhando pela estrada. <i>O</i> homem, sentindo-se cansado, parou à sombra de uma árvore.
	Pronominalização: Pode-se fazer uso de pronomes para retomar uma ideia anterior.	O remédio que tomei ontem me fez mal. <i>Ele</i> provocou dores estomacais intensas.
	Elipse: Às vezes omitimos da superfície textual algumas informações recuperáveis no contexto precedente.	As nuvens negras aproximavam-se com uma rapidez assustadora, Ø invadiam a praia ameaçadoramente e Ø pareciam levar consigo toda a tranquilidade que até então reinava no lugar.
	Nominalização: Alguns nomes podem remeter a verbos utilizados no contexto anterior.	Podemos apagar algumas palavras do texto. Esse <i>apagamento</i> , no entanto, não deverá trazer prejuízo ao sentido que se quer construir.
	Sinonímia: Utilização de um termo que seja sinônimo de outro já utilizado.	Ao longe conseguíamos avistar um edifício imenso. O <i>prédio</i> parecia se projetar ao encontro das nuvens mais altas do lugar.
	Hiperonímia: Os hiperônimos indicam a classe a que pertence um nome ou uma proposição já mencionados.	Os restaurantes deverão ser fechados. Tais <i>lugares</i> não estão apresentando condições adequadas de higiene.
	Nomes genéricos: Podemos usar substantivos para retomar de forma genérica uma informação anterior.	Os tornados são mais comuns no hemisfério norte, mas esse <i>fenômeno</i> (essa <i>coisa</i> , esse <i>fato</i>) está começando a ocorrer também no Brasil.
	Dêiticos adverbiais: São expressões adverbiais que indicam, retomando, dados anteriormente mencionados ou integrantes do contexto.	Minha casa é muito aconchegante. <i>Lá</i> reúno meus amigos em torno da lareira para ouvir boa música.

(Adaptado de ANTUNES, I. *Lutar com palavras*. São Paulo: Parábola, 2005)

Sequenciação

A sequenciação “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto [...] diversos tipos de relações” à medida que se lê (KOCH, 1991, p. 49). São elementos linguísticos que contribuem para o estabelecimento da sequenciação:

- **verbos** nos tempos do mundo comentado (*presente do indicativo, pretérito perfeito, futuro do presente*) e do mundo narrado (*pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito*)
- **articuladores/** conectores tais como: *se, e, quando, ainda que, pois* (explicativo), *ou, isto é, em resumo, ou melhor*
- **advérbios** ou expressões adverbiais sequenciadoras: *em primeiro lugar, depois, em seguida, por fim*

Articuladores

Os articuladores constituem os recursos linguísticos utilizados nas frases, parágrafos e blocos de texto, cujo papel é estruturar enunciados em textos, estabelecendo relações lógicas entre eles. É importante conhecer as ideias ligadas pelos articuladores, pois a identificação das relações lógicas por eles expressa auxilia na construção dos sentidos dos textos orais e escritos, sendo recursos linguísticos que poderão qualificar nossa própria produção verbal.

Funcionam como articuladores as conjunções, as preposições, os advérbios e outras palavras ou expressões que promovam a ligação entre si das ideias denotadas num texto, marcando os diferentes tipos de relações de sentido entre as frases no processo de sequenciação textual.

Vejamos, no quadro a seguir, as relações mais comuns expressas pelos articuladores e alguns articuladores que as realizam, de acordo com Antunes (2005), acrescidos de exemplos:

<i>tipo de relação</i>	<i>articuladores</i>	<i>exemplo</i>
causalidade	<i>porque, uma vez que, visto que, já que, dado que, como, devido a</i>	Várias áreas ficaram alagadas <i>devido</i> às pesadas chuvas da noite passada.
condicionalidade	<i>se, caso, desde que, contanto que, sem que, salvo se, exceto se</i>	Se o aluno não sabe ler, a escrita também não se desenvolve.
temporalidade	<i>quando, enquanto, apenas, mal, antes que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, desde que, todas as vezes que, cada vez que</i>	<i>Enquanto</i> uns trabalham para superar dificuldades, outros contribuem para aumentá-las.
finalidade	<i>para, para que, a fim de (que)</i>	Foi marcada uma reunião <i>para</i> resolver o impasse.
alternância	<i>ou</i>	Estava indeciso entre fazer um tratamento dentário <i>ou</i> dar entrada para um carro novo.
conformidade	<i>conforme, segundo, consoante, como</i>	Segundo o Comitê Olímpico Internacional, houve poucos casos de <i>doping</i> nos últimos jogos.
complementação	<i>que, se, como</i>	As jovens dançaram lindamente, como borboletas na primavera.
adição	<i>e, também, além de, ainda, não só (...) mas também, nem</i>	Aprender matemática e línguas estrangeiras, <i>além de</i> jogar xadrez e fazer palavras cruzadas são atividades que exercitam o cérebro.
oposição ou contraste	<i>mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, embora, apesar de, se bem que, ainda que, por um lado (...) por outro lado</i>	<i>Embora</i> magníficos, os Jogos Olímpicos de Pequim foram altamente competitivos, diminuindo as chances dos países menos desenvolvidos.
justificação ou explicação	<i>pois, porque, isto é, quer dizer, ou seja</i>	O importante não é vencer; é participar do jogo, pois a vitória é efêmera.
conclusão	<i>portanto, logo, assim, por isso, assim sendo, pois, então, por conseguinte</i>	A vida é cheia de desafios, <i>por isso</i> é bom enfrentar as dificuldades com determinação.
comparação	<i>mais (...) do que, menos (...) do que, tanto/tão (...) quanto, assim como</i>	<i>Tanto quanto</i> exercitar os músculos, precisamos exercitar a mente.

Fontes de consulta:

ABREU, A. S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1991.
 ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
 GIERING, M. E. et al. *Análise e produção de textos*. São Leopoldo: Unisinos, s/d.
 GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios, 182).
 KOCH, I. V. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Paráfrase

O que é:

Paráfrase é um dizer de outro modo ou com outras palavras a ideia de um texto, mantendo o mesmo sentido. É um texto derivado que se mantém fiel ao que é dito no texto fonte.

Outras definições:

“A paráfrase é uma operação metalinguística que consiste em produzir, no interior do mesmo discurso, uma unidade que seja semanticamente equivalente a uma outra unidade produzida anteriormente.” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 325).

Parafraseando a definição, paráfrase significa expressar ideias de alguém com as nossas palavras, mantendo fidelidade ao sentido do texto original.

Características:

A paráfrase é uma atividade “natural”, caracterizada por uma organização textual que visa a obter, numa perspectiva semântica, um resultado de sentido análogo ao do texto-fonte. Por exemplo, na produção de novos conhecimentos, quando se quer fazer uma citação indireta de um texto, a paráfrase é um recurso metalinguístico que auxilia o autor na manutenção de sentido das ideias do texto que está sendo citado.

Onde circula:

Predominantemente, em meio escolar ou acadêmico, onde ocorre produção de texto e, de um modo geral, no cotidiano, quando as pessoas tentam reproduzir, da forma mais fiel possível, uma fala ou um texto de outrem (resumo, revisão de bibliografia em trabalho científico, notícia, reportagem, fato relatado, história, lenda contada por alguém, etc.).

Funções da paráfrase:

- “traduzir” um texto complexo em linguagem mais acessível;
- socializar conhecimento;
- auxiliar a recuperação pedagógica;
- reforçar o componente interpretativo do ato de ler;
- produzir novos conhecimentos.

Tipos de paráfrase:

- paráfrase frasal (modifica uma frase);
- paráfrase textual (modifica blocos de texto).

Técnicas de paráfrase:

Ao parafrasear, realizamos várias alterações no texto, entre as quais **transformações lexicais** (substituição de palavras por sinônimos) e **transformações sintáticas** (inversão de ordem dos constituintes, troca da voz ativa para a passiva e vice-versa, permuta entre comparações de igualdade, inferioridade e superioridade, substituição de verbo por substantivo derivado e vice-versa, troca de conectores). No entanto, é preciso ter cuidado ao realizar essas operações, pois elas poderão acarretar mudança de sentido no enunciado resultante.

Fontes de consulta:

CORREA, V. L. *Língua portuguesa: da oralidade à escrita*. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2006.
GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979.

Paralelismo

O que é

Paralelismo é uma convenção de linguagem comum na modalidade escrita, mas presente também em situações mais formais de oralidade, em que se apresentam ideias similares numa forma gramatical equivalente, tornando a frase mais clara, ao apresentar, num mesmo patamar de estratificação sintática, os elementos de uma mesma categoria (**verbo** paralelo com outro **verbo**; **locução nominal** paralela com outra **locução nominal**; uma oração **reduzida de infinitivo** com outra **reduzida de infinitivo**, e assim por diante). (MORENO; GUEDES, 1979, p. 74). Em outros termos, o paralelismo consiste num processo de encadeamento de expressões com valores morfossintáticos idênticos. Para que isso ocorra, os segmentos da frase, coordenados entre si, precisam apresentar a mesma estrutura gramatical.

Exemplos:

1.
 - a) Não saí de casa **por estar** chovendo e **por ser** ponto facultativo.
 - b) Não saí de casa **porque estava** chovendo e **(porque) era** ponto facultativo.
2.
 - a) É necessário **chegares** a tempo e **trazeres** ainda a encomenda.
 - b) É necessário **que chegues** a tempo e **(que) tragas** ainda a encomenda.
3.
 - a) João gosta **de ler** poemas, **de escrever** contos e **de assistir** a concertos.
 - b) Os professores passaram o mês **estudando** os PCNs e **fazendo** reformulações curriculares.
 - c) A humanidade está preocupada **com o** efeito estufa e **com a** escassez de água.
4.
 - a) **Não só** os irracionais agem por instinto, **mas também** os homens o fazem, e com frequência.
 - b) **Não só** chegou atrasado **como também** perturbou a reunião de condomínio.
(Neste mesmo processo, o **mas** pode ser substituído por ponto-e-vírgula [;].)
5. Em caso de enumeração de itens:
Ao ser assaltado, observe as seguintes dicas:
 - a) **não reaja** com movimentos bruscos;
 - b) **pense** antes de tomar qualquer atitude;
 - c) **procure** fazer o que for solicitado;
 - d) **tente** conversar com calma.
Caso fores assaltado, procura:
 - a) **não reagir** com movimentos bruscos;
 - b) **pensar** bem antes de tomar qualquer atitude;
 - c) **corresponder** ao que for solicitado;
 - d) **conversar** com calma.

Fonte de consulta:

MORENO, C.; GUEDES, P. C. *Curso básico de redação*. São Paulo: Ática, 1979.

Metáfora

O que é:

Pode-se dizer que a metáfora é uma comparação implícita, pela qual se toma um elemento (A) por (B), devido a algum traço característico em comum, embora na realidade isso não seja verdadeiro. (GARCIA, 1997). Por exemplo, dizer que uma atriz tem “olhos de esmeralda” não corresponde a um fato empírico real. O que se quer dizer é que ela tem olhos semelhantes a uma esmeralda (em termos de cor e brilho).

Características:

Um texto que usa o recurso da metáfora caracteriza-se por apresentar um discurso figurativo, pressupondo a existência de paradigmas de substituição criadoras de sentidos semelhantes, ou seja, que possuem uma base semântica comum. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 274).

Classificação:

Há dois tipos de metáfora, segundo Garcia (1997):

1) Metáfora “in praesentia” (=presença), ocorre quando o termo comparado, “elemento A”, e o termo comparante, “elemento B”, estão presentes.

Exemplo: (A) “olhos” (B) “de esmeralda”.

2) Metáfora “in absentia” (=ausência)/(metáfora “pura”), diz-se assim, quando o termo comparado, “elemento A”, está ausente e o termo comparante, “elemento B”, está presente.

Exemplo: (A)___ (B) “duas esmeraldas cintilam na face”.

Fontes de consulta:

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979.

Verbos de citação e expressões de conformidade

Quando queremos introduzir a voz de alguém em nosso texto, usamos uma categoria de verbos ou de expressões de conformidade que indicam a fala de um autor, ou qualificam, interpretam ou mesmo descrevem o que esse autor supostamente quis dizer.

Verbos de citação ou de dizer

Os chamados **verbos de citação** ou de elocução, que compreendem os verbos de dizer propriamente ditos e os verbos que instrumentalizam ou circunstanciam o que é dito (NEVES, 2000), são os introdutores do discurso do outro. Caracterizam-se por apresentar outras vozes ou diferentes vozes sobre determinada questão, além daquela do autor que as cita, fazendo menção a elas em forma de citação direta (cópia literal do fragmento, colocando as aspas), indireta (fazendo paráfrase) ou, ainda, citação de citação (usando apud).

Podem ser simples verbos de dizer: *dizer, falar, explicar, avisar, completar, repetir, responder, informar*, entre outros. Ou podem ser verbos que implicam o modo como as

ações de linguagem são realizadas: *ameaçar, garantir, rir, chorar, espantar-se, zombar, provocar, desafiar*, etc.

Os verbos de citação, enquanto marcas linguísticas da introdução de outras vozes no texto, são empregados sempre que há a necessidade de citar a voz do outro para fundamentar, sistematizar as ideias de um texto à luz de uma teoria ou de um quadro teórico, o que se faz consultando-se obras de diferentes fontes (bibliográfica, eletrônica e multimeios) que dão conta do conhecimento produzido sobre a questão, objeto de estudo. É particularmente comum no texto de reportagens, artigos jornalísticos e trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações, teses, ensaios, artigos científicos, resenhas, relatórios e outros). Vejamos um exemplo:

A nanotecnologia, *explica* didaticamente Leonardo Boff, “produz elementos e coisas não presentes na natureza a partir do mais pequeno, como átomos e células, que são colocados em lugares desejados”.
(A INVASÃO dos nanos e suas consequências, 2008, p.10)

Os **verbos de citação**, na perspectiva de Motta-Roth e Hendges (2001, p. 62-65), podem ser assim classificados:

De relato de métodos ou procedimentos	De resultado	De investigação
Categorizar Conduzir Examinar Comparar Estudar Analisar	Encontrar Observar Obter	Demonstrar Sistematizar Analisar
De atividade cognitiva	De efeito	De incerteza (pré-experimento)
Acreditar Pensar Focalizar Interpretar Observar	Mostrar Estabelecer Levantar a questão Chamar a atenção	Estimar Hipotetizar Predizer Propor
De incerteza (pós-experimento)	De certeza	De processos verbais (pré-experimentais)
Sugerir Indicar	Citar Concluir Afirmar Declarar Sustentar	Indicar Denominar Afirmar Citar evidências

(Adaptado de MOTTA-ROTH; HENDGES, 2001, p. 62-65)

Expressões de conformidade

Podemos usar, no lugar de verbos de citação, as **expressões de conformidade**, dentre as quais as mais comuns são:

Conforme Fulano,
De acordo com Sicrano,
Segundo Tal,
Para Beltrano,
Na perspectiva do autor,

A questão da apropriação da ideia do outro

A apropriação de conhecimentos contidos em textos consultados é possível e legal desde que as fontes dessas ideias sejam devidamente registradas, observando-se as normas da ABNT, (a) quando, por meio de citações, faz-se menção a elas no corpo do texto que está sendo construído (NBR 10520); (b) ao incluir as referências completas das fontes dessas citações no final do texto ou em notas de rodapé (NBR 6023).

Fontes de consulta:

A INVASÃO dos nanos e suas consequências. *Presença*, Caxias do Sul, p. 10, 2008.

MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Redação acadêmica*: princípios básicos. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária, 2001.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

8 MECANISMOS GRAMATICAIS

Uso da crase

A crase indica a fusão de dois “as” - da preposição “a” com o artigo “a” ou com um dos pronomes demonstrativos “aquele”, “aquela”, “aquilo”.

Quando ocorre a crase:

a) Nas situações em que aparecer a preposição “a” (exigida por um verbo, um substantivo, um adjetivo, enfim uma palavra que requeira essa preposição) mais o artigo “a” (nesse caso, então a palavra deve ser feminina, pois, sendo masculina, o artigo utilizado seria “o”).

Resistiu à tentação de comer o doce.

A oposição à reforma ortográfica está atrasando o processo.

b) Quando a preposição “a” fundir-se com um demonstrativo.

Dirija-se àquele balcão e pegue os documentos.

Casos específicos:

a) Nas indicações de horas determinadas.

Chegarei às 18 horas.

b) Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas.

Às pressas, à espera de, à medida que, à moda de, ...

c) Nas locuções indicadoras de meio ou instrumento para evitar ambiguidade.

À bala, à faca, à mão, à máquina, à tinta, à venda, à vista

e) Antes dos pronomes relativos **que, qual e quais**, quando o **a** ou o **as** forem substituíveis por **ao** ou **aos**.

Esta é a meta à qual no referimos. (Este é o objetivo ao qual nos referimos)

Situações em que **não** ocorre a crase:

a) Antes de palavra masculina.

Falamos a Roberto toda a verdade.

b) Antes de nome de cidade.

Iremos a Porto Alegre.

c) Antes de verbos.

Começamos a falar.

Não somos obrigados a dizer.

d) Em expressões com substantivos repetidos.

Cara a cara, boca a boca, frente a frente,...

e) Diante dos pronomes **ela, esta, essa**.

Dirigiu o olhar a ela.

Não faremos distinção alguma a essa pessoa.

f) Diante de pronomes e artigos indefinidos.

Não obedeci a ninguém.

A toda hora ele vem me procurar.

Disse ter ido a uma localidade desconhecida.

g) Diante de pronomes de tratamento.

Confio a você estes documentos.

Enviaremos a Vossa Senhoria os anexos.

h) Diante de palavra feminina tomada num sentido genérico ou de expressões genéricas.

Não daremos ouvidos a reclamações infundadas.

Devemos fazer uma visita a cinco empresas.

Casos facultativos

a) Antes do pronome possessivo.

Leve a encomenda a minha casa.

Leve a encomenda à minha casa.

b) Antes de nomes próprios femininos.

Comuniquei a Joana minha decisão.

Comuniquei à Joana minha decisão.

c) Com a preposição “até”.

Caminhou até a rua e entrou no carro.

Caminhou até à rua e entrou no carro.

Uso da vírgula

A pontuação confere à frase escrita efeitos de sentido, além da expressividade que a linguagem oral obtém através da entoação. Dessa forma, ela funciona tanto como recurso semântico quanto estilístico, imprimindo clareza ao pensamento, enfatizando ideias e propósitos e sugerindo sentidos e interpretações.

A vírgula representa um sinal que marca uma pausa breve entre os termos da oração ou entre as orações de um mesmo período. Essa marca de pausa pode conduzir a sentidos diferentes, por isso a importância de seu uso adequado. Vejamos alguns exemplos de emprego da vírgula.

- a) João, Luís e Mário são amigos.
- b) João Luís e Mário são amigos.

Na frase (a), usa-se a vírgula para separar uma sequência composta de três elementos, indicando que os amigos são três. Já na frase (b), constata-se, pela ausência da vírgula, que os elementos são dois.

Nos exemplos a seguir, as implicações são ainda maiores:

- a) O professor foi ontem camarada.
- b) O professor foi, ontem, camarada.
- c) O professor foi ontem, camarada.

Quanto ao sentido, as frases (a) e (b) são equivalentes. No entanto, existem diferenças entre elas. Em (a), *foi* é verbo de ligação, *camarada* é adjetivo, com a função de predicativo do sujeito, e *ontem* é advérbio, na função de adjunto adverbial. Nesse caso, embora deslocado, o adjunto não recebe a ênfase extra que poderia ser conferida pelo uso das vírgulas. Já na letra (b), em função das vírgulas, o advérbio é enfatizado.

Em se tratando de (c), ocorrem mudanças formais e de sentido: *foi* representa verbo intransitivo, *ontem* permanece como advérbio e adjunto adverbial, enquanto *camarada*, pela presença da vírgula, muda de classe gramatical (passando a ser substantivo) e de função sintática (configurando-se como vocativo). Paralelamente a essas alterações formais, o sentido também muda. Em (a) e (b), *camarada* representa uma característica de *professor*, enquanto em (c), representa o interlocutor a quem se informa que o professor partiu e quando o fez.

Sendo assim, por uma questão de lógica na construção de sentidos, torna-se necessário empregar a vírgula adequadamente nos textos. Um dos critérios orientadores para o uso desse sinal de pontuação e a consequente compreensão das frases é o sintático. A seguir, apresentamos as principais regras para o uso da vírgula, cuja finalidade é separar elementos de uma oração simples ou orações de um período composto.

Oração simples:

Na oração simples, deve-se observar a ordem em que aparecem os constituintes sintáticos. Nesse sentido temos uma ordenação direta dos constituintes (sujeito + verbo + complemento verbal + adjunto adverbial) ou indireta (em que esses constituintes, principalmente o adjunto adverbial, ocupam posições diversas na construção oracional).

• Não se separam por vírgula os elementos da oração quando se apresentarem na ordem direta.

Ex.: *A árvore balança seus galhos por causa do forte vento.*

A árvore sujeito	balança verbo	seus galhos objeto direto	por causa do forte vento adjunto adverbial
----------------------------	-------------------------	-------------------------------------	------------------------------------------------------

• Quando o adjunto adverbial estiver deslocado (no início da oração ou no meio dela), costuma-se separá-lo do restante por vírgula, principalmente se for de grande extensão (constituído de quatro palavras ou mais).

Ex.:

Por causa do forte vento, a árvore balança seus galhos.

A árvore, *por causa do forte vento*, balança seus galhos.

c) Usa-se vírgula para separar o aposto (ou um termo de valor explicativo, como *ou seja*) e o vocativo do restante da estrutura.

Ex.:

O professor, *homem inteligente e precavido*, partiu ontem bem cedo. (aposto)

O professor partiu ontem bem cedo, *ou seja*, já não se encontra aqui.

O professor viajou ontem, *camarada*. (vocativo)

Período composto:

• No caso de períodos compostos, pode-se usar a vírgula para separar as orações que os constituem, sendo que ela deve ser colocada sempre antes da conjunção.

Ex.:

O diretor entrou no recinto, *quando o palestrante já havia encerrado sua fala*.

O diretor entrou no recinto, *mas o palestrante já havia encerrado sua fala*.

• Pode ocorrer que as orações do período composto não estejam acompanhadas de conjunção. Nessa situação, a vírgula deve ser usada como recurso de separação entre elas.

Ex.:

Entrou no recinto, sentou na cadeira, ouviu a fala do palestrante.

Avançando pela pista, o piloto não enxergou um torcedor escorado na mureta de proteção.

• Também falamos em deslocamento no período composto. Então, se a oração que contém a conjunção ou que representar uma oração reduzida (de infinitivo, gerúndio ou particípio) estiver no início do período ou intercalada, deverá ser separada do restante por vírgula.

Ex.:

Quando o diretor entrou no recinto, o palestrante já havia encerrado sua fala.

O palestrante, *quando o diretor entrou no recinto*, já havia encerrado sua fala.

• Há orações que, constituídas de verbos no infinitivo, no gerúndio ou no particípio (sem a presença de conjunção), principalmente quando deslocadas, devem ser separadas por vírgula.

Ex.:

- *Feito o trabalho*, os alunos dirigiram-se à biblioteca.
- Os alunos, *encontrando o professor no corredor*, entregaram-lhe os trabalhos.
- *Ao entrar na sala*, o professor percebeu que algo estava errado.

• A vírgula também é usada para separar orações adjetivas não restritivas (que, em linhas gerais, funcionam como explicações a termos que as antecedem).

Ex.:

– Caxias do Sul, *que se localiza no nordeste gaúcho*, realiza a cada dois anos a Festa Nacional da Uva.

Fontes de consulta:

CARNEIRO, A. D. *Redação em construção: a escritura do texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.
GARCEZ, L. H. do C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2001.
ZANOTTO, N. *Português para uso profissional: facilitando a escrita*. Caxias do Sul: Educs, 2002.

Emprego dos tempos e modos verbais

Tempos e modos verbais

Além de expressarem ações/atividades, processos ou estados, os verbos têm outras propriedades, relacionadas aos tempos e modos em que se estruturam. Os três tempos naturais são o *presente*, o *pretérito* (passado) e o *futuro*, cada um dos quais designando o momento em que ocorre o fato expresso pelo verbo (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 381). Vejamos exemplos dessas relações:

<i>tempo verbal</i>	<i>momento da ocorrência do fato</i>	<i>exemplo</i>
presente	no momento em que se fala	O que acontece aqui é digno de aplauso.
pretérito	antes do momento em que se fala	Quando tudo aconteceu já era noite.
futuro	após o momento em que se fala	O que acontecerá daqui em diante é previsível.

Os modos verbais, por sua vez, exprimem atitudes do locutor em relação ao que diz/ escreve: certeza, dúvida, ordem/comando, etc. Vejamos alguns exemplos:

<i>modo verbal</i>	<i>atitude</i>	<i>exemplo</i>
indicativo	certeza, convicção (menos o futuro do pretérito, que indica incerteza, probabilidade ou polidez)	<i>Não me engano facilmente com aparências.</i> <i>Pensou nos filhos e decidiu ficar. Todos estudavam no mesmo colégio.</i> <i>Antes de a esposa chegar, ele já fizera o almoço.</i> <i>Se ele não fosse professor, seria médico.</i>
subjuntivo	hipótese, dúvida, desejo, ordem	Penso que seja hora de voltar. É bom que todos colaborem . Se você precisasse de ajuda, já teria se manifestado. Quando tiverem terminado , façam o relato do que aconteceu. Que sejas feliz! Que se faça a luz!
imperativo	ordem, pedido, conselho	Pense certo, pense verde. Não se deixe enganar; exija seus direitos.

Tempos e modos verbais no texto

Do ponto de vista discursivo, não só os modos, mas também os tempos verbais podem expressar diferentes atitudes do locutor. Os interlocutores de uma ação verbal estabelecem interação a partir de temas, crenças, valores, hábitos, visões de mundo, ou seja, criam mundos ao interagir. Esses mundos são expressos por duas atitudes pertencentes a dois sistemas distintos: **comentar** e **narrar**, inerentes respectivamente ao **mundo comentado** e ao **mundo narrado** (WEINRICH apud KOCH, 1987).

O **mundo comentado** abrange todos os gêneros que exigem comprometimento, tanto do locutor quanto do interlocutor, como, por exemplo, artigo de opinião, ensaio, editorial, diálogo, poema, peça dramática. No comentário, há uma tensão constante, pois o locutor é afetado pelo que diz, e o interlocutor também se engaja, comprometendo-se e reagindo ao discurso. Vejamos os tempos do mundo comentado:

presente do indicativo	Serve para anunciar um fato atual (<i>Hoje o dia está lindo</i>); para indicar ações consideradas verdades gerais (<i>A Terra gira em torno do Sol</i>), para denotar uma ação habitual (<i>Escovo os dentes após as refeições</i>); para narrar fatos passados, dando-lhes maior vivacidade (<i>Vamos estudar a Idade das Cavernas. Nessa época o homem ainda não sabe como lidar com a natureza e nossa habilidade de comunicação é precária</i>).
futuro do presente do indicativo	Indica fatos certos ou prováveis, posteriores a outros considerados no presente (<i>Farei meus exercícios daqui a pouco. Agora, estou lendo</i>); dúvida ou incerteza (<i>Será que eu posso entrar?</i>). Convém lembrar que, no português do Brasil, é mais comum usar-se a locução verbal para expressar futuro do presente (<i>Vou fazer meus exercícios depois...</i>).
pretérito perfeito composto do indicativo	Indica fatos atuais, em processo de repetição (<i>Tenho feito os exercícios regularmente</i>).

Podem também ser empregadas locuções verbais com esses tempos: estou fazendo, vou fazer, estarei fazendo...

Tempos da Narração

O mundo narrado compreende as diferentes formas de relato e de narração (histórias imaginárias). Alguns gêneros que se estruturam por meio do mundo narrado são: relato histórico, relatório, conto, romance, novela televisiva. Como há distanciamento entre os fatos relatados/narrados e seu locutor, não há geralmente tensão e o grau de comprometimento com o próprio discurso é menor. O ouvinte/interlocutor, por sua vez, também não precisa engajar-se e responder ao que ouve ou lê, já que os fatos relatados/narrados ficam distantes dos interlocutores, perdendo sua força. Vejamos os tempos do mundo narrado:

pretérito perfeito do indicativo simples	Faz avançar o relato e destaca os fatos anteriormente ocorridos que se encontram em primeiro plano. (<i>O detetive entrou no recinto, analisou as provas e selecionou o que era relevante.</i>).
pretérito imperfeito do indicativo	Apresenta os fatos já ocorridos antes do momento da fala, que se encontram em segundo plano. É bastante usado para descrever ambientes e pessoas (<i>Maria usava um casaco pesado.</i>), para narrar um fato que teve continuidade ou era habitual em um passado (<i>Fernando lia o jornal todos os dias pela manhã.</i>), para descrever ações simultâneas (<i>O rapaz andava meio preocupado, quando lhe ocorreu avisar os policiais.</i>).
pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Remete a um fato anterior a um momento passado (<i>Antes mesmo de a esposa chegar, ele já havia feito o almoço/ Antes mesmo de a esposa chegar, ele já fizera o almoço.</i>).
futuro do pretérito do indicativo	É usado para expressar ações posteriores à época em que transcorreu o fato narrado ou referido (<i>Depois de dois anos, ele não deveria lamentar o fato</i>), para indicar dúvida (<i>Acho que não seria legal apenas sairmos hoje</i>), para denotar surpresa ou indignação (<i>Quem diria?</i>), para indicar um desejo de forma polida (<i>Daria para falar mais baixo?</i>), para expressar probabilidade em construções condicionais (<i>Se o tempo mudasse, eles fariam trilha no campo.</i>), para indicar fatos improváveis (<i>Se eu não fosse professor, seria médico.</i>), para evitar comprometimento do locutor com a informação expressa (<i>A imprensa noticiou que o presidente visitaria o bairro.</i>).

Podem também ser empregadas locuções verbais com esses tempos (Ele afirmou que **estaria fazendo** sua tarefa habitual.)

Os modos subjuntivo, imperativo e as formas do infinitivo (*fazer*), gerúndio (*fazendo*) e particípio (*feito*) aparecem, em geral, combinados com os tempos do comentário ou da narração para enfatizar a perspectiva comunicativa ou estabelecer o relevo.

IMPORTANTE: A concordância entre tempos verbais e o uso adequado de marcadores temporais é um dos fatores de coesão do texto. Tomemos como exemplo este relato:

Ocorreu, na sexta-feira à noite, um acidente de grande proporções. Um caminhão que transportava agrotóxicos **colidiu** com três carros, na Perimetral Norte, ocasionando uma explosão que **foi ouvida** no centro da cidade. Três horas após a ocorrência, as equipes de socorro ainda **se encontravam** no local. O número de vítimas ainda não **foi divulgado**.

Os verbos e expressões temporais assinalados permitem ver como pode se dar o encadeamento no texto. Como se trata de um relato, predominam os verbos do mundo narrado (ocorreu, colidiu), inclusive com o emprego de formas passivas (foi ouvida, foi divulgado) e de uma forma verbal denotadora de ação que perdurou por certo tempo no passado (encontravam). Por outro lado, uma vez que o momento referido ocorreu anteriormente ao momento do relato, são empregadas expressões temporais como: “na sexta-feira à noite” (momento em que o fato relatado aconteceu), “três horas após” (o acidente).

Fontes de consulta:

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

Emprego do gerúndio

1. Quando a oração com gerúndio ocorre *antes* da principal, pode indicar uma ação realizada antes daquela descrita pela principal ou simultaneamente à ação contida na principal.

Abrindo a porta, viu que não haveria perigo.

2. Quando o verbo no gerúndio aparecer *ao lado* do verbo da oração principal, indica ação simultânea e apresenta feições de adjunto adverbial de modo.

Sorrindo, recebeu os convidados.

Recebeu os convidados **sorrindo**.

Recebeu **sorrindo** os convidados.

3. Quando a oração contendo verbo no gerúndio vem *depois* da principal, poderá denotar ação posterior à expressa pela principal.

Os fogos começaram, **ocorrendo** a primeira competição.

O gerúndio pode ainda expressar:

– aspecto inacabado = **Lendo**, as pessoas adquirem conhecimento.

– imperativo = **Fechando** a porta!

– ação durativa = O carro **estava andando** pela avenida (em locuções verbais).

4. Em todas as situações anteriores, o emprego do gerúndio corresponde a orações subordinadas, dentre as quais as de causa e condição.

Fonte de consulta:

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONTES DE CONSULTA

Fontes teóricas

- ABREU, A. S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1991.
- ADAM, J-M. *Le texte narratif*. Paris: Nathan, 1985.
- ÁLVAREZ, T. *Didáctica del texto en la formación del profesorado*. Madrid: Síntesis, 2005.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BACHMAN, L. A habilidade comunicativa de linguagem. *Linguagem & Ensino*, Trad. Niura Maria Fontana, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 77-128, jan./jun. 2003.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: M. Fontes [1979], 2003.
- BALTAR, M. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: Educus, 2004.
- BARBISAN, L.B. A construção da argumentação no texto. *Letras de Hoje*, v. 37, n. 3, p. 135-148, set. 2002.
- BARBOSA, J. P. *Notícia*. São Paulo: FTD, 2001 (Coleção trabalhando com os gêneros do discurso).
- BARBOSA, S. A. M.; AMARAL, E. *Escrever é desvendar o mundo: a linguagem criadora e o pensamento lógico*. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Ana Rachel Machado e Pericles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.
- BROWN, A. L.; DAY, J. D. Macrorules for summarizing texts: the development of expertise. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 22, p. 1-14, 1983.
- CARNEIRO, A. D. *Redação em construção: a escritura do texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual, 2000.
- _____. ; _____. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

- CHIAPPINI, L. (Coord.). *Aprender a ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- COHN, G. (Org.). *Theodor W. Adorno: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- CORREA, M. H.; LUFT, C. P. *A palavra é sua*. (8a série) São Paulo: Scipione, 2000.
- CORREA, V. L. *Língua portuguesa: da oralidade à escrita*. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAY, J. D. *Teaching summarization skills: a comparison of training methods*. PhD Thesis, Urbana: University of Illinois, 1980.
- DIONÍSIO, A. P. Verbete: um gênero além do dicionário. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- DUCROT, O. Os internalizadores. *Letras de Hoje*, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.
- DURANTI, A. *Antropología lingüística*. Trad. Pedro Tena. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- FARIAS, C. V. *Para compreender a abordagem cognitivista de David Ausubel para o ensino* (apontamentos de aula). [online].
- Disponível em: www.ufv.br/dpe/edu660/textos/t10_cognitivismo.doc. Acesso em: 8 abril 2005.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1991.
- FLÔRES, L. L.; OLÍMPIO, L. M. N.; CANCELIER, N. L. *Redação: o texto técnico/científico e o texto literário*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- FLÔRES, O. *A leitura da charge*. Canoas, RS: Ed. da Ulbra, 2002.
- FONTANA, N. M. Estratégias eficazes para resumir. *Chronos*, v. 28, n. 1, p. 84-98, 1995.
- FONTANA, N. M. O artigo acadêmico: notas preliminares para fins pedagógicos. *Chronos*, Caxias do Sul, v. 28, n. 1, p. 99-116, jan./jun. 1995.
- GARCEZ, L. H. do C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas, 1997.
- GIERING, M. E. et al. *Análise e produção de textos*. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, s/d.
- GLEASON JR., H. A. *Introdução à lingüística descritiva*. Trad. João Pinguelo. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1978.
- GOUVÊA, L. H. M. Operadores argumentativos: uma ponte entre a língua e o discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. W. dos. (Org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios, 182).

- HILL, S. S.; SOPPELSA, B. F.; WEST, G. K. Teaching ESL students to read and write experimental-research papers. *TESOL Quarterly*, v. 16, n. 3, p. 333-347, 1982.
- HOHLFELDT, A. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUTCHINSON, T.; WATERS, A. *English for specific purposes: a learning centered approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- A INVASÃO dos Nanos e suas consequências. *Presença*, Caxias do Sul, p. 10, 2008.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. *A coesão textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- LEFFA, W. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: _____. (Org.). *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: Educat, 2003.
- MACHADO, A. R. (Coord.); LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MACHADO, A.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MELO J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 194-207.
- MOISÉS, M. *A criação literária: prosa*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MORENO, C. ; GUEDES, P. C. *Curso básico de redação*. São Paulo: Ática, 1979.
- MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Redação acadêmica: princípios básicos*. 3. ed. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária, 2001.
- MUSSALIN, F. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. São Paulo: Global/Ação Educativa/Pesquisa e Informação, 2004. v. 1. (Coleção viver, aprender).
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.
- PAVIANI, J. *Conhecimento científico e ensino: ensaios de epistemologia prática*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.
- PEREIRA, C. da C. et al. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. W. dos. (Org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27-58.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- PONTES, A. L. Aspectos lexicais em textos especializados. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004. v. II.

REZZÓNICO, R. C. *Comunicaciones e informes: científicos, académicos y profesionales en la sociedad del conocimiento*. Córdoba: Comunic-arte Editorial, 2003.

SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico*. 6. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1999.

SANTOS, M. I. dos. A organização da argumentação sob a perspectiva do plano composicional. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e seqüências textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SANTOS, M. M. C. dos. *O texto explicativo*. Caxias do Sul: Educus, 1998.

SANTOS, M. M. C. dos. *Texto didático: propriedades textuais e pressupostos epistemológicos*. Caxias do Sul: Educus, 2001.

_____. PEREIRA, S.; AZEVEDO, T. M. (Org.). *Projeto pedagógico UCS licenciatura: formação comum*. Caxias do Sul: Educus, 2001.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 18-29.

SWALES, J. M. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

van DIJK, T. A.; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

ZANOTTO, N. *Correspondência e redação técnica*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2002.

MATERIAL UTILIZADO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

ANÚNCIO dia mundial das águas. Companhia Siderúrgica de Tubarão. *Terra da Gente*, ano 1, n. 12, 4ª capa, abr. 2005.

ANÚNCIO conscientização. Disponível em: http://www.wwf.org.br/participe/acao/ajude_divulgar/campanhas_antigas. Acesso em: 8 dez. 2008.

BIRATAN. *Peixinho: rio poluído*, 2008. Charge.

CAÏS, M.-F.; DEL REY, M.-J.; RIBEAU, J.-P. *L'eau et la vie: enjeux, perspectives et visions interculturelles*. Paris: Éditions Charles Léopold Mayer, 1999.

CAPRA, F. Ecologia profunda – um novo paradigma. In: _____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eichemberh. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 23-26.

CAPRILES, R. Uma verdade inconveniente. *Eco 21*. 2006. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/11/364747.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2007.

CARARO, A. Eco sim chato não. *Superinteressante*, p. 5, 15 dez. 2007.

CARTA do cacique Seattle. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm> Acesso em: 1º out. 2008.

DE CONTO, S. M. Resíduos da política. *Pioneiro*, Caxias do Sul, p. 2, 6 out. 2004. Opinião.

ECOEFIÊNCIA: vamos reduzir, reutilizar e reciclar. Disponível em: http://www.bancoreal.com.br/index_internas.htm?stUrl=/sustentabilidadedenobancoreal/praticasdegestao/Paginas/Ecoeficiencia.aspx. Acesso em: 1º dez. 2008.

EVITE o desperdício, economize. SAMAE, Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul, s/d.

FEIJÓ, B. V. Como se despolui um rio. *Superinteressante*, p. 31, mar. 2005.

IOTTI. *SOS floresta*, 2008. Charge.

JESUS, M. Por uma gota d'água. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 jul. 2006. Artigos.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Artigo acadêmico: revisão da literatura. In: _____. (Org.). *Redação acadêmica: princípios básicos*. 3. ed. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária, 2001.

OFÍCIO da Universidade de Paraíso, set. 2001.

O ÚLTIMO da fila. *Zero Hora*, Porto Alegre, 6 dez. 2001.

PANAROTTO, C. T. Oremos por ele. *Pioneiro*, Caxias do Sul, p. 2, 4 e 5 jun. 2005. Opinião.

PIROLI, W. *Os rios morrem de sede*. São Paulo: Moderna, 1994.

PROCESSO avassalador. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 12, 4 mar. 2007. Editoriais.

RIOS, R.I. Previsão pessimista com base em dados fiéis. *Ciência Hoje*, v. 36, n. 211, p. 86, dez. 2004.

RESPONSABILIDADE ecológica. *Pioneiro*, Caxias do Sul, p. 22, 5 jun. 2002. Opinião da RBS.

ROMANINI, V. O país dos seus filhos. *Superinteressante Especial Ecologia*, p.5, dez. 2001.

RONALDO. *Rio poluído*, 2008. Charge.

SANTIAGO. *Planeta com água*, 2008. Charge.

_____. *Cadê o petróleo que estava aqui*, 2008. Charge.

_____. *Titanic*, 2008. Charge.

_____. *João de barro*, 2008. Charge.

_____. *Sorvete: aquecimento*, 2008. Charge.

_____. *Cosmotur*, 2008. Charge.

SARTOR, V. V. de B. *Justiça intergeracional e meio ambiente*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2002.

SOUZA, O. de. Todo mundo quer ajudar a refrescar o planeta. *Veja*, p. 100, 11 de abril, 2007.

PARA SABER MAIS

Além de ler jornais e revistas, você poderá utilizar filmes, *sites* e livros que, direta ou indiretamente, abordam questões ambientais, entre os quais os listados abaixo:

Filmes

A árvore dos tamancos, de Ermanno Olmi, 1978.

A Encantadora de Baleias, de Niki Caro, 2001.

Casa de Areia e Névoa, de Vadim Perelman, 2003.

Chuva negra, de Ridley Scott, 1989.

Erin Brokovich – Uma mulher de talento, de Steven Soderbergh, 2000.

Eu Sou a Lenda, de Francis Lawrence, 2007.

Ilha das Flores, de Jorge Furtado, 1989.

Manon des sources – A Vingança de Manon, de Claude Berri, 1986.

Mar Adentro, de Alejandro Amenábar, 2004.

Náufrago, de Robert Zemeckis, 2000.
O Dia Depois de Amanhã, de Roland Emmerich, 2004.
O Dia Seguinte, de Nicholas Meyer, 1983 .
O Jarro, de Ebrahim Foruzesh, 1992.
Os Narradores de Javé, de Eliane Caffé, 2001.
Ponto de Mutação, de Bernt Capra, 1992.
Rapsódia em agosto, de Akira Kurosawa, 1991.
Sonhos, de Akira Kurosawa, 1990.
Uma Verdade Inconveniente, de Davis Guggenheim, 2006.

Sites

<http://earth.google.com.br>
www.amazonarium.com.br
www.amazonia.org.br
www.clickarvore.com.br
www.desmatamentozero.ig.com.br
www.estadao.com.br/ciencia
www.fgaia.org.br
www.greenpeace.org.br
www.ibama.gov.br
www.inep.gov.br
www.mma.gov.br
www.onearth.org
www.planetasustentavel.com.br
www.rededasaguas.org.br
www.renctas.org.br
www.riogrande.com.br/ecologia
www.socioambiental.org
www.sosmatatlantica.org.br
www.spvs.org.br
www.wwf.org.br

Canais de TV

Discovery Channel
Futura
National Geographic Channel

Livros de ficção

A boa terra, Pearl S. Buck, 1981 [1931].

A leste do éden, John Steinbeck, 1984 [1952].

A onda verde, Monteiro Lobato, 1921.

As vinhas da ira, John Steinbeck, 1972 [1939].

Depois do último trem, Josué Guimarães, 1979.

Folhas verdes, Lucas Maroca; Rejane Lage Neves; Maria Antonieta Pereira (Org.). 2008.

O Germinal, Eduardo Émile Zola Kalina, 1972 [1885].

O velho e o mar, Ernest Hemingway, 2003 [1952]

Os rios morrem de sede, Wander Piroli, Moderna, 1994 [1976].

Vidas secas, Graciliano Ramos, 2007 [1938].

Livros não ficcionais

A teia da vida – Fritjof Capra, 1996.

Ecologizando a cidade e o planeta, Mauricio Andres, 2008.

Ecologia: do jardim ao poder, José Lutzenberger, 1985.

Ecologia, mundialização e espiritualidade, Leonardo Boff, 2008.

Ecologia: um guia de bolso, Ernest Callenback, 2001.

Fundamentos de ecologia, EDUCS, 2009.

Fundamentos ecológicos para a educação ambiental: municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar, Alois Schäfer et al., 2009.

Gaia, o planeta vivo, José Lutzenberger, 1990.

Justiça intergeracional e meio ambiente, Vicente Sartor, 2002.

Missão (quase) impossível, Teresa Urban, 2001.

Salve a Terra, J. Porrit, 1991.

Seis graus: o aquecimento global e o que você pode fazer para evitar uma catástrofe, Mark Lynas, 2008.

.

EPÍLOGO

1 - As origens (1-11)

A criação

[...]

¹¹Deus disse: 'Produza a terra plantas, ervas que contenham semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie e o fruto contenha a sua semente'. E assim foi feito. ¹²A terra produziu plantas, ervas que contêm sementes segundo a sua espécie, e árvores que produzem fruto segundo a sua espécie, contendo o fruto a sua semente. E Deus viu que isto era bom.

[...]

²⁴Deus disse: 'Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selvagens segundo a sua espécie'. E assim se fez. ²⁵Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais domésticos igualmente, e da mesma forma todos os animais, que se arrastam sobre a terra. E Deus viu que isto era bom.

²⁶Então Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra'. Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher.[...] ²⁹Deus disse: 'Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, em todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. ³⁰E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo que se arrasta sobre a terra, em que haja sopro de vida, eu dou a erva verde por alimento'.

E assim se fez. ³¹Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom."

Bíblia Sagrada. 30. ed. Trad. mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ave Maria, 1981. p. 49-50.

AMPLIANDO HORIZONTES

Você, que percorreu as páginas deste livro, tem aqui um espaço que é só seu. Ocupe-o da melhor forma possível.

Entendemos que você também, como tudo aquilo de que o livro trata, faz parte do ecossistema. E assim como a natureza deve ser preservada, você também precisa ser saudável, como se espera que sejam os alimentos que você ingere, a água que bebe, o ar que respira, os pensamentos que nutre, as flores que vê no verde campo e os pássaros no azul infinito...

Esta seção é dedicada a você, desejando que você se veja nesse universo ecológico e se sinta fazendo parte dele, maravilhado com suas belezas e possibilidades, agradecido por suas dádivas, além de compromissado com seu destino.

Propomos, então, que a partir dos recursos (textos, fotos) aqui apresentados, você explore sua criatividade e dê asas a sua imaginação, produzindo, entre outros gêneros de texto,

poemas,
crônicas,
contos,
charges,
slogans,
tiras,
comentários...

Olhos janelas

Neires Maria Soldatelli Paviani

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Foto: Maria do Carmo Verza Sartori

A poesia acorda a manhã espelhando nas águas beleza e luz.

Maria do Carmo Verza Sartori

Diante das belezas naturais, todos nós podemos ser poetas, expressando nossas emoções a exemplo do que fez Maria do Carmo. Pense numa imagem que lhe provocou admiração ou prazer estético (como ondas batendo num rochedo, por exemplo) e tente produzir uma frase poética a respeito.

Poema e imagem falam da mesma espécie de árvore, mas não do mesmo tema. Você poderia reescrever o poema ou contar uma história, usando como suporte o conteúdo da foto.



Foto: Álvaro Pressanto

Araucária

*Onde os horizontes orientam os caminhos
crescem trigais e a amplidão da alma.
Agora (dentro do quadro) um córrego manso,
a extensão de azul de azul intenso
nos campos,
duas casas paradas à beira da estrada
e por fim a colina das araucárias
com suas taças
monumentos.*

Jayme Paviani

(PAVIANI, J. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: Educs, 2002)

[illegible]

[illegible]



Fotos: Álvaro Pressanto

Árvore do pátio

*Árvore onde subi, menino,
ilha de paraísos e desejos.
Árvore irmã de outras
onde rejubila o dia,
o serrote elétrico
a transformou em sombras.*

*Amotinados sonhos de um pátio vazio,
navio plantado na tempestade,
o dragão das raízes,
o masculino carvalho do espaço
haste de dor e prazer.
Agora em marco
só se aprende horizontes
de pássaros abstratos.
Árvore sentenciada!
O verde de teus ramos arde
nas tardes
o último raio de sol.*

Jayme Paviani

Este poema pode inspirar sensações, emoções, ideias, compreensões, análises ou até reações por parte do leitor. Que respostas você gostaria de dar a este poema e ao seu autor?

(PAVIANI, J. *As palavras e os dias*. Caxias do Sul: Educs, 2002)

RETROSPECÇÃO

Após a interação com os textos apresentados e a realização das atividades que você decidiu fazer, que balanço você faz desse processo? Como avalia o que aconteceu?



Foto: Álvaro Pressanto

P.S. Se quiser entrar em contato com as autoras, mande sua mensagem para:

niurafontana@gmail.com

npaviani@hotmail.com

imppress@ucs.br

Será um prazer saber o que você pensa.

QUADRO DE REFERÊNCIA DAS RESPOSTAS:

Niura Maria Fontana

Neires Maria Soldatelli Paviani

Isabel Maria Paese Pressanto

Jaqueline Ana Faria Lenzi

Elisa Seerig

Cássia Gianni de Lima

Felipe Teixeira Zobarán

APRESENTAÇÃO

Caros professores:*

Este material digitalizado foi elaborado com o propósito de auxiliá-los no uso do livro **Práticas de linguagem**: gêneros discursivos e interação. No entanto, a maioria das respostas constitui apenas sugestão, uma vez que muitas das atividades pressupõem posicionamento pessoal do aluno.

Evidentemente, a experiência e o bom senso do professor servirão de guia para o aluno verificar se sua resposta é coerente e se está adequada ao contexto.

A numeração das sequências e das questões corresponde à das apresentadas no livro, sendo que a letra P indica o número da questão formulada, com a respectiva subdivisão (a, b, c), se for o caso, e as letras QP, na seção Ampliando a rede de leitura, correspondem a questão pessoal. Os projetos de trabalho são indicados com as letras Pj, acompanhadas de números.

Esperamos que este trabalho atinja o seu objetivo. Bom proveito!

Um abraço,

Os autores

* Usamos a forma plural no masculino em função das convenções da língua portuguesa, mas esse uso inclui sempre o gênero feminino.

Sequência 1

Charge

Formas de ver a realidade

P1 Sugere que o homem é um ser inconsequente, até certo ponto sádico, que busca soluções fáceis para os problemas que ele mesmo cria.

P2 Critica a característica predatória do ser humano e sua alienação em relação a tudo o que o cerca, assim como valores relacionados à ideia de progresso a qualquer custo.

P3 A manchete, que contém a informação de uma descoberta atual de pesquisa espacial, é usada de forma irônica, uma vez que os personagens não estão interessados na possibilidade de vida que se apresenta e sim na continuidade da realização de ações habituais egoístas e destrutivas, sem consciência social.

Preparando a leitura

P1 Um dos maiores problemas se divide em três partes: saúde, educação e moradia; ricos, pobres e remediados (entre outras possibilidades).

P2 Já que esse enunciado poderia aparecer num jornal, num livro ou artigo teórico, num livro didático, numa entrevista, num programa de tevê, poderia circular principalmente nos ambientes familiar, escolar, acadêmico e profissional.

P3 Preparar as refeições, fazer a higienização do corpo e mantê-lo hidratado, regar plantas, higienizar ambientes, fazer tratamentos à base de água, etc.

P4 *Resposta pessoal. Sugestão:* Em princípio, sem água não teria como realizá-las. Mas certamente, há algumas possibilidades de conseguir um mínimo de água, como: recolher água da chuva, cavar um poço com as mãos, coletar o orvalho ou retirar água de plantas, entre outras ideias.

P5 Todas as pessoas, mas principalmente quem tem o poder de tomar decisões e influenciar as demais, nas diversas instâncias sociais.

Construindo os sentidos do texto

P1 A água.

P2

a) Convencer o leitor a respeito da gravidade do problema de acesso à água, da importância de preservá-la e do comprometimento da empresa mencionada, que é socialmente responsável, promovendo-a.

b) Ao público leitor interessado em questões geográficas, humanas e ambientais: professores e estudantes, empresários e administradores públicos.

P3 Anúncio publicitário.

P4

a) A ideia da importância da preservação da água e a filosofia de ação da empresa anunciante.

b) A empresa CST.

c) O logotipo e o *site* da empresa ao pé da página do anúncio.

d) Comprometimento com o meio ambiente, especialmente em relação à água.

e) O prêmio conquistado pela empresa e uma forma de contato com ela.

f) *Resposta pessoal. Sugestão:* O prêmio concedido confere maior credibilidade à empresa, evidenciando sua política ambiental.

P5 A compreensão do enunciado anterior no qual “duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio” correspondem à fórmula da água.

P6 Modo descomprometido e não sustentável.

P7 Defende-se a importância da água e a necessidade de uso sustentável.

P8 As informações dizem respeito ao direito fundamental do ser humano à água, à necessidade de saneamento básico e de uso sustentável desse recurso.

P9 Texto e imagem se complementam. A imagem é usada para chamar a atenção por meio da representação de uma situação chocante: um córrego abarrotado de lixo, diante de um conjunto de palafitas sem condições de habitabilidade. O registro de água sugere que a água encanada seria uma solução para o problema.

Explorando mecanismos de linguagem

P1 Recorrer à consciência – às leis.

P2 Dois pontos.

P3 ...preservação, utilização, reaproveitamento, recirculação.

P4 Transformação de verbos em substantivos.

Relacionando texto e realidade

P1

Preparando a leitura	Neste momento
<i>Resposta pessoal. Sugestão:</i> Responsabilidade de todos em geral e do poder público.	<i>Resposta pessoal. Sugestão:</i> Responsabilidade de cada um na sua área de atuação profissional, a exemplo da empresa do anúncio.

Ampliando a rede de leitura

QP *Resposta pessoal. Sugestão:* Higiene, bem-estar, ordem, ausência de sujeira.

P1

a) Preservação do ambiente.

b) Anúncio publicitário.

c) Conscientização.

P2

a) WWF Brasil

b) Proteção do meio ambiente e conscientização.

c) A imagem e o enunciado.

d) O sentido de consciência livre de culpa/ consciência de estar agindo corretamente.

e) Um rosto humano triste, sugerindo que a natureza está se ressentindo de alguma ação que a prejudica.

f) Preservar e proteger o meio ambiente.

g) Reflexão, curiosidade a respeito de outras atividades do anunciante, talvez engajamento.

h) Comparando os dois textos

Semelhanças	Diferenças
Utilização de texto e imagem – linguagem persuasiva.	Um promove indiretamente uma empresa, ao defender o uso sustentável da água; o outro tenta convencer a respeito da responsabilidade do leitor na preservação da natureza. O enunciado do primeiro texto é um comentário argumentativo sobre o tópico; o do segundo é um texto diretivo que pressupõe a participação do leitor.

Produzindo textos em cadeia

Pj1 Organização de grupos de trabalho, estabelecimento de critérios; produção dos textos, avaliação e encaminhamento dos mesmos aos destinatários.

Pj2 Criação de anúncios publicitários e exposição dos trabalhos executados.

Pj3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Produção e socialização de textos que contemplem tópicos referentes à preservação ambiental ou que contribuam para a conscientização dos leitores a respeito de questões ambientais.

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* A escolha da alternativa depende do grau de habilidade desenvolvida por cada aluno(a).

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Identificação de ações que incluam aspectos que devem ser trabalhados para aperfeiçoar a habilidade de leitura.

Sequência 2

Charge

Formas de ver a realidade

P1 O evento é o naufrágio do navio Titanic, cuja história também virou filme.

P2 Espera-se que o aluno identifique as seguintes metáforas: a figura do Titanic remete ao Planeta Terra e o *iceberg*, à poluição ambiental. Dessa representação surge outra metáfora: a destruição do Titanic pelo *iceberg* lembra a destruição do Planeta Terra pela poluição ambiental. O Titanic era considerado indestrutível, da mesma forma como alguns pensam que nosso planeta o seja.

P3 As figuras do *iceberg*, do navio, do planeta abaixo do navio, dos detritos abaixo do *iceberg*.

Preparando a leitura

P1 <i>Respostas pessoais. Sugestões:</i>	
Situação de consumo	Grau de conscientização
1. Preparar alimentos	Com a intenção de usar o estritamente necessário. (Procuro reutilizar a água usada na lavagem para regar plantas, pois do contrário haveria desperdício.)
2. Tomar banho	Com a intenção de usar o estritamente necessário. (Controlo o tempo do banho para não gastar muita água.)
3. Limpar a casa	Com a intenção de usar o estritamente necessário, reutilizando sempre que possível. (Reutilizo a água da lavagem de roupas para fazer a limpeza, pois com isso estarei evitando que se jogue fora muita água.)
P2 <i>Resposta pessoal. Sugestão:</i> Com esse nível de conscientização, promove-se o uso mais regrado e ecológico/sustentável da água.	

Construindo os sentidos do texto

P1 O folheto foi distribuído com a intenção de alertar/conscientizar a população sobre o desperdício de água que pode ocorrer em suas atividades diárias.

P2

a) O tema é a prevenção contra o desperdício da água pela população.

b) Encontramos no folheto verbos no imperativo, que marcam o tom de aconselhamento e fazem referência direta ao leitor.

P3 Os responsáveis pelo texto são os gestores do sistema de água e esgoto da cidade em questão (SAMA E – Caxias do Sul).

P4 Os cidadãos que consomem a água fornecida pelo órgão que a distribui são o público-alvo desta mensagem.

Explorando mecanismos de linguagem

P1 Evidências verbais: uso do verbo “aposentar” num sentido metafórico; uso de jogo de palavras no trecho “Você precisa abrir a boca... mas não precisa deixar a torneira aberta” e ambiguidade em “Jogue limpo com você.” Evidências não verbais: imagens caricatas do desperdício de água.

P2

a) Diretiva/estético-semiótica.

b) *Resposta pessoal. Sugestão:* “Sentiu-se convocado(a) a realizar a ação descrita, apesar do tom leve do enunciado.”

P3

O primeiro enunciado está sugerindo uma ação e o segundo está ordenando.

Para sugerir usou-se o verbo auxiliar “precisa”.

Para dar a ordem foi usado o verbo no imperativo (“mantenha”).

P4

a) “Feche a torneira para ensaboar a louça.”

“Não tome banhos demorados.”

b) “Não afogue as plantas!” ou “Não regue demais as plantas!”

P5

a) O nível de linguagem é semiformal.

b) Uso cuidado da linguagem (formas do imperativo corretas; estrutura frasal adequada), porém com vocabulário acessível. “Pense no futuro: Economize água hoje.”

P6

a) Não é possível dizer com certeza em que parte da casa ocorre o maior consumo, porque os dados não são padronizados. Por exemplo: enquanto em relação à descarga do banheiro, ao lavatório, ao chuveiro e à máquina de lavar roupas, consideram-se 4 pessoas como consumidoras, em relação às torneiras é considerada apenas 1 pessoa.

b) Seria necessário, minimamente, ter como referência um mesmo número de pessoas consumidoras. Outro dado que poderia ser padronizado é o tempo de consumo em cada parte da residência.

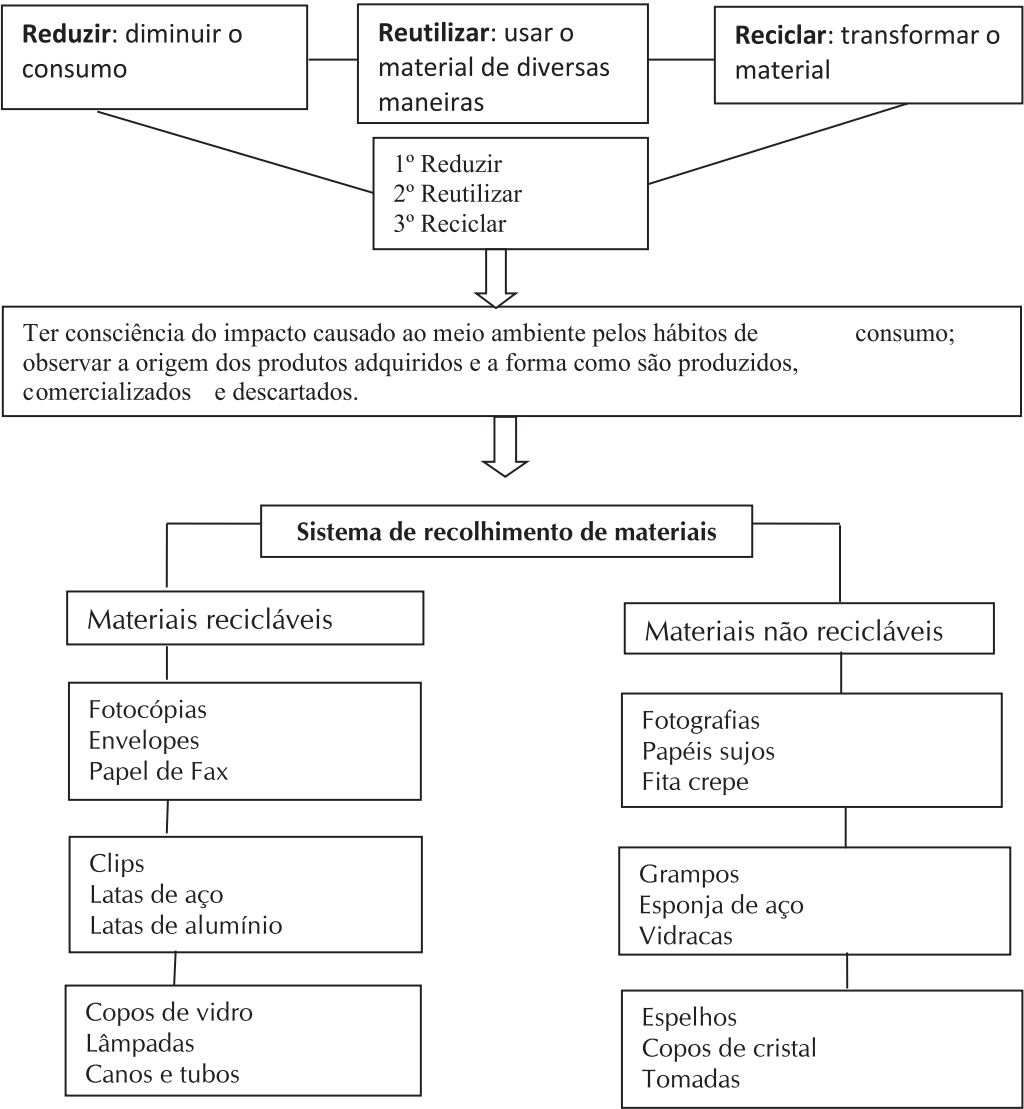
Relacionando texto e realidade

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* As pessoas poderiam ficar surpresas diante dos dados divulgados. O folheto é uma eficiente forma de conscientização porque incita à mudança de atitude, baseada no que é divulgado.

Ampliando a rede de leitura

P1 Neste caso, “cartilha” parece designar um material de informação e orientação introdutórias sobre procedimentos que auxiliam a manter o equilíbrio do ecossistema.

P2



P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno produza um folheto reunindo as ideias principais da cartilha lida. É preciso adequar tais informações ao gênero textual folheto, além de direcioná-las a um público-alvo hipotético.

Produzindo textos em cadeia

Pj1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno faça uma ampliação e adaptação dos folhetos estudados ao longo da sequência, tendo em vista novos públicos específicos de sua escolha.

Pj2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que os alunos sejam capazes de selecionar um problema relevante e de produzir folhetos para leitores específicos.

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* É de se prever que os alunos tenham alguma dificuldade com elementos relativos a gêneros discursivos e aspectos de uso da linguagem.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que elementos básicos de compreensão, vocabulário e estrutura frasal já estejam dominados.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Elementos temáticos, informações pontuais e aspectos referentes aos gêneros em estudo na sequência.

Sequência 3

Charge

Formas de ver a realidade

P1 Projetos de habitação sustentável.

P2 Enquanto as pessoas estão fechadas, em um ambiente, examinando projetos de construções sustentáveis, às vezes complexos, os animais têm as suas construções simples e ecológicas. Na figura estão representados pelo joão-de-barro e pela abelha, que, olhando para os humanos, expressam o sentimento de pena, dizendo, em um balão: “Os coitados!!!”

P3 Uma casa do joão-de-barro no galho de uma árvore e, no tronco, uma colmeia. As pessoas, em um ambiente fechado, estão examinando uma exposição de cartazes sobre construção sustentável. A postura dos animais é de preocupação, expressa pela forma de olhar.

Preparando a leitura

P1

Nomes de lugares:	Nomes de rios:	Nomes de pessoas:
Goiás, Grajaú, Guarujá, Guarulhos, Ipanema, Itapema, Paraíba, Iguaçu, Mogi-Guaçu, Sergipe, Uberaba, Itararé, Capivari, Oiapoque, Tijuca, Itatiba, Sorocaba, Piracicaba, Curitiba, Piraçununga	Tietê, Atibaia, Jundiá, Paraíba, Paraná, Jacuí, Itajaí, Iguaçu	Guaraci, Iara, Aimoré, Jandira, Maíra, Araci, Jaci, Cauã, Ceci, Içara, Jacira, Irani, Irajá, Maiara, Jurema, Ubiratã, Mairi, Moema, Bartira, Tainá, Ubirajara, Moacir, Peri, Itamar, Iracema

P2

a) É uma relação de profundo respeito e de harmonia, porque a natureza é concebida como uma extensão do homem e uma bênção do Criador.

b) *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno perceba que tal visão é relativa aos povos indígenas em geral, uma vez que se trata de uma necessidade de proteção da natureza, que é sua principal fonte de sobrevivência.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* São adequadas as respostas que contemplem os gêneros solicitados (reportagens, notícias, artigos de opinião) sobre o tema (problemas ambientais) e que coloquem a fonte.

P4 *Resposta pessoal. Sugestão:* Carta, e-mail...

P5 Devido à distância entre os interlocutores ou como meio de registro oficial da mensagem.

Construindo os sentidos do texto

QP *Resposta pessoal. Sugestão:* Pode-se pensar que originalmente este texto não era uma carta. Provavelmente era uma fala que alguém ouviu e transcreveu.

P1 A concepção de terra parece estar ligada à ideia de casa, de lar.

P2 De igualdade, pois o cacique argumenta com o homem branco.

P3 “De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha um dia a descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus.(...)”
 O cacique faz certas imposições ao homem branco para vender a sua terra.

Ampliando a rede de leitura

P1

Ofício	Brasil	2001	Falta de saneamento em uma área de encosta	Reitor	Prefeito Municipal de Paraíso	Requerer que sejam tomadas providências para que a situação seja regularizada
--------	--------	------	--------------------------------------------	--------	-------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------

P2 A carta do cacique não responde apenas ao pedido de oferta de compra das terras dos indígenas, mas impõe uma série de condições de caráter ecológico para que a negociação se efetive. Nesse sentido, ela vai a fundo em algumas questões que abordam a relação do ser humano com a natureza, constituindo uma espécie de manifesto ecológico.

P3 (2); (-); (1)

O texto do reitor apela ao raciocínio lógico do destinatário, através do uso de linguagem referencial/objetiva.
 O texto do cacique apela à sensibilidade do destinatário, através do uso de linguagem figurada.

P4

Texto do cacique (texto 1):
 Ideia defendida – O homem branco deve ter consciência de que a natureza é o maior bem a ser preservado.
 Argumento usado – *Sugestão*: “Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira.”; “O que é o homem sem os animais?”

Texto do reitor (texto 2):
 Ideia defendida – A prefeitura deve solucionar o problema descrito na carta.
 Argumento usado – *Sugestão*: “a disposição inadequada de resíduos sólidos e de esgoto no solo contribui para a contaminação dos recursos naturais existentes na Universidade de Paraíso.”

P5

- a)Texto 1: carta argumentativa /Texto 2: ofício
- b) O texto 1 nasceu de um manifesto oral e foi posteriormente transformado em texto escrito por um jornalista. Nesse sentido apresenta um grau baixo de formalidade e de objetividade, se comparado ao texto 2, que representa uma forma de comunicação entre interlocutores que devem manter um nível de formalidade específico, devido às circunstâncias.

c)

Textos	Local e data	Vocativo	Corpo	Despedida	Assinatura
Texto 1			X		
Texto 2	X	X	X	X	X

d)

Partes ausentes	Efeitos
Local e data	Falta a referência histórico-social daquilo que está sendo dito.
Vocativo	Se o vocativo não aparece no início do texto, falta ao leitor a informação de quem é o destinatário da carta. Isso não impede que essa informação seja resgatada depois, no transcorrer da carta, mas a ausência de menção a quem ela se dirige pode dificultar por vezes a compreensão.
Despedida	Espera-se que uma carta tenha um fechamento. Se ele faltar, tem-se a impressão de que o texto não está finalizado. Mas na carta argumentativa pareceu que esse elemento textual não fez grande falta.

e) Numa carta anônima, omite-se principalmente a autoria, porque, como o próprio adjetivo já revela, o autor não quer se fazer conhecer.

P6

Respostas pessoais. Orientação: É necessário embasar as respostas escolhidas em argumentos válidos e coerentes, apoiados na compreensão dos textos.

Explorando mecanismos de linguagem

P1

CONDIÇÃO	FATO QUE DERIVA
Se eu me decidir a aceitar,	imposei uma condição (...)
Se consentirmos na venda	é para garantir as reservas que nos prometeste.
Se te vendermos a nossa terra (...)	Protege-a como nós a protegíamos.

P2 Caso; desde que/ contanto que (os últimos exigem rearranjo da estrutura frasal)

P3 “**a conversa dos sapos** no brejo à noite?” (em negrito)
“um fumegante **cavalo de ferro**” (em negrito)

P4

a) O autor adota um estilo mais convencional, indo direto ao ponto. A organização geral do texto segue padrões usuais para o gênero discursivo.

b) A linguagem é formal, objetiva, impessoal, com predomínio de sequências argumentativas.

P5

CONTINUIDADE DA AÇÃO Está construindo Está instalando Está cumprindo Estão promovendo Confiando	<i>Há duas opções: AÇÃO SIMULTÂNEA À DA ORAÇÃO PRINCIPAL e CAUSA (por confiar em), embora neste último caso a questão da polidez não seja muito respeitada.</i>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

P6 8; 2; 10; 4; 9; 6; 7; 1; 3; 5.

Relacionando texto e realidade

P1

Diferenças: Enquanto o índio demonstra veneração pela natureza, como algo intrínseco à vida, o homem branco ainda está numa fase de reconhecimento da importância da preservação e do respeito à natureza para poder viver bem. Muitos homens civilizados ainda exploram a natureza sem medir as consequências de seus atos.

Semelhanças: Quando o ser humano em geral é atingido pelos fenômenos naturais de forma negativa, parece crescer o respeito em relação às forças da natureza.

Produzindo textos em cadeia

Pj1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno elabore um ofício a alguma entidade governamental ou não governamental denunciando problemas ambientais. Sugere-se que, posteriormente, a produção seja avaliada por um colega.

Pj2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno releia a carta do cacique e que produza outros gêneros textuais como charge, poema ou carta, estabelecendo um diálogo com o autor do texto lido.

Pj3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Projeto alternativo proposto pelo aluno ou pelo grande grupo.
Analisando o próprio processo de leitura

P1

a) *Resposta pessoal. Sugestões:* Observação da estrutura das cartas, compreensão do assunto.

b) *Sugestão:* Os elementos de referência e sequenciação presentes no texto que deveria ser reorganizado (O país dos seus filhos): “ao contrário”, “para cumprir esse objetivo”, “o resultado são”.

Sequência 4

Charge

Formas de ver a realidade

P1 Poluição ambiental aquática.

P2 O que está sendo criticado é o comportamento irresponsável do homem que afeta o ecossistema aquático.

P3 O lixo esparsa debaixo d'água e a expressão de indignação do peixe.

P4 A intenção é a de repreender os homens pela sua conduta.

Preparando a leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Relato do estudante, enfocando alguma experiência sua num meio não urbano, em contato com a natureza.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Análise e avaliação do trabalho de um colega, identificando aspectos diversos que tornam um texto interessante (por exemplo, um fato original, inesperado, uma situação de conflito, uma questão desafiadora), além de uma construção do texto clara e coerente.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Identificação da aparente falta de lógica do enunciado, que consiste em apresentar um acidente geográfico constituído de água, a substância que, por excelência, tira a sede dos seres vivos, como o elemento que sente sede.

P4 Como além de conter um paradoxo o título usa o recurso da personificação, ele é mais adequado ao texto ficcional. O estudante deve utilizar seus conhecimentos e refletir sobre as características do texto jornalístico e do ficcional.

Construindo os sentidos do texto

P1

O aluno, aqui, deve ser capaz de localizar e identificar corretamente as informações a respeito do livro, de acordo com a ficha catalográfica:

Título: Os rios morrem de sede

Autor: Wander Pirolí

Suporte: Livro

Local: São Paulo

Data: 2002

Gênero textual: Conto

Tipologia dominante: Narrativa

Tema central (assunto): Destruição de um rio pela poluição

P2

Resposta pessoal. Sugestão: Ao optar por esse gênero discursivo, o autor parece ter o propósito de sensibilizar ou comover o leitor por meio de uma história, fazendo um alerta sobre os níveis de poluição ambiental e aconselhando mais cuidado com o planeta em que vivemos.

P3

1) Estado de harmonia/ equilíbrio (contexto inicial da história): O menino Bumba vive na cidade com o seu pai e sua mãe. Eles parecem representar uma família bem estruturada, na qual predominam o afeto e o diálogo.

2) Fato novo (algo diferente, uma possibilidade inesperada): O pai decide levar o filho para o rio onde outrora pescava, quando era criança, com seu pai.

3) Ações decorrentes do fato novo (providências, procedimentos dos personagens): Pai e filho preparam os caníços de pesca e os anzóis, providenciam a merenda, com a ajuda da mãe, e saem de madrugada, fazendo um trecho de carro, um trecho a pé, e outro de trem.

4) Ponto culminante da história (acontecimento mais importante referente ao objetivo dos personagens): Pai e filho chegam ao rio.

5) Desfecho (conclusão da narrativa): Pai e filho não conseguem realizar seus planos de pesca, devido à poluição e escassez de água do rio, que antigamente era limpo e dava tantos peixes.

P4 *Resposta pessoal. Sugestão:* O palavrão dito pelo personagem expressa sua indignação e desolação diante da morte do rio e da destruição da vegetação nas margens.

P5 O rio pode ser interpretado como representação da fonte de vida e recursos naturais que a natureza oferece ao homem, e como este lida com tais recursos. Na narrativa, pode também ser visto como o elo com a infância entre o filho (hoje, pai) e seu pai. O rio, quase seco, sujo e sem peixes é consequência do descaso do homem com relação ao que a natureza nos oferece. Ou seja, nos aproveitamos dos recursos sem pensar em mantê-los.

Explorando mecanismos de linguagem

P1 Narrador: nível de linguagem semiformal/do consenso. → Características: A linguagem é cuidada, porém acessível.

Personagens: nível de linguagem informal/da espontaneidade. → Características: Retrata, na forma escrita, a fala coloquial dos personagens. Procura ser fiel à linguagem popular.

P2 Ações que constituem o pano de fundo da cena:
“O sol **estava** alto e a manhã limpa” (pretérito imperfeito); “o homem e o menino já **havam descido**” (pretérito perfeito composto, usado em substituição ao pretérito mais-que-perfeito); ... e agora **voltavam...**” (pretérito imperfeito);
“... o homem **acabara** de deixar o embornal” (pretérito mais-que-perfeito).
Ação principal: “**disse** o menino” (pretérito perfeito).

Relacionando texto e realidade

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Buscando o rio da infância; Um rio entre gerações; Um rio não morre sozinho; Pouca água, pouco ri(s)o.

Ampliando a rede de leitura

P1

Textos	Tema central	Propósito comunicativo	Uma ou mais diferenças na organização composicional do gênero	Uma ou mais diferenças quanto ao uso da linguagem
Os rios morrem de sede	Um rio que, com o passar dos anos, pelo descaso com que foi tratado, é encontrado sujo e sem peixes por um pai de família que o conhecia limpo e bonito, e que nele costumava pescar quando menino.	Sensibilizar o leitor para o descaso com os recursos naturais e suas consequências, através de uma trama com personagens.	Narrativa que pode ser vista como uma sequência que contempla estado de equilíbrio, fato novo, ações decorrentes desse fato, ponto culminante e desfecho.	O narrador usa linguagem semiformal; já as falas dos personagens ocorrem no nível informal. A dominância é do modo narrativo, com sequências descritivas.

Como se despolui um rio?	Informações técnicas a respeito dos processos de despoluição de rios.	Informar a respeito das ações que têm sido tomadas para a despoluição dos rios.	O texto apresenta fatos verídicos como exemplo de processos de despoluição de rios. É um texto referencial que inclui também a voz de um analista ambiental.	Linguagem semiformal, com dominância do modo explicativo.
---------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------

P2
 Autor do texto: Biratan
 Contexto em que se dá o diálogo: Na proximidade de um rio poluído
 Sentimento que move o personagem central: Preocupação com a poluição do rio.
 Paradoxo estabelecido pelo pedido do peixinho: Pedido de água, estando ele dentro de um rio.
 Gênero deste texto: Tira.
 Relação entre este texto e o conto: Ambos retratam rios poluídos.
 Sua reação como leitor: *Resposta pessoal. Sugestão:* Através do humor essa tira denuncia a gravidade do problema da poluição aquática.

P3
 Ambos os textos constituem narrativas, embora a tira seja extremamente concisa. O tema central é o mesmo: poluição aquática. No entanto, personagens e enredo são completamente diferentes.

Tanto o conto como a charge retratam a poluição das águas. O conto demonstra as consequências para a vida do ser humano do descaso em relação a um rio, antes limpo e piscoso. A charge utiliza o ponto de vista do peixe para reclamar da falta de respeito e de responsabilidade do homem em relação ao ecossistema aquático.

Produzindo textos em cadeia

Pj1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Produção de um conto; espera-se que o aluno formule um planejamento de enredo e, em seguida, escreva sua história, respeitando as características do gênero e explorando os recursos de linguagem. Por fim, sugere-se a divulgação dos textos produzidos.

Pj2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Com as ideias trabalhadas ao longo da sequência a respeito da poluição das águas, busca-se que o aluno desenvolva a consciência de que se trata de um problema urgente. Dessa forma, sugere-se divulgação dos pontos-chave debatidos, por meio de diversos gêneros discursivos.

Pj3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Projeto alternativo proposto pelo aluno ou pelo grande grupo.

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal.* A atividade tem a intenção de levar o aluno a refletir sobre as estratégias de leitura de que se utiliza, identificando suas reações como leitor.

Sequência 5

Charge

Formas de ver a realidade

P1 O tema abordado na figura é o desmatamento das florestas.

P2 A intenção é a de denunciar o desmatamento e pedir, de forma contundente, providências. É um pedido de socorro e uma crítica à ação do homem, que destrói o lar de muitos animais.

P3 Os elementos não verbais são o conjunto de tocos das árvores decepadas e dos pássaros, que assumem cores e formas de folhas, voando em formação de SOS.

Preparando a leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* De modo geral, as catástrofes ambientais ocorrem devido a causas naturais, mas a conduta irresponsável do homem em relação ao cuidado com a natureza pode agravar algumas delas.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:*

a) O desenvolvimento sustentável baseia-se no uso racional e respeitoso dos recursos naturais, de modo a possibilitar o bem-estar e o progresso, sem danificar o meio ambiente.

b) WWF, One Earth, Greenpeace, SOS Mata Atlântica, Projeto TAMAR, entre outros.

PQ *Resposta pessoal. Sugestão:*

Responsabilidade ecológica é sinônimo de consciência dos deveres e obrigações que o homem tem em relação à preservação do meio ambiente.

Construindo os sentidos do texto

P1

Título: Responsabilidade Ecológica

Autor: RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação)

Suporte: Jornal Pioneiro

Local: Caxias do Sul - RS, embora a informação não conste nessa página

Data: quarta-feira, 5 de junho de 2002

Público-alvo: os leitores de jornal, mas mais especificamente pessoas interessadas em questões ecológicas, com sensibilidade para assumir a sua parte no cuidado à natureza.

Tipologia dominante: argumentativa

Tema central (assunto): identificação de questões ecológicas e necessidade de comprometimento dos diferentes países quanto a sua solução.

P2

a) Tentativa de convencer as pessoas sobre a necessidade da realização de ações concretas na solução de problemas ambientais já identificados.

b) Sim, poderia ser utilizado o artigo de opinião e o ensaio, principalmente. São gêneros que também utilizam o modo de organização discursiva argumentativo.

Explorando mecanismos de linguagem

P1 Nível do consenso, em situação semiformal de uso da língua.

P2 Sim, já que o propósito é esclarecer os leitores e buscar uma mobilização em prol do coletivo.

A linguagem empregada está adequada, pois é cuidada, mas não tão rigorosa/ técnica que limite o público apenas aos conhecedores do assunto.

P3

a) “Todas essas decisões precisam ser reafirmadas agora” é o fato (ou a afirmação), seguidopela explicação “pois a maioria delas infelizmente ficou no papel”.

b) **Além disso**, diante dos evidentes prejuízos para a vida animal e a espécie humana, foram propostas legislações e tratados desde a primeira conferência mundial [...].

OU:

Em acréscimo a isso, diante dos evidentes prejuízos para a vida animal e a espécie humana, foram propostas legislações e tratados desde a primeira conferência mundial [...].

P4

Significados dos termos:

prognóstico (l. 29) previsão baseada no diagnóstico

protocolo (l. 39) padronização de leis e procedimentos que são dispostos para a execução de uma determinada tarefa

ratificar (l. 48) confirmar, validar, autenticar

inoperância (l. 59) não realização

indubitável (l. 60) que não deixa margem a dúvidas

Significado e sentido dos termos no texto:

tratados(l. 33)

significado: Acordos/ pactos resultantes da convergência das vontades de dois ou mais sujeitos/ grupos; obras que expõem de forma didática um ou vários assuntos de uma ciência/arte; ‘assunto tratado’, isto é, estudado, negociado, que recebeu algum tipo de tratamento.

sentido no texto: Acordos/ pactos entre países

atropeladas (l. 51)

significado: Confusas, desordenadas, precipitadas; atormentadas; postergadas; vitimadas por atropelamento

sentido no texto: Tratadas com negligência ou pressa; esquecidas

agora (l. 76)

significado: Nesta hora, neste instante, neste momento; atualmente, presentemente

sentido no texto: Hoje em dia; no presente (no momento da publicação do texto)

no papel (l. 77)

significado: (Algo) Escrito/ impresso

sentido no texto: (Algo) Acordado/ registrado; *ficar no papel* refere-se a algo acordado e não realizado

Relacionando texto e realidade

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Cada habitante do planeta deve incluir no seu dia a dia ações antipoluição e de economia de recursos naturais. Além disso, os governos dos diferentes países devem assinar acordos ambientais e cumpri-los.

P2 Isso ocorre, de fato, pois os meios utilizados para levar o produto até os consumidores poluem menos quando estes estão próximos aos centros de produção. *Sugestão:* Exemplificar com um produto comparando os preços do mesmo cultivado localmente e trazido de longe.

Ampliando a rede de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Pelo desenho, pode-se prever que se trata de um processo destruidor, provavelmente ecológico, transformando nosso planeta em um “aquário” e o homem em prisioneiro.

P2

Aspectos	Conteúdo
Tópico central	Aquecimento global
Posição defendida	Deve haver mudança nos padrões de consumo.
Dois argumentos que sustentam a tese	A previsão dos cientistas de eventos no futuro; mudanças climáticas e outros fenômenos concretos.
Causas principais das mudanças climáticas em nosso país	Desmatamento e queimadas, particularmente na Amazônia; uso de combustíveis fósseis.
Efeitos concretos no Sul do Brasil	Aumento da vazão da Bacia do Paraná.

P3 Trata-se de um editorial.

P4

a) A tese é que o Brasil possui boas condições para reverter a situação, desde que continue a investir nos combustíveis alternativos.

b) *Resposta pessoal. Sugestão:* O texto não dá conta de todas as formas de poluição, nem de todos os modos de combatê-la.

P5 *Resposta pessoal. Sugestão:* Alguns problemas são gerais (aquecimento, efeito estufa, desperdício, entre outros), mas há questões locais, como uso de agrotóxicos, tratamento de resíduos sólidos e líquidos. A maioria das providências cabe ao poder público (conscientização, normatização, fiscalização).

Produzindo textos em cadeia

Pj1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Produção de texto dentro dos parâmetros do gênero e divulgação.

Pj2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Produção de texto dentro dos parâmetros do gênero e divulgação.

Pj3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Projeto alternativo desenvolvido pelo aluno e/ou pelo grande grupo.

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal.* A atividade tem a intenção de levar o aluno a refletir sobre as estratégias de leitura de que se utiliza, identificando suas reações como leitor.

Sequência 6

Charge

Formas de ver a realidade

P1 Nosso planeta está em crise ambiental.

P2 A destruição de recursos do planeta pela utilização do automóvel.

P3 Em nome de um estilo de vida mais confortável, não temos o direito de destruir recursos naturais essenciais. Temos de repensar nossa vida no planeta para conservarmos o que nele existe.

P4 A intertextualidade ocorre com uma brincadeira infantil que se dá de forma dialógica entre dois participantes. “O gato comeu” é a resposta inicial da brincadeira, com o sentido de “sumiu, desapareceu”.

Preparando a leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Somos todos responsáveis pela escassez de água, pois muitas vezes esbanjamos esse recurso, por mais que tenhamos consciência sobre os males que isso implica.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* A expressão metafórica “uma gota d’água” pode lembrar limites ou significar o pouco que falta para acarretar uma determinada consequência. “Por uma gotad’água”, no contexto, pode sugerir também alguma ação motivada pelo valor da água.

Construindo os sentidos do texto

P1

Autor: Manoel Jesus

Posição social do autor: Professor da Escola de Comunicação da UCPel.

Propósito do texto: Convencer os governantes e os cidadãos a agir para preservar, hoje e para o futuro, os recursos naturais, em especial a água.

Público-alvo: Governantes municipais e cidadãos

Local da publicação: Porto Alegre (embora não apareça no material)

Data da publicação: 28 de julho de 2006

Veículo da publicação: Jornal Zero Hora

Momento histórico: Atualidade, com previsão de acontecimentos futuros

Gênero textual: Artigo de opinião

P2 Ao identificarmos informações contextualizadoras, entendemos melhor as relações de sentido estabelecidas no texto. A data de publicação, por exemplo, remete-nos ao contexto histórico e permite-nos relacionar esse contexto ao que o autor está expondo. Ao termos consciência do gênero de texto que estamos lendo, focamos nossa atenção na função comunicativa que ele concretiza, nas ideias nele contidas e nos possíveis fatos que são mencionados para corroborá-las.

P3 A tese é de que somos (governo e cidadãos) responsáveis pelos problemas de abastecimento de água relacionados à falta de conscientização ambiental, mas que podemos reverter o processo de destruição através da educação.

P4 Na última frase do último parágrafo parece estar implícito que a atitude passiva frente à destruição do planeta também provoca danos a ele. Os que não se pronunciarem a esse respeito e não agirem serão cúmplices ou agentes dessa destruição.

P5 Fica aqui o compromisso de que todos (os adultos) se empenhem para salvar o planeta. Percebe-se essa ideia em palavras ou expressões como “nossa parte”, “incriminados” e “omissão”.

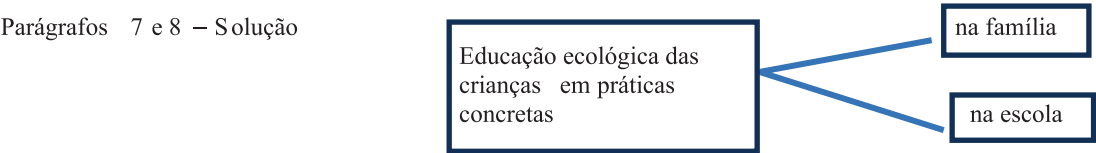
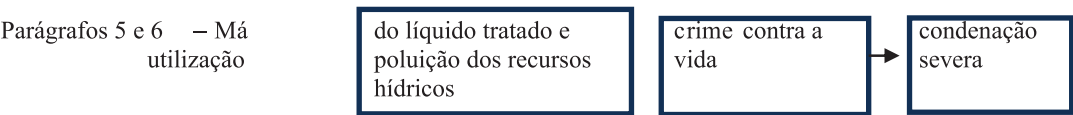
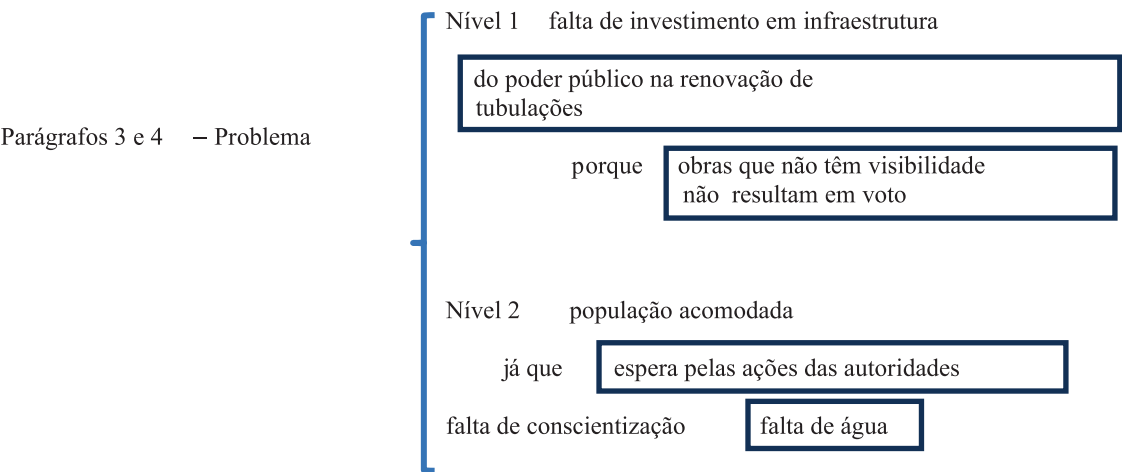
P6 *Resposta pessoal. Sugestão:* O autor pareceu bastante convincente quando falou da falta de conscientização da população, refletida em alguns atos que prejudicam o abastecimento com água potável, como o de atirar refugos em rios.

P7 A geração atual deve preparar a futura para que tenha um espírito de preservação. Esta é uma solução interessante porque estaremos formando pessoas com consciência ecológica, comprometidas com a continuidade da vida saudável em nosso planeta.

P8

Parágrafo 1 - Investimento dos municípios em barragens ou transposição de águas

Parágrafo 2 não é o maior dos problemas pois existe tecnologia para isso.



Parágrafo 9 – Investimento importante

para reverter esse quadro de desrespeito à natureza é a educação das crianças

No entanto, a geração adulta, hoje , não pode se omitir

P9

a) Resumo: Os transtornos com o abastecimento de água em algumas regiões não se devem necessariamente à falta de tecnologia. Uma das causas está em que as autoridades não privilegiam obras que não dão visibilidade política. Outra é que a população, considerando que esse é um problema das autoridades, desperdiça água ou polui mananciais existentes. Poluir recursos hídricos constitui delito comparável a crime contra a vida, merecendo severa condenação. Uma das saídas é educar as crianças para que, desde já, convivam com a natureza sem destruí-la. Mas o cidadão adulto também deve fazer hoje a sua parte nesse processo de respeito ao meio ambiente.

b) Conclusões/sugestões: Os cidadãos de todas as cidades precisam entender que têm uma influência importante sobre o meio ambiente. Não podemos jogar lixo nas ruas, porque isso entope os bueiros, provocando alagamentos. Não devemos também jogar o lixo em córregos, lagos e rios, porque essa atitude é altamente nociva à água neles contida, que é necessária à vida que existe nela. Precisamos de campanhas fortes junto às escolas, nas casas de nossas famílias, nas comunidades religiosas e na mídia para que se crie desde já um compromisso com a conservação do meio ambiente e com o uso racional da água. Por outro lado, o poder público também é responsável direto por ações nesse sentido.

Explorando mecanismos de linguagem

P1 No primeiro caso, o ponto de exclamação parece buscar envolver o leitor no sentimento de indignação que está sendo expresso, procurando torná-lo partícipe do pensamento geral de preservação. No segundo caso, a exclamação exprime entusiasmo. Se fosse empregado o ponto final no lugar da exclamação, por exemplo, os sentidos de indignação ou entusiasmo não receberiam destaque.

P2 As duas expressões que remetem à palavra água são “precioso líquido” e “elemento”. O recurso de substituição aqui adotado, no primeiro caso, lembra que a água é necessária ao homem; no segundo caso, a palavra substituidora aponta para o fato de a água ser um dos constituintes de nosso planeta.

P3 Transposição de águas (termo definido) é (ligação) uma ação de intervenção (categoria) pela qual se desvia um fluxo de água para dar vazão a outros cursos de água ou para abastecer outras regiões (diferenças).

P4

a) desperdício (4º parágrafo) – pode ser substituída por **esbanjamento**.

b) hídricos (5º parágrafo) – pode ser substituída por **relativos à água**.

P5 Ordem dos aspectos distribuídos na segunda coluna: 1; 3; 1; 3; 1; 4; 2

P6 Escassez de água no futuro.

Ampliando a rede de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se um texto religioso ou um texto em que se faça algum pedido a Deus.

P2

Autor: Cláudia Teixeira Panarotto

Posição social: Diretora do Instituto de Saneamento Ambiental da Universidade de Caxias do Sul

Propósito principal do texto: Convencer os cidadãos e os peregrinos de que alguns comportamentos inadequados, que podem prejudicar o ambiente natural, devem ser evitados.

Público-alvo: Principalmente, moradores da região de Caxias do Sul conhecedores da romaria a Caravaggio; pais; professores; estudantes; etc.

Local: Caxias do Sul (*embo ra não apareça no material*)

Data: sábado e domingo, 4 e 5 de junho de 2005

Veículo: Jornal Pioneiro

Momento histórico/social: O texto foi publicado no fim de semana em que se comemorou o Dia Mundial do Meio Ambiente.

Gênero Textual: Artigo de opinião

P3 Pessoas que dizem ter fé religiosa desrespeitam o meio ambiente, quando deveriam preservá-lo.

P4

Depoimento:

“Fui um entre os milhares de fiéis que peregrinaram até o santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, neste ano.”.

Raciocínio:

Não é uma atitude cristã poluir o ambiente.

Exemplos:

Fiéis jogam lixo no trajeto até o santuário.

P5 ... a falta de consciência do que seja bem comum, do que seja direito e dever dos cidadãos.

P6

Aspectos semelhantes:

Ambos os textos mostram que a população, por várias razões, como, por exemplo, a falta de consciência ecológica, desrespeita o meio ambiente.

Aspectos diferentes:

Educação das crianças para a conscientização ecológica (“Por uma gota d'água”)

Consciência ecológica e senso de coletividade dos fiéis adultos (“Oremos por ele”)

P7

Complementaridade.

Ambos tratam do tema *preservação ambiental* (questões referentes à água e ao lixo), mencionando duas situações em que a ausência da consciência ecológica chama a atenção.

P8 ... o modo argumentativo.

Produzindo textos em cadeia

Questão preliminar:

Resposta pessoal. Sugestão: Educando a população, através de campanhas desenvolvidas pelas autoridades, e incentivando condutas responsáveis, o quadro de destruição pode mudar.

Pj1 Projeto de trabalho: *respostas pessoais*. Baseando-se no esquema já apresentado na sequência, espera-se que o aluno monte outro para que sirva de apoio à apresentação oral que será feita posteriormente ao grupo. As fontes consultadas devem ser citadas oralmente ou por outra forma de exposição.

Pj2 Projeto de trabalho: *respostas pessoais*. Espera-se que o aluno redija um artigo de opinião sobre um tema do interesse dos universitários que, num primeiro momento, deve ser avaliado por um colega para identificação de possíveis incoerências ou de sugestões, etc. Seria interessante que o trabalho revisado fosse publicado.

Pj3 Projeto de trabalho: *respostas pessoais*. Produção de um minidocumentário a partir do que foi feito anteriormente na sequência, e das contribuições individuais específicas.

Pj4 Projeto de trabalho: *respostas pessoais*. Proposta de projeto personalizado

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* A leitura dos textos exigiu habilidades de comparar ideias, destacar tese e argumentos, identificar causa e consequência.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* A leitura sempre traz um acréscimo a quem a faz. Um exemplo neste caso é a sugestão de fazer com que as crianças entrem em contato com a natureza para amá-la e para preservá-la em função desse amor. Outra ideia interessante é que preservar a natureza também pode fazer parte de nossos atos como fiéis de uma religião.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Fazer julgamentos não é fácil; depende da forma como fomos educados a ver o mundo (em casa, na escola...). No caso das leituras efetuadas, deve-se ter um certo conhecimento e senso crítico sobre o assunto e muita consciência ecológica para se poder avaliar a pertinência das soluções propostas nos textos.

P4 *Resposta pessoal. Sugestão:* A habilidade de fazer julgamentos pode ser desenvolvida procurando-se conhecer e compreender os tópicos, usando seu conhecimento de mundo e comparando as informações encontradas em livros, reportagens, revistas, programas de TV, internet, etc.

Sequência 7

Charge

Formas de ver a realidade

P1 A figura mostra um menino (uma criança) com um sorvete que está derretendo na sua mão. Ele parece espantado e descontente com a situação.

P2 O sorvete tem a forma do globo terrestre e, assim, seu derretimento remete à idéia do aquecimento global.

P3 Esta charge apresenta só elementos não verbais, portanto, é através do pictórico que os sentidos se constituem. Pode-se entender a charge como uma constatação do que vem ocorrendo em termos de aquecimento do planeta e também como um alerta à humanidade, que age como uma criança espantada ou triste diante do fato.

Preparando a leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Nem tudo o que é publicado na internet, na imprensa e nos livros é fidedigno. É importante conhecer os autores, o lugar social de onde falam (sua formação, sua área profissional, sua produção) e verificar se as informações, posições e argumentos são pertinentes. É sempre interessante comparar informações e ideias com as de outros autores e de outros veículos, a partir do conhecimento prévio do leitor.

P2 É importante que o professor lembre ao aluno que, ao buscarmos informações consistentes e aprofundadas, nem todas as fontes de consulta são confiáveis. Em geral, informações com base científica são divulgadas em congressos e revistas científicas, mas revistas e seções de jornal que fazem divulgação acadêmica também podem ser boas fontes de informação para o público leigo. Programas de TV e sites especializados podem contribuir com informações consistentes.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Supõe-se que, a partir de informações consistentes, científicas, o texto vá fazer previsões de efeitos desagradáveis em relação provavelmente a alguma questão ecológica. Ou seja, o futuro da humanidade pode ser catastrófico.

Construindo os sentidos do texto

P1 *Resposta pessoal, relacionada às hipóteses levantadas na pré-leitura.* O resenhista considera a visão pessimista do autor do livro que ele analisa um pouco exagerada. Portanto, a hipótese em P3 não se confirma integralmente.

P2 Autor do texto lido: Ricardo Iglesias Rios

Lugar social do autor do texto lido: pesquisador do Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ou seja, um cientista, com experiência na análise de dados, com formação para investigar questões ecológicas.

Título da obra descrita: Uso inteligente da água. É o livro apresentado e comentado por Rios.

Autor da obra descrita: Aldo da Cunha Rebouças, geólogo e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, também um cientista experiente.

Veículo de publicação do texto: Ciência Hoje, revista brasileira que publica artigos e entrevistas sobre tópicos científicos e pesquisas atuais.

P3 Este texto é uma resenha, já que apresenta uma obra e seu autor, resume os principais tópicos da obra e faz uma avaliação crítica da mesma.

P4

Apresentar a obra: Parágrafo 1 (Este é um livro [...] um número crescente de países.)
Apresentar o autor que escreveu a obra: Parágrafo 2 (O autor [...] Universidade de São Paulo [...])
Resumir o conteúdo da obra: Parágrafo 1 (O livro se inicia [...] de pouco valerá.)
Parágrafo 2 ([...] dados relevantes [...] salinizando os solos.)
Parágrafo 4 (O título [...] é subterrânea.)
Avaliar a obra: Parágrafo 1 (muita informação importante; se justifica em parte) ;
Parágrafo 2 (apresenta de forma clara dados relevantes e estudos de casos [...] excelentes estatísticas [...]).
Tais informações deveriam ser consideradas [...] . [...] projetos vendidos como “a solução” [...] Uma leitura atenta do livro mostra um quadro um pouco diferente [...]).
Parágrafo 3 (A leitura do livro é agradável [...] Estados Unidos (p. 90))
Parágrafo 4 (O título é muito elucidativo [...])
Parágrafo 5 (Os números são corretos [...]. Mas existem algumas informações que, em geral, são sonegadas em todas as publicações sobre o tema e Rebouças não é uma exceção. [...])
Recomendar a obra: Vários aspectos e dados são avaliados como corretos e pertinentes, começando pelo título e ao longo dos parágrafos 1, 2, 3 e 4.

P5

Aspectos favoráveis	Aspectos desfavoráveis
1.o livro contém muita informação importante sobre o uso da água no Brasil e no mundo	1.o livro apresenta erros
2.o autor apresenta dados relevantes e estudos de caso de forma clara	2.o autor omite certas informações importantes sobre a água
3.o autor demonstra grande conhecimento teórico e prático sobre o tema	3.há um pessimismo exagerado do autor

P6 Rios faz ressalvas importantes (aponta erros) e acrescenta informações que servem de base para previsões mais otimistas, revelando que o resenhista corrobora os dados fornecidos, mas discorda da posição geral (pessimista) defendida pelo autor do livro. Os principais argumentos estão nos parágrafos 5 e 6.

P7 Se alguém poluir a água e depois tiver que reutilizá-la, certamente vai usar a tecnologia necessária para tratar os efluentes. Portanto, uma lei que obrigasse as indústrias a captarem água abaixo do local onde lançam o líquido já utilizado, colocaria os usuários da água como os únicos responsáveis pela sua qualidade. Ou seja, só teriam água em boas condições se despejassem água limpa no rio.

Explorando mecanismos de linguagem

P1

- a) agronegócios
- b) aquíferos
- c) erosão
- d) salinizar
- e) per capita

P2

- a) A expressão retoma tanto o conteúdo pessimista do enunciado citado entre aspas, especialmente o fragmento “já não será possível produzir alimentos, plantar árvores e o dinheiro do bolso de pouco valerá”, quanto a própria introdução da citação, que é bastante explícita.
- b) O referente da expressão são os dados e estudos de casos sobre as águas dos aquíferos subterrâneos e as estatísticas das perdas de água na irrigação, todos podendo ser retomados pelo termo mais genérico “informações”.

P3

a) “a solução” – ironia

b) ‘As estatísticas enganadoras’ – destaque ao título do capítulo

P4 Demonstra (o autor demonstra); chama a atenção (o autor chama a atenção)

P5 Contudo. Poderia ser substituída por “entretanto”, “no entanto” ou “todavia”

P6

Parágrafo 1: voz do autor do livro resenhado, Aldo da Cunha Rebouças.

Parágrafo 2: voz do resenhista, Ricardo Iglesias Rios.

Parágrafo 4: voz do resenhista, Ricardo Iglesias Rios.

P7

Um resumo possível seria:

Aldo da Cunha Rebouças, geólogo e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, escreveu o livro “Uso inteligente da água”, que trata de problemas referentes ao uso desse recurso natural no Brasil e no mundo. Estudos de casos sobre as reservas de águas subterrâneas e perda de água na irrigação, além de informações estatísticas sobre a disponibilidade de água no planeta, justificam a preocupação com a escassez de água no mundo, levando a uma visão pessimista quanto ao futuro do Brasil. Entretanto, o livro também apresenta alguns erros e omissões. Informações omitidas sobre a renovação da água na atmosfera, nos rios e oceanos permitem compreender que basta parar de poluir os rios e oceanos para que a natureza faça a reposição de água limpa.

Relacionando texto e realidade

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Um argumento forte pode ser o de que a leitura é agradável e que o autor conhece muito sobre o assunto. O livro poderá ser recomendado para colegas, amigos ou familiares interessados na questão do uso da água, por conter informações relevantes e atualizadas sobre o tema. Por outro lado, poderá não ser recomendado em função de faltarem algumas informações, que ajudariam a construir um ponto de vista menos pessimista.

Ampliando a rede de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno exponha suas reações e opiniões frente a assuntos polêmicos como, por exemplo, uma possível análise crítica, questionamentos e busca por maiores informações e argumentos.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Continuidade da reflexão feita anteriormente.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* É esperado que o aluno cite fontes como a internet, periódicos (revistas, jornais, ...), livros, TV, ...

P4 *Resposta pessoal. Sugestão:* Em geral, para verificar a confiabilidade, cruzamos as informações e procuramos saber sobre os autores (quem são, que formação têm, que trabalhos publicaram, quais são as críticas ao seu trabalho). Além disso, usamos nosso senso crítico e nossos conhecimentos para verificar se o que está sendo proposto é coerente, se faz sentido, de acordo com nosso conhecimento de mundo.

P5

Autor do texto: René Capriles

Propósito principal do texto: apresentar e avaliar uma obra

Data da publicação: 21/10/2006

Veículo de publicação: revista Eco21

Obra discutida no texto: o filme “Uma verdade inconveniente”

Público-alvo do texto: professores, alunos, profissionais liberais, cidadãos interessados no futuro do planeta, desde que tenham um nível médio de instrução.

P6

Apresentar a obra: Parágrafo 1 (Lançado [...] catástrofe total.)

Apresentar o autor que escreveu a obra: Parágrafos 3, 4 e 5 (Em 2008 [...] George W. Bush.)

Resumir o conteúdo da obra: Parágrafos 2, 5, 6 e 7 (No início [...] futuro imediato. [...] O filme narra [...]George W. Bush.) [...] Concebido [...] consequências. [...])
Avaliar o texto/ a obra original:
Parágrafos 1, 6, 7, 8 e 9 (fragmentos ao longo dos parágrafos)
Recomendar a obra: a avaliação positiva do filme assume também a função de recomendação implícita.
P7 Resenha

P8 René Capriles apresenta o filme “Uma verdade inconveniente” como uma obra inteligente e corajosa, que expõe francamente os graves problemas ambientais do planeta, com o objetivo de advertir a humanidade da necessidade de uma ação rápida no sentido de evitar a catástrofe que se anuncia.

P9

<i>Posição de Capriles</i> O filme é inteligente e corajoso e oferece informações e estatísticas bem fundamentadas para a discussão sobre o aquecimento global.	<i>Posição de Dias</i> O filme não tem grandes qualidades cinematográficas nem oferece contribuições relevantes para o aprofundamento da discussão sobre o aquecimento global.	<i>Resposta pessoal. Sugestão:</i> Espera-se que o aluno, a partir da análise dos textos (de Dias e de Capriles), aponte a sua opinião sobre o filme, ou sobre o conteúdo das resenhas lidas.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

P10

Resposta pessoal. Sugestão: Espera-se que o aluno responda a partir de seus possíveis contatos anteriores com o assunto.

P11

Resposta pessoal. Sugestão: Espera-se que o aluno responda conforme aquilo que refletiu após a leitura dos textos, revelando um certo senso crítico.

Relacionando texto e realidade

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno aponte soluções para o problema, que dependem tanto de ações individuais, quanto coletivas e governamentais.

Produzindo textos em cadeia

Pj1

- 1. Relatos orais de leitura em grupos de três
- 2. Produção de resenha de um livro lido, visando a um público específico. A resenha deverá apresentar a obra e o autor, resumir seu conteúdo, avaliar e recomendar ou não a obra. O produto final, após reescrito, deverá ser divulgado de algum modo.

Pj2 *Sugestão:* Elaboração e execução de entrevista, análise das respostas e produção de um artigo de opinião, visando à publicação.

Pj3 *Proposta pessoal* , que envolva produção de um gênero discursivo oral ou escrito e sua socialização.

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal.* O ideal seria marcar todas as alternativas.

Sequência 8

Charge

Formas de ver a realidade

P1 Uma agência de turismo intergaláctica com uma chamada para não perder a oportunidade de visitar o planeta Terra antes que ele acabe.

P2 A ideia de que o nosso Planeta Terra está prestes a se extinguir, por conta de sérios problemas ecológicos.

P3 Os ETs e as figuras dos cartazes remetem à ideia do inusitado mundo extraterrestre, mas as vestimentas e os apetrechos são semelhantes aos usados por nós, humanos.

Preparando a leitura

P1 *Resposta pessoal. Suge stão*

Problemas	Soluções
Aquecimento global	Diminuir os gases poluentes Utilizar meios de transporte coletivo ou alternativos Economizar os recursos naturais
Poluição dos rios	Cuidar do lixo Optar por produtos biodegradáveis Tratar dos esgotos
Destruição da flora	Evitar desmatamentos por meio de uma fiscalização rigorosa e de um processo de reeducação da população Investir em reflorestamento

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Teia é o tecido do tear da aranha; é a rede interligada de computadores; é o complexo sistema nervoso; teia interliga, relaciona, conecta, une, comunica.

Construindo os sentidos do texto

P1 Realização de uma leitura rápida e superficial, para tomar contato com os dados mais salientes do texto.

P2

Autor do texto: Fritjof Capra
Título do texto: Ecologia Profunda: um novo paradigma
Título do livro que contém o texto: A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos
Em que seção da obra o texto aparece: capítulo 1
Edição: não informa
É texto traduzido: sim
Traduzido por: Newton Roberval Eicheberg
O local da edição: São Paulo
Editora: Cultrix
Ano de publicação: 1996

P3

- a) **público-alvo:** professores, alunos do ensino médio e universitário, profissionais da área da saúde, da biologia, da física, religiosos, pesquisadores e estudiosos das “ciências da vida”.
- b) **tema:** ecologia profunda: novos paradigmas com base na ética, revendo valores do pensamento humano, e consciência ecológica que reconhece a interdependência de todos os fenômenos.
- c) **gênero:** ensaio científico

P4

Visão Holística	Visão Ecológica
A visão holística refere-se à interdependência entre as partes de um todo.	A visão ecológica trata da interdependência fundamental entre todos os fenômenos inseridos em seus respectivos ambientes (naturais e sociais).

P5

	Crise de percepção	Mudança de paradigma	Ecologia profunda
	A crise de percepção consiste em não se perceber que os	A mudança de paradigma significa a passagem da visão de mundo mecanicista	A ecologia profunda concebe uma visão de mundo como um todo

Ideia central	problemas de nossa época não podem mais ser entendidos isoladamente.	para uma visão holística e ecológica.	integrado, considerando o contexto natural e social.
Um argumento	Os problemas atuais são sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes.	As mudanças no âmbito da ciência e da área social, provocadas pela exploração dos mundos atômicos e subatômicos, fizeram com que os cientistas, em contato com essa nova realidade, percebessem que suas concepções básicas, sua linguagem e todo o modo de pensar eram inadequados para explicar os fenômenos.	A ecologia profunda reconhece a interdependência de todos os fenômenos encaixados nos processos cíclicos da natureza e da vida social.

Conteúdo central dos fragmentos acima:
O texto trata de uma nova compreensão científica da vida, expressa no conceito de ecologia profunda. A ecologia profunda concebe o mundo como um todo integrado e reconhece a interdependência de todos os fenômenos encaixados nos processos cíclicos da natureza e da vida social, inseridos em seus contextos. A crise de percepção consiste em não se perceber que os problemas de nossa época não podem mais ser entendidos isoladamente, já que são sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Essa crise de percepção gerou a passagem da visão de mundo mecanicista para uma visão holística e ecológica, chamada de mudança de paradigma. As mudanças no âmbito da ciência e da área social provocadas pela exploração dos mundos atômicos e subatômicos fizeram com que os cientistas percebessem que suas concepções básicas, sua linguagem e todo o modo de pensar eram inadequados para explicar os fenômenos.

Explorando mecanismos de linguagem

- P1
(f)
(a)
(e)
(c)
(b)
(d)
() a última não tem correspondência

- P2
a) operadores argumentativos:
“ainda” – um processo que se encontra a caminho ou que já acontece; não é pleno, mas traz a ideia que o será futuramente.
“até mesmo” - inclusão de um aspecto inesperado, no caso, o “existencial”.

- b) adição

c) referência:
“este” - posterior
função da expressão:
“isto é” - explicar

- d) referência
“delas” – soluções

- e) preenchimento das lacunas do texto:
1. suas
2 .que
3. e

- 4. e
- 5 .por causa
- 6. Essa
- 7. que
- 8. Embora
- 9 .ela
- 10. já que
- 11. cujas

Relacionando texto e realidade

P1 Resposta pessoal. Sugestão:

ECOLOGIA

Problemas	Soluções sustentáveis
Aquecimento global (<i>Solução sugerida Anteriormente</i>): diminuir os gases poluentes; utilizar meios de transporte coletivo ou alternativos; economizar os recursos naturais.	a. Necessidade de mudança de paradigma para perceber que é urgente tratar a ecologia de forma integrada. Por exemplo: Preservar todas as formas de vida humana e não humana do planeta, ou seja, evitar testes com animais ou mantê-los em cativeiro, não contaminar o meio ambiente com produtos químicos, eliminar a fabricação de armas destruidoras, entre outras medidas.
Poluição dos rios (<i>Solução sugerida Anteriormente</i>): cuidar do lixo; optar por produtos biodegradáveis; tratar dos esgotos.	b. Mudança da organização social hierárquica para o sistema de redes em que todos são valorizados e integrados. Por exemplo: Adotar uma visão de comunidade sustentável, de modo a satisfazer as próprias necessidades, garantindo também os direitos das gerações futuras.
Destruição da flora (<i>Solução sugerida Anteriormente</i>): evitar desmatamentos por meio de uma fiscalização rigorosa e de um processo de reeducação da população; investir em reflorestamento.	c. Mudança para uma visão ecocêntrica, que valoriza todos os membros que integram a rede, por reconhecerem-se interdependentes. Por exemplo: Usar os recursos naturais racionalmente, sem destruí-los, e somente por motivos justos.

P2

Relação de termos para preencher as células vazias na rede:

ecologia – educação – sustentabilidade – ser humano – flora – fauna – minerais – valores – justiça – meio ambiente – ética – aquecimento global – efeito estufa – preservação da natureza – biodegradável – sensibilidade ecológica.

P3 Resposta pessoal. Sugestão:

- a) (X) Sim
- b) Porque me sinto fazendo parte da rede, integrando o ecossistema e sendo corresponsável na preservação da vida no planeta Terra.

P4 Resposta pessoal. Sugestão:

- a) Dar exemplo aos demais com atitudes de preservação da natureza.
- b) Promover ações que visem educar as novas gerações para que tenham consciência do problema ecológico e integrá-las nessa luta ecológica.
- c) Procurar atender, em todos os momentos da vida, como em doses homeopáticas, aos apelos para a preservação da vida social e do meio ambiente.

Ampliando a rede de leitura

P1 É importante que a geração atual poupe e preserve bens primários, como, por exemplo, a água, para as gerações futuras (perspectiva intergeracional) terem condições de sobrevivência. No entanto, para isso, é

importante também que cada geração (perspectiva intrageracional) siga “o princípio da diferença” para alcançar a justiça distributiva desses bens entre seus membros. Todas as gerações (sincronicamente, isto é, num momento determinado do tempo e diacronicamente, ou seja, relativamente à evolução no tempo) precisam contribuir para a preservação de “uma sociedade justa”.

P2 A “poupança justa” consiste no comprometimento de cada geração em garantir bens primários às gerações futuras, como um princípio de justiça a ser seguido por estas também, e assim sucessivamente.

P3 Percebe-se uma preocupação comum nesses textos que consiste na necessidade de as gerações atuais perceberem que precisam preservar bens naturais para as gerações futuras. No texto da sequência 3 (carta ao leitor “O país dos seus filhos”), há a preocupação da geração atual em consertar erros do passado para garantir aos seus filhos um país melhor. No texto desta sequência (“O Princípio da Poupança Justa”), há a preocupação de que cada geração siga princípios de justiça para que as gerações futuras tenham garantido o direito de ter bens primários para poder viver.

Produzindo textos em cadeia

Pj1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que os alunos organizem um seminário para que, ao discutir ideias afins às de Sartre e Capra, ampliem o quadro teórico do grande grupo. Por fim, sugere-se a composição de um volume que inclua as leituras da turma para referências futuras.

Pj2 *Resposta pessoal. Sugestão:* Espera-se que o aluno produza um ensaio acadêmico que obedeça às características desse gênero, com socialização posterior.

Analisando o próprio processo de leitura

P1 *Resposta pessoal. Sugestão:* Os textos fizeram-me pensar que as ações e atitudes tomadas por uma geração têm repercussões nas gerações subsequentes. Assim, se, hoje, em relação à natureza, precisamos sanar erros do passado, temos de ter consciência para não repetir esses erros.

P2 *Resposta pessoal. Sugestão:* A importância de se ter o paradigma da ecologia profunda, numa perspectiva holística, em que todos se sintam integrados, numa relação de interdependência, nos processos de preservação do ecossistema.

P3 *Resposta pessoal. Sugestão:* Leitura, análise e reflexão sobre os textos.

P4 *Resposta pessoal. Sugestão:* As orientações dadas para essas práticas de leitura permitiram-me fazer uma melhor leitura dos textos, pois me auxiliaram a perceber as inter-relações das ideias, dos argumentos, e, conseqüentemente, chegar a uma maior compreensão leitora.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM tem uma proposta simples, mas ambiciosa: oportunizar aos alunos o desenvolvimento da competência discursiva para interagir nas situações do cotidiano, no âmbito educacional e fora dele. Nesse sentido, propõe a leitura de diversos gêneros discursivos, a partir da experiência prévia do leitor, com foco nos aspectos referentes ao autor e ao leitor e aos seus propósitos comunicativos, inseridos num determinado contexto. As atividades propostas incitam à reflexão e à tomada de decisões, tendo em vista uma ação social efetiva. A rede temática que perpassa os textos diz respeito a questões ambientais, a partir de vários ângulos: informação, crítica, humor e poesia, visando não só à construção de conhecimento, mas ao desenvolvimento do senso ético e estético, como fatores de humanização do indivíduo e da sociedade.

Este é um livro didático que foi construído em torno da concepção de que aprender língua/linguagem é atividade que se dá nas práticas sociais, no uso da língua para interagir uns com os outros, em situações autênticas. As tarefas propostas, entre as quais projetos de trabalho, foram construídas a partir desses pressupostos, mas sem negligenciar a análise e sistematização de recursos linguísticos, indispensáveis para a realização de nossas produções verbais.

A quem se destina este livro? A alunos, que poderão estar concluindo o Ensino Médio ou iniciando o Ensino Superior, e a seus professores, que poderão encontrar nele sugestões de trabalho numa abordagem sociointeracionista. Destina-se também a quem interrompeu os estudos e agora deseja ampliar seus níveis de letramento. Em última análise, destina-se a todos os que querem praticar mais o diálogo ao ler, escrever e falar sobre si mesmos, sobre o mundo e para o mundo.

Patrocínio

SECCARE

TIMO

